



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO ACRE  
CENTRO DE EDUCAÇÃO E LETRAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENSINO DE HUMANIDADES E  
LINGUAGENS - PPEHL**

**KELY COSTA DE LIMA**

**O ENSINO DA LÍNGUA INDÍGENA NA ESCOLA *IXÛBÃY RABUÍ* PUYANAWA NO  
ENSINO FUNDAMENTAL I: A FERRAMENTA AGREGADORA PARA O  
FORTALECIMENTO CULTURAL**

**CRUZEIRO DO SUL - ACRE**

**2023**

**KELY COSTA DE LIMA**

**O ENSINO DA LÍNGUA INDÍGENA NA ESCOLA *IXŪBÃY RABUÍ* PUYANAWA NO  
ENSINO FUNDAMENTAL I: A FERRAMENTA AGREGADORA PARA O  
FORTALECIMENTO CULTURAL**

Dissertação apresentada à Banca Examinadora como requisito para obtenção do título de Mestra pelo Programa de Pós-graduação em Ensino de Humanidades e Linguagens da Universidade Federal do Acre – Campus Floresta

Orientador (a): Prof. Dr. José Alessandro Cândido da Silva.

**CRUZEIRO DO SUL - ACRE**

**2023**

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca Setorial de Cruzeiro do Sul - UFAC

---

L732e Lima, Kely Costa de, 1990-

O ensino da língua indígena na escola Ixūbāy Rabuĩ Puyanawa no ensino fundamental I: a ferramenta agregadora para o fortalecimento cultural / Kely Costa de Lima;

Orientador: Dr. José Alessandro Cândido da Silva. - 2023.

177 f.: il; 30 cm.

Dissertação – Universidade Federal do Acre, Programa de Pós-Graduação em Ensino de humanidades e Linguagens, Cruzeiro do Sul - AC, 2023.

Inclui anexo, apêndice e referências bibliográficas.

1. Ensino diferenciado. 2. Língua Puyanawa. 3. (re)afirmação identitária. I. Silva, José Alessandro Cândido da. II. Título.

CDD: 370

---

Bibliotecária: Jéssica Maia Amadio CRB-11º/1009

**O ENSINO DA LÍNGUA INDÍGENA NA ESCOLA IXÛBÃY RABUÏ PUYANAWA NO  
ENSINO FUNDAMENTAL I: A FERRAMENTA AGREGADORA PARA O  
FORTALECIMENTO CULTURAL**

Kely Costa de Lima

Dissertação apresentada em 23/03/2023 e considerada aprovada no Programa de Pós-graduação em Ensino de Humanidades e Linguagens da Universidade Federal do Acre, Campus Floresta, como requisito para a concessão do Título de Mestre em Ensino de Humanidades e Linguagens.

Prof. Dr. Cleidson de Jesus Rocha

Coordenador do Curso

**Banca examinadora:**

Prof. Dr. José Alessandro Cândido da Silva

Universidade Federal do Acre – Ufac

(Orientador e Presidente)

Prof<sup>a</sup>. Dra. Simone Cordeiro Oliveira Pinheiro

Universidade Federal do Acre – Ufac

(Membro interno)

Prof<sup>a</sup>. Dra. Maria de Jesus Morais

Universidade Federal do Acre – Ufac

(Membro externo)

Prof<sup>a</sup>. Dra. Cleide Vilanova Hanisch

Universidade Federal do Acre

(Membro Externo – Suplente)

CRUZEIRO DO SUL – ACRE

2023

À *Epavurã* (Deus Pai Criador) que me fez forte para superar os obstáculos encontrados. Ao povo Puyanawa e aos espíritos ancestrais. Aos seres encantados da floresta Puyanawa. Aos disseminadores e incentivadores da *Ũdikikuĩki*. Aos Puyanawa mirins representados em três sementes germinadas em meu ventre: *Ãdeterã* (Diogo Raphael), *Paxĩdu Vake* (Diego Arthur) e *Heydaka* (Danillo Gabryel).

## AGRADECIMENTOS

Faço aqui alguns agradecimentos àqueles que foram essenciais ao longo de minha (as) trajetória (as). Um momento mais que especial, onde exponho com carinho, respeito e gratidão o meu reconhecimento a cada um que contribui direta ou indiretamente para a concretização deste sonho!!!

Agradeço primeiramente a *Epavurã* (Deus Pai Criador), de todos nós, indígenas e não indígenas pela sua infinita bondade e por ter me dado a oportunidade, força e sabedoria para vencer os obstáculos encontrados durante esta caminhada e principalmente por guiar-me nas horas em que mais precisei e preciso.

Não poderia deixar de agradecer também aos inúmeros percalços e pedras encontradas nesta árdua jornada. A todos que direta ou indiretamente tentaram me desequilibrar e me deixar frágil a ponto de desistir de um sonho não somente pessoal, mas também profissional com vistas a agregar e contribuir para com o meu povo. Agradeço incomensuravelmente a todos, os tropeços nas pedras me deixaram mais forte e corajosa, sem medo de ir em busca dos meus ideais.

Ao meu povo, povo originário deste lugar, guerreiro e lutador: Puyanawa pelos mais de 500 anos de resistência e resiliência. Um povo autêntico, que segue firme em busca de seus ideais.

Às lideranças Puyanawa, que todas se sintam contempladas na pessoa do cacique, líder espiritual do nosso povo e também nosso representante no Poder Legislativo do Município de Mâncio Lima: *Xanãybu Divake* (Joel Ferreira de Lima) pelo apoio durante mas esta etapa de qualificação tanto pessoal quanto profissional.

Não poderia deixar de mencionar também o meu *pahnã kuka Puwe* (querido tio Puwe) e sua esposa *Vari* pelo carinho e confiança creditados a mim. Grandes e importantes lideranças do povo Puyanawa, pelo quais eu tenho grande apreço, respeito e admiração.

Aos anciãos e anciãs das aldeias Barão e Ipiranga nas pessoas das minhas *pahnã yaya* (queridas tias) Railda Manaitá e Sofia Lopes: “grandes mulheres.” Verdadeiras guerreiras, pioneiras no despertamento para o estudo e ensino de língua indígena como uma forma de fortalecer a (as) identidade (es) Puyanawa. Verdadeiro exemplos de resistência e resiliência feminina.

Agradeço *in memoriam* aos ancestrais Puyanawa, que hoje encontram-se em outro plano espiritual, de onde nos emanam força, energias positivas, sabedoria e resistência no despertamento e valorização da cultura Puyanawa, agregando vários aspectos culturais, nas quais destaco a nossa *Ūdikikuĩki* (língua verdadeira). Estes foram pioneiros, incentivadores e disseminadores, verdadeiros *Kãdea Baytiavu* (professores), alguns deles nem cheguei a conhecer, outros não tenho muitas lembranças pois eu era apenas uma criança, outros me recordo perfeitamente é como se nunca tivessem nos deixado e através da pesquisa realizada conheci o legado deixado. Agradeço as nossas raízes ancestrais, nas seguintes pessoas: *Ixubãy*, Jardim, Luis Manaitá e Mário *Mãpa*...

Aos *Kãdea Baytiavu* (professores) aposentados da comunidade Puyanawa. Que têm histórias de lutas e também têm nosso reconhecimento pelo legado construído ao longo de uma vida e que hoje são nossas fontes de pesquisas: verdadeiras bibliotecas vivas: Sofia Lopes, Olinda Martins, Jorge Constant, Clemilda Manaitá, Maria de Loudes e Francisca Delsuite.

A Escola Estadual Indígena *Ixũbãý Rabuĩ* Puyanawa, lócus de minha pesquisa. A gestão da referida escola, pela compreensão e apoio necessário: *Awĩvukuis* (Maria Alice), *Wetsa* (Franciso Devani), *Kãde Tãdah* (Vildna Dias), Ilson Martins e Enivandro Nascimento. Minha cara tia e gestora, diariamente eu lembro de suas palavras: “aconteça o que acontecer, voçe não desista do seu mestrado Kely”, sem duvidas suas palavras me ajudaram na caminhada.

Aos colegas de trabalho, *Kãdea Baytiavu* (Professores) da escola *Ixũbãý Rabuĩ* Puyanawa, vocês foram fundamentais durante esta jornada de via de mão dupla: altos e baixos. São eles: *Wehva* (Maria José Martins), *Awĩ Ũdia* (Maria auxiliadora Tesquim), *Awĩ Rutzaya* (Naiara Araújo), *Vuxĩ* (Odenir Nascimento), *Ũdia* (Marcilene Porrracai), *Rake Kãy* (Samuel Rondon), *Xinã* (Maria Valéria), *Peykãba* (Maria de Fátima), *Akutxu* (Francisca Arlete), *Awĩ Sakuiruya* (Núbia Santos), *Íbata* (Maria Chaves), *Iravu Tãdayate* (Davi Ferreira), *Sĩsuwake* (Luzitana Martins), *Divi Txuku* (Rosângela Martins), *Kunĩwaway* (Eduardo Lima), *Hĩdaka* (Evaldo), *Dawaway* (Francisco Carlito), *Awĩ Nãni* (Edevânia Alves), *Kãderuya* (Marnizia). A todos vocês meu respeito e gratidão!

Agradeço em especial os *Kãdea Baytiavu* (professores) do Ensino Fundamental I: *Wehva* (1º ano), *Awĩ Ũdia* (2º ano), *Awĩ Rutzaya* (4º ano), *Vuxĩ* (5º ano), *Ũdia* (Atendimento Educacional Especializado – AEE), *Xinã Yruya* (Práticas Ecológicas e Culturais do Povo Puyanawa – PECPP) e *Rake Kãy* (Língua Indígena Puyanawa). *Iskawa* (obrigada) pelo apoio e principalmente pela paciência que vocês tiveram comigo. Quantas mensagens no whatsapp, chamadas de voz, áudios. Gratidão!!!

Aos servidores de apoio: Vanderlei, Carlos, Maria de Loudes, Defiria e Maria José. A vocês externo meu respeito e gratidão.

A todos os alunos da escola *Ixũbãý Rabuĩ* Puyanawa, em especial aos do Ensino Fundamental I e em especial ainda aos meus queridos alunos do 3º ano, os quais faço questão de nomeá-los: *Huke* (Adrian), *Txahkubi* (Ane Melissa), *Aeruhba* (Daniel), *Daypũdu* (Elize Vitória), *Isku* (Felipe Eduardo), *Wawa* (Hugo), *Ruynã* (Isabel), *Pidu Vake* (Jussara), *Bareste* (Luis Jesus), *Xãki* (Viviane), *Rue* (Nauan), *Txukuhu* (Aycha), *Isa* (Wellington). Amo cada um de vocês, cada sorriso e cada abraço recebido foi essencial durante esta caminhada!

A querida professora Esther Maia (*Divakea*) pelas palavras de incentivo, obrigada por se fazer presente na minha vida e obrigada também por permitir o uso de seu texto em minha dissertação.

Ao amigo, primo e profissional da educação assim como eu, Deyvety Puyanawa. Gratidão por nossas conversas, nem sempre presenças, mas que foram importantes nessa caminhada. A você, tenho grande respeito, estima e consideração. Avante viu,

quero poder em breve desfrutar da alegria de saber que você está no mestrado também.

A Universidade Federal do Acre – Ufac, por nos proporcionar a oportunidade de percorrer novos caminhos, novas experiências e novos conhecimentos com a implementação do Programa de Pós-Graduação em nível de mestrado em Cruzeiro do Sul – Acre.

Ao Programa de Pós-Graduação em Ensino de Humanidades – PPEHL, representado na pessoa do atual coordenador, o Prof. Dr. Cleidson de Jesus Rocha.

Aos professores do Programa de Pós-Graduação em Ensino de Humanidades e Linguagens – PPEHL da Universidade Federal do Acre – Ufac, *Campus Floresta* – Cruzeiro do Sul - Acre, com suas interferências por meio de suas discursões e reflexões em cada disciplina cursada, facilitaram para que eu pudesse visualizar outros caminhos e novas perspectivas para o desenvolvimento da pesquisa. Apesar das dificuldades para execução das aulas virtuais para ambas as partes, foram excelentes profissionais.

Aos amigos e colegas de curso, uma turma diferenciada das quais já tive contato. O nosso contato se deu por uma sala virtual onde não tivemos a oportunidade de nos conhecermos presencialmente. Especialmente Maria José Chaves dos Santos (*Íbata*), Puyanawa assim como eu, pelas longas conversas, pelo apoio e encorajamento para minha pesquisa, pelo apoio, pelas palavras de incentivo nessa caminhada. A você minha cara colega, prima, amiga e parceira de trabalho foi Deus quem nos sustentou e orientou em primeiro lugar.

Ao secretário do Programa de Pós-Graduação em Ensino de Humanidade e Linguagens (PPEHL), Francisco Jarlison Marques da Silva, por sua empatia, dedicação, ética, profissionalismo, competência e disposição em nos atender com serenidade, paciência e espírito de generosidade. Tantas coisas você resolveu para mim com excelência e facilidade, isso mostra o profissional que você é.

Ao meu orientador Prof. Dr. José Alessandro Cândido da Silva que além do profissionalismo, traz em sua essência um ser humano incrível. Nosso contato ao longo desse percurso se desenhou à base do diálogo, respeito, empatia, companheirismo, dedicação e compromisso. Com certeza, não foi por acaso que Deus colocou o senhor na minha vida, o senhor foi mais que um orientador, foi e é um verdadeiro amigo no qual tenho imenso respeito e admiração.

Às profas. doutoras Simone Cordeiro, Maria de Jesus Morais e Cleide Villanova, integrantes da banca examinadora. Agradeço pelas contribuições, considerações e sugestões que possibilitaram o aprimoramento da escrita da minha dissertação de mestrado. Professoras renomadas da Universidade Federal do Acre – Ufac.

Aos colegas e amigos: João Batista Shawadawa, Valdirene Apurinã, Eliana Nukini e Leila Nukini. Apesar da distância física mantemos nossos laços afetivos com carinho, respeito, amor e amizade, onde um torce pelo sucesso do outro. Minha caminhada no mestrado está quase acabando e novas oportunidades surgirão. O João já é doutorando e sempre foi para mim uma referência de ser humano e continuará sendo,

a Valdirene já é mestra e esbanja sabedoria e humildade, a Leila é recém mestranda e poderá contar com minhas contribuições, estarei sempre aqui conforme permissão de Deus, a Eliana (Lia como costume chamar) é uma excelente professora indígena atuante na educação escolar de seu povo. Te admiro muito amada pela coragem e determinação com que leva a vida, breve espero que possamos estar compartilhando momentos juntas, onde você estará falando dos dilemas da vida de uma mestranda. A vida nos mostrou caminhos diferentes, cada um de nós com sua vida, mas quando nos encontramos ou nos falamos é como se o tempo não tivesse passado. Isso é que eu chamo de amizades verdadeiras onde apesar das distâncias geográficas que nos separam, nós temos essa relação de amizade onde a conquista de um é a alegria do outro. Amo vocês!

À minha família, que me dar força, apoio e subsídio necessário para seguir em frente, mesmo diante dos inúmeros percalços encontrados, pois chegar até aqui não foi nada fácil: a todos vocês meus amores serei eternamente grata!

A você Jarison, também sou grata. Mesmo diante de nossas diferenças, nossas idas e vindas, horas esposo, horas ex esposo e atualmente ex esposo de fato, mas o que importa foram os momentos vividos e o apoio a mim concedido, mesmo que você em momentos não compreendesse muito bem a complexibilidade e as dificuldades da vida acadêmica. Mas apesar de tudo sempre foi e é um ser bom humano, com falhas, defeitos e qualidades como todos nós. Você fez muitas vezes o papel de mãe enquanto estive ausente.

A minha ex sogra e grande amiga, Maria José Martins de Lima, conhecida na aldeia popularmente como Mariazinha, que tem sido mais que uma avó para meu filho mais novo, a senhora tem sido uma verdadeira mãe. A senhora e o seu Duca são mais que ex sogros, que amigos, são assim como pais, pessoas nas quais tenho grande apreço, respeito e admiração. Contem sempre comigo, gratidão!

A minha prima, amiga e parceira de trabalho *Peykãba* (Maria de Fátima). Gratidão é a palavra que define o que sinto nesse momento, só em lembrar que no momento tão difícil de minha vida onde estava na correria da escrita dessa dissertação e o com a doença da minha mãe, onde fiquei totalmente perdida, você além de suas inúmeras responsabilidades, assumiu minha sala de aula e foi uma excelente professora para meus alunos, e além disso sempre me direcionou palavras de encorajamento e me fez acreditar que eu seria capaz. Conte comigo minha querida, ao precisar de uma mãozinha, lembre-se que eu tenho duas!!!

A minha prima de Rio Branco, Milene Santiago que nesta reta final me ajudou sempre que precisei. Em meio as idas e vindas ao Pronto Socorro de Rio Branco e entre uma conversa e outra, surgiam conversas sobre meus estudos no mestrado e minha escrita da dissertação. Ela me dizia: Kelinha você vai conseguir. E quando surgiam aqueles requerimentos de praxe para preencher e enviar de volta a secretaria do curso, onde eu sem jeito enviava mensagens pedindo ajuda na impressão e você minha querida não só imprimia como mandava deixo até mim. Como te agradeço e sou grata minha prima!

Aos meus irmãos Enilson Costa de Lima e Jonas Kennedy da Costa Lima, que apesar de nossas diferenças, temos um bom convívio e vocês tem sido ao longo de minha vida mais que tios dos meus filhos, vocês têm atuado na vida deles como verdadeiros pais e isso eu serei eternamente grata.

A minha cunhada, madrinha e colega de trabalho *Kãde Tãdah* (Vildna Dias) pelo companheirismo e acima de tudo por me ouvir sem me julgar. Pelo apoio com os meus pequenos, sendo ao longo desse percurso uma verdadeira mãe, principalmente para o Diego Arthur. Obrigada pelas longas conversas sobre diferentes autores, sugestões e contribuições, tanta de leitura quanto na escrita, e também com as cobranças do tipo: Kely, como anda a escrita da dissertação??? Se inicialmente eu a ajudei de alguma forma na sua caminhada no Programa de Pós-Graduação em Letras: Linguagens e Identidades – PPGLI, nesse momento a senhora tem é saldo na minha mão!

Aos meus filhos, que tiveram que se acostumar com minha ausência durante as aulas, escrita de artigos e da dissertação. Quantas vezes estive a todo vapor no computador e vocês querendo atenção. Mas Deus sabe que todos os meus esforços são também por vocês, meus amores, com a intenção de poder lhes oferecer uma vida melhor. Vocês são também a razão pela qual luto diariamente! Este ciclo esta quase se encerrando e logo teremos mais disponibilidade de tempo para desfrutarmos de momentos únicos e especiais para tentar recuperar o tempo perdido.

Aos meus pais: Sidilene Barbosa da Costa e Eliaci Martins de Lima. Exemplo de superação. A vocês agradeço todos os esforços que fizeram para que eu e meus irmãos pudéssemos dar continuidade a nossos estudos, mesmo diante de inúmeras dificuldades. Minha mãe! Como agradeço pelas vezes que você insistiu para que eu continuasse a escrita e que não desiste, sempre com a preocupação em ajudar a todos. Não me sai da mente as suas palavras dias antes da senhora adoecer. Se eu ainda estou de pé, firme e prosseguindo a caminhada e nesse momento escrevendo os meus agradecimentos, já na reta final para a conclusão do curso de mestrado, tenho certeza que suas palavras muito me ajudaram. Apesar da senhora não estar aqui do meu lado fisicamente, sei que esta conquista deixa a senhora orgulhosa.

Finalizo aqui meus agradecimentos, mais uma vez agradecendo primeiramente a Deus pela dádiva da vida, e por tudo que ele tem possibilitado realizar e conquistar na minha vida. Eu digo com toda convicção, eu tenho pessoas maravilhosas em minha vida, tive e tenho uma rede de apoio maravilhosa, gratidão meu Deus!!!

## RESUMO

Esse estudo emerge a partir do olhar de uma indígena Puyanawa atuante na educação escolar de seu povo, de modo a evidenciar o trabalho que vem sendo desenvolvido pela Escola Estadual Indígena *Ixũbãý Rabuĩ* Puyanawa, tendo em vista a instituição figurar como uma grande aliada e ferramenta fundamental diante do processo de (re)afirmação identitária e valorização cultural que o povo vivencia atualmente. O estudo intitulado “O ensino da língua indígena na escola *Ixũbãý Rabuĩ* Puyanawa no Ensino Fundamental I: a ferramenta agregadora para o fortalecimento cultural”, tem como objetivo geral analisar como é desenvolvido o ensino de língua indígena nas séries iniciais do Ensino Fundamental I: 1º ao 5º ano, e, como este por sua vez vem a contribuir com o fortalecimento cultural do grupo étnico Puyanawa. Para que fosse possível concretizar esse objetivo, foram produzidos os seguintes objetivos específicos: fazer uma breve contextualização e organização interna sobre a terra e o povo Puyanawa; conhecer os principais disseminadores e o processo de implementação da disciplina de língua indígena na escola *Ixũbãý Rabuĩ* Puyanawa, identificando os avanços e dificuldades encontrados; descrever como ocorre o ensino de língua indígena Puyanawa nas séries iniciais do Ensino Fundamental (1º ao 5º ano) na escola *Ixũbãý Rabuĩ* Puyanawa, identificando sua contribuição para o fortalecimento cultural do povo Puyanawa. Considerando o objeto de estudo optamos por realizar uma pesquisa de campo com uma abordagem qualitativa, fundamentada a partir de procedimentos como a realização de entrevistas por meio de enquete presencial semiestruturada e semiaberta, estudo documental, observação participante, registros fotográficos e análise dos dados coletados. A partir das reflexões presentes no estudo, verificou-se que o ensino da língua indígena na escola *Ixũbãý Rabuĩ* Puyanawa tem grande destaque na conjuntura contemporânea da comunidade, contribuindo muito com a valorização identitária que o povo vivencia atualmente, sendo possível perceber notáveis avanços, alavancando e fomentando a importância de difundir os conhecimentos linguísticos e culturais do povo entre os próprios Puyanawa, colocando nossa língua de origem em movimento na comunidade, embora seja possível constatar que a escola em questão precisa produzir materiais próprios para trabalhar a língua Puyanawa, bem como rever, aprimorar e refletir sobre suas práticas pedagógicas para que de fato torne-se uma escola com ensino diferenciado e bilíngue como objetiva em seus documentos oficiais.

**PALAVRAS CHAVES:** ensino diferenciado; língua Puyanawa; (re)afirmação identitária; valorização cultural.

## **ABSTRACT**

This study emerges from the point of view of a Puyanawa indigenous woman active in the school education of her people, in order to highlight the work that has been developed by the Ixūbāy Rabuī Puyanawa Indigenous State School, with the institution in mind as a great ally and fundamental tool. before the process of (re)affirmation of identity and cultural appreciation that people are currently experiencing. The study entitled “The teaching of the indigenous language at the Ixūbāy Rabuī Puyanawa school in Elementary School I: the aggregating tool for cultural strengthening”, has the general objective of analyzing how the teaching of indigenous language is developed in the initial series of Elementary School I: 1st to the 5th year, and, as this in turn contributes to the cultural strengthening of the Puyanawa ethnic group. In order to make it possible to achieve this objective, the following specific objectives were produced: to make a brief contextualization and internal organization about the land and the Puyanawa people; get to know the main disseminators and the implementation process of the indigenous language discipline at the Ixūbāy Rabuī Puyanawa school, identifying the advances and difficulties encountered; to describe how Puyanawa indigenous language is taught in the early grades of elementary school (1st to 5th grade) at the Ixūbāy Rabuī Puyanawa school, identifying its contribution to the cultural strengthening of the Puyanawa people. Considering the object of study, we chose to carry out a field research with a qualitative approach, based on procedures such as conducting interviews through a semi-structured and semi-open face-to-face survey, documental study, participant observation, photographic records and analysis. of the collected data. From the reflections present in the study, it was verified that the teaching of the indigenous language in the Ixūbāy Rabuī Puyanawa school has great prominence in the contemporary situation of the community, contributing a lot to the identity valuation that the people currently experience, being possible to perceive notable advances, leveraging and promoting the importance of spreading the linguistic and cultural knowledge of the people among the Puyanawa themselves, putting our language of origin in motion in the community, although it is possible to verify that the school in question needs to produce its own materials to work with the Puyanawa language, as well as review, improve and reflect on its pedagogical practices so that it actually becomes a school with differentiated and bilingual teaching as objective in its official documents.

**KEYWORDS:** differentiated teaching; Puyanawa language; (re)affirmation of identity; cultural appreciation.

## A CULTURA PUYANAWA

O povo indígena puyanawa  
Vive o seu fortalecimento cultural.  
A cultura é um bem material e imaterial  
que está presente:  
no idioma dos ancestrais,  
nas danças do *Hekima*,  
nas pinturas dos *Kēde*,  
na poderosa caçuma,  
nas medcinas da floresta,  
na culinária nativa,  
nas vestes tradicionais,  
no belíssimo artesanato,  
nas coroas e cocares de penas,  
nos colares de sementes,  
nas crenças e costumes,  
nas festas coletivas  
nos rituais e na força da espiritualidade.

Divakea (Esther Maia), 2022.

## LISTA DE SIGLAS

**AAPB I** – Associação Agroextrativista Puyanawa Barão e Ipiranga.

**AEE** – Atendimento Educacional Especializado.

**AISAN** – Agente Indígena de Saneamento Básico.

**AMAIAAC** – Associação do Movimento dos Agentes Agroflorestais do Estado do Acre.

**AOD** – Antônio de Oliveira Dantas

**CEE/AC** – Conselho Estadual de Educação do Estado do Acre .

**CF** – Constituição Federal.

**CPI/AC** – Comissão Pró-Índio do Acre.

**EF** – Ensino Fundamental.

**EJA** – Educação de Jovens e Adultos.

**EM** – Ensino Médio.

**FUNASA** – Fundação Nacional de Saúde.

**ISA** – Instituto Socioambiental.

**IRP** – *Ixũbãý Rabuĩ* Puyanawa.

**LDBEN** – Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional.

**PECPP** – Práticas Ecológicas e Culturais do Povo Puyanawa.

**PGTA** – Plano de Gestão Territorial e Ambiental.

**PPEHL** – Programa de Pós-Graduação em Ennsino de Humanidades e Linguagens.

**PPGLI** – Programa de Pós-Graduação em Linguagem e Humanidades.

**PPP** – Projeto Politico Pedagógico.

**RCNEI** – Referencial Curricular Nacional para Escolas Indígenas.

**SESAI** – Secretaria Esoacial de Saúde Indígena

**TI** – Terra Indígena

**UBS** – Unidade de Saúde Básica

**UFAC** – Universidade Federal do Acre

**UNESCO** – Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura

**UNIP** – Universidade Paulista

**UNOPAR** – Universidade Norte do Paraná

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1: <b>Dados da Terra Indígena Puyanawa</b> .....	40
Quadro 2: <b>Quadro de funcionários da Escola Creche <i>Ãdebaiki</i></b> .....	41
Quadro 3: <b>Quantitativo de alunos por etapa de ensino, ano letivo 2022</b> .....	112
Quadro 4: <b>Demonstrativo de funcionários da escola IRP, ano letivo de 2022</b> .....	112
Quadro 5: <b>Demonstrativo de professores atuantes no turno matutino</b> .....	125

## LISTA DE IMAGENS

Imagem 1: <b>Mapa do Acre com as terras indígenas</b> .....	39
Imagem 2: <b>Vista aérea da Terra Indígena Puyanawa</b> .....	40
Imagem 3: <b>Mulheres Puyanawa (1913)</b> .....	58
Imagem 4: <b>Homens Puyanawa (1913)</b> .....	58
Imagem 5: <b>Railda Manaitá e o prof. Dr. Aldir Santos de Paula</b> .....	69
Imagem 6: <b>Railda Manaitá e Sofia Lopes na Escola José Agostinho Rodrigues de Lima</b> .....	70
Imagem 7: <b>Luís Manaitá na antiga Escola 13 de Maio</b> .....	74
Imagem 8: <b>Luís Manaitá, <i>Mãkuya</i> (Victor da Costa Lima) e <i>Sãni</i> (Enilson Costa de Lima)</b> .....	75
Imagem 9: <b>Mário <i>Mãpa</i> Puyanawa (Mário Cordeiro de Lima)</b> .....	77

## LISTA DE FOTOS

Foto 1: <b>Unidade Básica de Saúde Mário Puyanawa <i>Mãpa</i></b> .....	42
Foto 2: <b>Mercearia Manaitá, proprietário Eduardo, onde faz vendas de mercadorias, como pão, dentre outras variedades e estivas</b> .....	43
Foto 3: <b>Escola <i>Ixũbãÿ Rabuĩ</i> Puyanawa. Escola lócus da pesquisa</b> .....	44
Foto 4: <b>Vista aérea do Espaço Cultural (arena)</b> .....	45
Foto 5: <b>Igreja Batista Aliança Puyanawa</b> .....	46
Foto 6: <b>Sistema de abastecimento de água na aldeia Ipiranga</b> .....	47
Foto 7: <b>Sede da Associação Agroextrativista Puyanawa Barão e Ipiranga, localizada na aldeia Ipiranga</b> .....	50
Foto 8: <b>Capa do Plano de Gestão Territorial e Ambiental da Terra Indígena Puyanawa</b> .....	51
Foto 9: <b>Railda Manaitá</b> .....	71
Foto 10: <b>Railda Manaitá (sentada), Sofia Lopes do Nascimento e a atual gestora da escola IRP</b> .....	72
Foto 11: <b>Atividade/festividade em alusão ao dia do cacique</b> .....	79
Foto 12: <b>Encenação da passagem de coroa de cacique, ensaiada na escola IRP para ser apresentada na atividade/festividade no centro cultural em alusão ao dia do cacique</b> .....	80
Foto 13: <b><i>Rake Kãÿ</i> e seus filhos Mirian e Ariel</b> .....	82
Foto 14: <b><i>Rake Kãÿ</i> e alguns professores da escola IRP</b> .....	84
Foto 15: <b>Lideranças do povo Puyanawa ( da esquerda para a direita: <i>Wetsa, Puwe,</i> e <i>Kunĩwaway</i></b> .....	87
Foto 16: <b>Da esquerda para a direita temos: <i>Puwe,</i> sua esposa <i>Vari</i> e seu sobrinho <i>Mãkuya</i></b> .....	88
Foto 17: <b><i>Puwe</i> e <i>Benki Pyãko</i></b> .....	89
Foto 18: <b>Liderança Puyanawa <i>Puwe</i> na floresta a procura de medicina sagrada</b> .....	90
Foto 19: <b>Lideranças Puyanawa em festividade cultural do povo</b> .....	92
Foto 20: <b>Jovem Liderança Puyanawa <i>Kunĩwaway</i></b> .....	94
Foto 21: <b><i>Kunĩwaway</i> e seu filho <i>Irukêde</i> no IV Festival Atsa Puyanawa. Atividade apresentada pela escola IRP</b> .....	95

Foto 22: <b>Jovens lideranças Puyanawa, Kêde, Kunĩwaway e Ytaka no IV Festival Atsa Puyanawa</b> .....	96
Foto 23: <b>Xinã Yruya e seu primogênito Irukêde</b> .....	98
Foto 24: <b>Cacique Divake, Xinã Yruya e Awĩvukuis</b> .....	102
Foto 25: <b>Caderno de registros do emérito cacique Mário Mãpa Puyanawa</b> .....	104
Foto 26: <b>Sofia Lopes (professora Puyanawa aposentada) e a autora durante realização de entrevista em sua residência na aldeia Ipiranga</b> .....	105
Foto 27: <b>Sofia Lopes, Jorge Constant e Olinda Martins dos Santos, presentes na festividade comemorativa em alusão ao dia do índio (19 de abril)</b> .....	106
Foto 28: <b>Entrega oficial do PPP da escola IRP, no centro cultural na aldeia Ipiranga</b> .....	111
Foto 29: <b>Cartilha Puyanawa</b> .....	123
Foto 30: <b>Grámatica Puyanawa: Dukũ Vãda Kayanũ</b> .....	124
Foto 31: <b>Festival da Atasa Puyanawa, apresentação dos alunos da escola IRP</b> .....	130

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	<b>22</b>
<b>1 CONHECENDO A TERRA E O POVO PUYANAWA: ASPECTOS HISTÓRICOS E ORGANIZAÇÃO INTERNA NO CONTEXTO ATUAL</b> .....	<b>31</b>
1.1 Meu lugar de fala.....	31
1.2 Um pouco do contexto histórico do povo.....	555
1.3 A Inserção dos Puyanawa na economia da borracha: narração dos anciões e anciãs da Aldeia Barão.....	633
<b>2 RAÍZES E SEMENTES: TRAJETÓRIAS DOS DISSEMINADORES DA UDIKIKUÏK</b> .....	<b>67</b>
<b>7</b>	
2.1 Railda Manatá:A pioneira na valorização da língua.....	677
2.2 Luís Manaitá: O incentivador da valorização da língua Puyanawa.....	733
2.3 Mário <i>Mãpa</i> :Grande liderança do povo Puyanawa.....	766
2.4 <i>Rake</i> <i>Kãy</i> : O escolhido de Mário <i>Mãpa</i> .....	811
2.5 <i>Puwe</i> : De sonhador a grande liderança do povo Puyanawa.....	86
2.6 <i>Kunñaway</i> : A semente plantada, cultivada e germinada.....	933
2.7 <i>Xinã Yruya</i> : A atual voz feminina no ensino de língua indígena Puyanawa.....	98
<b>3 A ESCOLA INDÍGENA E O ENSINO DE LÍNGUA PUYANAWA: ELEMENTOS AGREGADORES FRENTE A(AS) IDENTIDADE(ES) NO PROCESSO DE VALORIZAÇÃO CULTURAL DOS PUYANAWA</b> .....	<b>103</b>
3.1 A Escola Estadual Indígena <i>Ixũbã</i> y <i>Rabuĩ</i> Puyanawa.....	103
3.2 A dinâmica da Escola Indígena Puyanawa: cotidiano e perspectivas.....	1111
3.3 <i>Ûdikikuĩki</i> e o ensino da língua indígena Puyanawa.....	1177
3.4 A dinâmica do ensino da língua indígena no Ensino Fundamental I.....	125
3.5 Aulas de língua indígena para professores, alunos e comunidade em geral.....	1311
3.6 Os desafios e a atuação docente do professor indígena Puyanawa, diante do contexto da pandemia da Covid-19.....	1333

<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>13737</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....</b>	<b>141</b>
<b>ANEXO I.....</b>	<b>145</b>
<b>APÊNDICE I.....</b>	<b>148</b>
<b>APÊNDICE II.....</b>	<b>149</b>
<b>APÊNDICE III.....</b>	<b>168</b>
<b>APENDICE IV.....</b>	<b>175</b>



## INTRODUÇÃO

Muitas experiências de desenvolvimento da Educação Escolar Indígena como modalidade da educação básica, tem permitido a muitos grupos étnicos e suas comunidades implementá-la em prol da recuperação, manutenção, fortalecimento e valorização de suas práticas tradicionais, atreladas às suas memórias históricas, garantindo ainda a reafirmação de suas identidades étnicas, valorização de suas línguas maternas e ciências tradicionais.

Vale a pena destacar que a modalidade de ensino supracitada está assegurada na legislação vigente, de modo especial na Constituição Brasileira de 1988, e, na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei 9.394/96) que garantem e asseguram às comunidades indígenas o direito a uma educação escolar diferenciada, específica, intercultural, bilingue e de qualidade. Desta forma cabe a cada povo e a cada comunidade indígena definir qual modelo educativo é preciso estabelecer para efetivar os direitos que lhes são garantidos de acordo com as necessidades e especificidades de cada povo indígena.

O grupo étnico Puyanawa vivencia um processo de fortalecimento e valorização cultural despertado e iniciado com maior vigor a partir do processo de demarcação da terra indígena Puyanawa no ano de 2000 e concluída no ano de 2001. Por meio dos diálogos inerentes entre comunidade e lideranças sobre as mais diversas questões que envolvem a etnicidade Puyanawa e principalmente pensando no fortalecimento e valorização da cultura indígena Puyanawa, a escola estadual indígena de ensino fundamental e médio *Ixũbãÿ Rabuĩ* Puyanawa agrega em seu Projeto Político Pedagógico (PPP) elementos que buscam promover o diálogo e o encontro entre os saberes tradicionais partilhados pelas experiências dos anciãos repassadas pelos seus ancestrais, as quais acontecem na tradição oral e conhecimentos disciplinarmente formalizados pelos professores como uma ferramenta agregadora ao processo vivenciado pelo povo nas mais diferentes esferas da comunidade.

Desta forma, a escola indígena *Ixũbãÿ Rabuĩ* Puyanawa juntamente com os professores da comunidade buscam valorizar os saberes indígenas, coerente com a afirmação do princípio de reconhecimento da diversidade cultural, a Lei nº 9.394/96. Dessa forma, o currículo da escola indígena Puyanawa busca contemplar cinco fundamentos, sendo: específica, diferenciada, bilíngue, intercultural e de qualidade, com atitude valorativa de respeito à diversidade e aos processos pedagógicos

próprios, voltados para sua realidade, respeitando seus saberes específicos e diferenciados. Nesse processo, o ensino da língua Puyanawa é de suma importância para o fortalecimento dos aspectos linguísticos e culturais do povo Puyanawa.

Cada povo tem a sua cultura, seu idioma e história, os quais precisam ser desde cedo repassados de geração para geração. O povo Puyanawa vive esse processo de reafirmação identitária. A cultura dominante do colonizador, se impôs a cultura Puyanawa causando perdas irreparáveis. Ao longo do processo de colonização, tiveram seus costumes, crenças, histórias e idiomas desvalorizados e o povo foi mudando alguns aspectos de sua identidade. Nesse processo vivenciado, de retomada da cultura, a escola e o ensino da língua Puyanawa é uma peça fundamental para valorizar nossas raízes.

Atualmente, a língua Puyanawa se mantém viva mesmo que esteja em risco de extinção pela presença da língua portuguesa. Os professores não falantes da língua materna indígena, alfabetizadores dos anos iniciais, lutam para manter a língua materna, cultura, história, dança e etnia por meio de projetos de pesquisas nas comunidades, adequando a realidade do aluno, seja ele falante da língua portuguesa. Isso tem sido um desafio para a escola trabalhar sempre os saberes indígenas, os seus direitos e deveres para que as crianças tenham o conhecimento da importância de nosso povo. Mas mesmo com as vozes dissonantes e algumas resistências advindas ainda do discurso do colonizador, percebemos mudanças de que nos dão esperança de colocar a língua Puyanawa em movimento social ativo na comunidade e fortalecer a nossa cultura.

Na contemporaneidade a comunidade enxerga a escola que inicialmente foi inserida ao povo com objetivos bem distintos dos que lhes são garantidos hoje, como um veículo motor para alavancar e disseminar a cultura Puyanawa, e desta forma o ensino da língua indígena foi introduzido na instituição com vistas a ser uma ferramenta que viesse ajudar. Destarte, a escola *Ixūbāy Rabuĩ* Puyanawa é um instrumento fundamental no fortalecimento e valorização dos conhecimentos que por longos e cruéis anos foram fragmentados, fragilizados e por partes interrompidos e silenciados quais sejam, danças, músicas, língua, pinturas, dentre outros. Sendo assim, o ensino da língua indígena Puyanawa é imprescindível tendo em vista que a mesma é um dos aspectos culturais mais importantes para o povo Puyanawa.

Portanto, este estudo parte da inquietação de uma indígena Puyanawa atuante na educação escolar de seu povo e que almeja contribuir significativamente no

processo de fortalecimento cultural do seu povo e tem a finalidade de narrar sobre como acontece o ensino da língua indígena na escola *Ixūbāy Rabuĩ* Puyanawa no Ensino Fundamental I (1º ao 5º ano) como ferramenta agregadora para o fortalecimento cultural do povo Puyanawa. O espaço territorial em que a pesquisa foi realizada abrange as aldeias Barão e Ipiranga, localizadas na Terra Indígena Puyanawa, zona rural do município de Mâncio Lima, estado do Acre. Buscou-se desenvolver reflexões sobre a importância do trabalho que vem sendo desenvolvido, bem como avanços e retrocessos dentro do contexto vivenciado pelo público-alvo e também da comunidade em geral, tendo em vista que os alunos da modalidade de ensino em questão são alunos das duas aldeias, Barão e Ipiranga.

A escola nessa comunidade étnica no cenário atual desenvolve um trabalho importantíssimo na revitalização, fortalecimento cultural e na contínua construção da(as) identidade(es) Puyanawa, tendo em vista que as mesmas se constituem e se revelam ao longo do tempo. Diante desse processo, a escola tem como objetivo desenvolver nos alunos indígenas sensibilidades e capacidades que despertem respeito por suas raízes, pela cultura, pelas cantorias, pela língua e principalmente com atenção especial as diferenças e a interculturalidade através do ensino diferenciado<sup>1</sup>.

Assim, o estudo em questão tem como objetivo geral analisar como é desenvolvido o ensino de língua indígena na Escola *Ixūbāy Rabuĩ* Puyanawa no Ensino Fundamental de 1º ao 5º ano, e, como este vem a contribuir com o fortalecimento cultural do grupo étnico puyanawa. Para que fosse possível concretizar esse objetivo foram produzidos os seguintes objetivos específicos: a) Fazer uma breve contextualização história e da organização interna sobre a terra e o povo Puyanawa; b) Conhecer os principais disseminadores e o processo de implementação da disciplina de língua indígena na escola *Ixūbāy Rabuĩ* Puyanawa, identificando os avanços e dificuldades encontradas; c) Descrever como ocorre o ensino de língua indígena Puyanawa nas séries iniciais do ensino fundamental (1º ao 5º ano) na escola *Ixūbāy Rabuĩ* Puyanawa, identificando sua contribuição para o fortalecimento cultural do povo Puyanawa.

---

<sup>1</sup> Entende-se por ensino diferenciado, a mesclagem dos conhecimentos ocidentais por meio da língua portuguesa, com os conhecimentos do povo, onde está incluso a língua indígena, voltados para a realidade dos alunos Puyanawa.

Como indígena Puyanawa avalio que esta dissertação será de grande importância para colocar no centro de uma discussão acadêmica, por meio de um mestrado, um tema de tamanha importância. Sei também que esta pesquisa poderá contribuir para analisar a maneira e a forma como a escola *Ixũbã̃y Rabuĩ* Puyanawa vem contribuindo e colaborando para as práticas culturais e para a valorização cultural do povo, uma vez que a comunidade e seus componentes vivenciam um momento importante de afirmação identitária e fortalecimento cultural.

Desta forma, o estudo vincula-se à linha de pesquisa 1 (um) do Programa de Pós-Graduação em Ensino de Humanidades e Linguagens: Ensino, Humanidades, Processos Educativos e Culturas, sendo uma excelente oportunidade de investigar algo tão importante para o grupo étnico em questão, dentro do viés da educação escolar indígena, do ensino diferenciado e do ensino de língua indígena.

A necessidade e a importância do estudo em questão justificam-se pelo fato de termos poucos trabalhos que contemplam a temática, porém alguns destes, por sua vez são de autoria de pesquisadores não indígenas e trazem apenas um olhar exterior que muitas vezes acabam distorcendo a realidade dos fatos. Temos ainda trabalhos escritos de autoria de próprios indígenas Puyanawa em nível de graduação e pós-graduação lato sensu e scricito sensu (especialização, mestrado e doutorado) desenvolvidos e outros em desenvolvimento, como é o caso deste estudo, com temáticas semelhantes que se complementam e terão grande relevância para nosso povo, pois os mesmos partem de uma ótica interna para a externa e traz protagonismo e voz ao povo. Este por sua vez, não é apenas mais um trabalho acadêmico, pelo contrário será de fundamental importância, servindo como material de apoio para outros acadêmicos e principalmente acadêmicos indígenas Puyanawa; poderá ainda ser usado como uma ferramenta norteadora para planejamentos escolares para a disciplina de língua indígena e ainda para as demais áreas do conhecimento, pauta de discursões pedagógicas na escola e também em reuniões na Associação Agroextrativista Puyanawa Barão e Ipiranga (AAPBI) parceira da escola *Ixũbã̃y Rabuĩ* Puyanawa, além disso será ainda um importante registro escrito sobre a educação escolar indígena do povo Puyanawa.

O presente estudo foi realizado na Terra Indígena (TI) Puyanawa, centrado na escola indígena *Ixũbã̃y Rabuĩ* Puyanawa, localizada na aldeia Barão, atendendo atualmente uma clientela escolar de 236 alunos, das aldeias Barão e Ipiranga. A escola pesquisada tem uma equipe gestora composta por: uma (01) coordenadora

pedagógica (permuta da prefeitura de Mâncio Lima), um (01) coordenador de ensino (contrato temporário), um (01) coordenador administrativo (contrato efetivo), um (01) secretário (contrato temporário), uma (01) auxiliar de secretária (contrato efetivo e no momento encontra-se de licença prêmio) e uma (01) gestora escolar (contrato efetivo). Tem cinco (05) servidores de apoio contratados por empresa terceirizada que presta serviços a Secretaria de Estado e Educação (doravante SEE). Tem vinte dois (22) professores regentes, distribuídos em disciplinas distintas. Vale ressaltar que todos os professores atuantes em sala de aula possuem contratação temporária pela SEE e destes, dezenove (19) têm formação acadêmica em nível de graduação, distribuídas em diversas áreas do conhecimento e todos são da própria comunidade. A referida instituição oferta a educação básica nas seguintes modalidades: Ensino Fundamental (EF), Ensino Médio (EM) e Educação de Jovens e Adultos (EJA), funcionando nos turnos matutino, vespertino e noturno.

Do ponto de vista dos procedimentos metodológicos dialoga com José Filho (2006, p.64), quando este diz que: “O ato de pesquisar traz em si a necessidade do diálogo com a realidade a qual se pretende investigar e com o diferente, um diálogo dotado de crítica, canalizador de momentos criativos”.

Nesta perspectiva, a presente pesquisa utiliza uma abordagem de cunho qualitativa. E nessa perspectiva, Ludke (1986), evidencia que:

A pesquisa qualitativa supõe o contato direto e prolongado do investigador com o ambiente e a situação que deve ser pesquisada e aí permanecer, através do trabalho de campo procurando capturar situação ou fenômeno em toda extensão. (LUDKE, 1986, p. 11)

A abordagem da pesquisa também é fruto de minha experiência como professora na terra indígena puyanawa, desde 2013, e, especificamente do ano de 2020 quando comecei a atuar especificamente nas series iniciais, mais precisamente como professora regente na turma do 3º ano do ensino fundamental I. A pesquisa foi realizada através de conversas formais, de entrevistas orais e gravadas e, também em conversas informais com colegas de trabalho e pessoas (lideranças) da comunidade, em depoimentos de professores, lideranças da aldeia, pais de alunos e registro fotográfico em diversas atividades realizadas na escola e nas festividades culturais da comunidade. Os registros dessas ações são parte integrante desta pesquisa, uma vez que o trabalho da escola é desenvolvido com diferentes grupos,

possibilitando um amplo leque de percepções e representações e assim, alargando o espectro de análise.

Diante do exposto a utilização de entrevista como instrumento metodológico foi fundamental, pois a mesma permitiu a coleta de dados em contato direto, entre pesquisado e pesquisador. E esta por sua vez é ainda uma técnica importantíssima para fazer a coleta de dados, para realizar a pesquisa de cunho qualitativo, seguindo sempre um rigor metodológico.

No que diz respeito à observação que também foi uma das etapas metodológicas da investigação. Esta foi utilizada para desenvolver a pesquisa, atuei como observadora participante, pois sou professora e atuando no momento também como pesquisadora. A permanência prolongada no ambiente escolar, desenvolvendo as atividades profissionais e observando detidamente os acontecimentos do cotidiano, dos sujeitos, das relações vem proporcionando enxergar situações importantes a serem analisadas. Segundo Moreira (2002, p.52), “temos feito da observação uma estratégia importante de campo, combinando ao mesmo tempo a participação ativa com os sujeitos”. Neste contexto, Gil (2002, p. 17) afirma que a pesquisa é “desenvolvida mediante o curso dos conhecimentos disponíveis e a utilização cuidadosa de método, técnicas e outros procedimentos científicos”. Nesse sentido, torna-se fundamental a organização metodológica para o desenvolvimento desta.

O caminho metodológico do presente trabalho organizou-se primordialmente por meio de pesquisa de campo, com observação participante *in loco* na referida escola, primordialmente voltada para as séries/anos do ensino fundamental I (1º ao 5º ano) na disciplina de língua indígena Puyanawa, trabalhada exclusivamente pelo professor específico da disciplina e, também voltada, para o trabalho docente dos professores regentes das turmas citadas. Tendo em vista que a língua indígena não é trabalhada apenas nos horários específicos da disciplina, mas também diariamente pelos professores regentes. Analisamos também o Projeto Político Pedagógico (PPP) da referida escola e a matriz curricular da disciplina de língua indígena Puyanawa, com o objetivo de compreender como deve ou deverá acontecer o ensino da referida disciplina para o público alvo em questão. Diante do cenário e no decorrer da pesquisa, recorreu-se ainda um viés bibliográfico.

Nesta perspectiva, Gil (2002) discute que:

A pesquisa bibliográfica é desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos. Embora em quase todos os estudos seja exigido algum tipo de trabalho dessa natureza, há pesquisas desenvolvidas exclusivamente a partir de fontes bibliográficas (GIL, 2002, p. 44).

Como já mencionado trata-se de uma pesquisa de campo, que segundo Gil (2002, p. 53), esse tipo de pesquisa é “muito utilizado nas áreas da educação, sociologia, saúde e administração, sendo desenvolvida basicamente através da observação do grupo estudado, de entrevistas e interpretações das experiências vivenciadas”.

Ainda para Gil (2002):

O estudo de campo apresenta algumas vantagens [...]. Como é desenvolvida no próprio local em que ocorrem os fenômenos, seus resultados costumam ser mais fidedignos. [...]. E como o pesquisador apresenta nível maior de participação, torna-se maior a probabilidade de os sujeitos oferecerem resultados mais confiáveis (GIL, 2002, p. 53).

Para conseguir coletar dados fidedignos, foram observadas as práticas metodológicas dos professores regentes das turmas e, também do professor específico da disciplina de Língua Indígena, do 1º ao 5º ano da escola lócus da pesquisa. A observação participante, de acordo com Gil (2008, p. 104) é:

[...] frequentemente utilizada em pesquisa que tem como objetivo a descrição precisa dos fenômenos ou o teste de hipótese. Nas pesquisas deste tipo, o pesquisador sabe quais os aspectos da comunidade ou grupo que são significativos para alcançar os objetivos pretendidos. Por essa razão, elabora previamente um plano de observação. (GIL, 2008, p. 104).

Ademais, a análise documental, de acordo com Bardin (2004, p. 52) trata-se da “representação condensada da informação, para consulta e armazenamento” de documentos que forem pertinentes à pesquisa. foi realizada análise documental dos registros dos professores e alunos, a fim de compreender como o ensino de Língua Indígena vem sendo protagonizado e, de que forma está contribuindo com as práticas culturais e valorização cultural dos Puyanawa. Tendo estes recursos metodológicos, foi feita a análise dos dados para conseguir alcançar os objetivos propostos para a presente pesquisa.

A presente pesquisa está ancorada em estudos de autores que versam sobre os indígenas na Amazônia Ocidental em diferentes momentos, e também sobre a educação escolar indígena, e contexto afins ao tema da pesquisa, entre eles: Lima,

Dias e Paiva (2022), Oliveira (2004), Maher (2010), Paiva (2015), Pessoa (2017), Souza (2009), Carvalho (1931), Paula(2011), Saéz (2002), Monte (1984), Martins (2011) e outros. São autores que englobam a questão indígena. E como pano de fundo recorro diretamente a Baumam para compreender melhor a questão da(as) identidade(es) Puyanawa, que ao meu ver promove um melhor entendimento sobre questões rotineiras que envolvem cultura, identidade e estar no entre-lugar. Considerando a importância da pesquisa mediante o processo histórico que o povo vivencia com o objetivo de contribuir com o meu povo, história e principalmente com as expectativas em relação ao futuro e diante desta ótica trago um protagonismo aos anciãos, lideranças e sábios Puyanawa que foram essenciais durante o percurso da minha escrita, com o intuito de dar voz, protagonismo e visibilidade ao meu povo, trago no corpo do texto trechos de depoimentos e entrevistas na íntegra.

A dissertação está organizada em três capítulos. O primeiro capítulo é intitulado: “Conhecendo a terra e o povo Puyanawa: Aspectos históricos e organização interna no contexto atual”. O mesmo está dividido em três tópicos, onde primeiramente explicita-se o lugar de fala da autora, em um segundo plano apresenta-se uma breve contextualização histórica do povo e para finalizar incorpora-se ao texto um recorte através das memórias de anciãos da comunidade sobre a inserção dos Puyanawa na economia da borracha e o negligenciamento das práticas culturais do povo. Nesse relato, onde os protagonistas são os anciãos, trago para o texto a importância da memória e do (re)memorar pois ao trabalhar com a categoria memória oportunizo e dou vozes àqueles que por muito tempo foram privados de falar.

O segundo capítulo, intitulado “Raíces e sementes: Trajetórias dos disseminadores da *Ūdikikuĩki* (língua verdadeira)”, dividido em sete tópicos onde cada uma delas traz uma contextualização específica de cada um dos disseminadores e percussores que contribuíram ou que ainda contribuem para o fortalecimento da língua indígena Puyanawa, bem como para a valorização cultural deste povo, tendo em vista que fortalecer a língua indígena é primordial para a identidade de um povo indígena. Alguns desses disseminadores já são frutos deixados pelos primeiros incentivadores dessa caminhada, que infelizmente encontram-se em outro plano espiritual, de onde nos emanam boas energias para que o legado deixados possa continuar a dar frutos, e bons frutos.

No terceiro e último capítulo intitulado “A escola indígena e o ensino de língua Puyanawa: elementos agregadores frente a(as) identidade(es) no processo de

valorização cultural do povo Puyanawa”. Esta dividido em seis tópicos; no primeiro apresentamos um breve esboço histórico e contemporâneo da escola estadual Indígena Ixūbāy Rabuī Puyanawa; no segundo apresentamos uma abordagem sobre a dinâmica da escola Indígena Puyanawa, bem como o seu cotidiano e perspectivas; no terceiro abordamos os desafios e a atuação docente do professor Indígena Puyanawa diante do contexto da pandemia do Covid-19, período este bastante delicado onde a pesquisa permaneceu praticamente parada a espera do retorno das aulas presenciais, mas foi possível acompanhar e discorrer brevemente sobre a atuação dos professores neste período; no quarto tópico descrevemos sobre o ensino de língua indígena Puyanawa bem como as devidas considerações sobre a referida língua; já no quinto tópico é possível nos debruçarmos nas descrições que narram sobre a dinâmica do ensino de língua indígena no ensino fundamental I (1º ao 5º ano) e para finalizar, no sexto e último tópico deste capítulo apresentamos e descrevemos as aulas de língua indígena para professores, alunos e comunidade em geral.

Quando nos referimos ao ensino e a transmissão de conhecimentos da língua indígena Puyanawa, não estamos nos referindo apenas a escola enquanto instituição vista e avaliada pelo povo como uma ferramenta fundamental na efetivação da política linguística dentro da comunidade. Ao longo dos anos e a partir dos trabalhos realizados na comunidade através do espaço escolar institucionalizado que levam em consideração os projetos societários da comunidade mostram reflexos positivos.

A língua indígena Puyanawa é transmitida e ensinada não somente na escola mas também em contextos e ambientes diversos, como por exemplo nas festividades culturais, na beira dos igarapés, nas brincadeiras e conversas entre parentes, no seio familiar, dentre outros e essa mudança de paradigma se dá em grande parte ao trabalho desenvolvido pela instituição escolar. É importante destacar que no presente estudo faz-se essa abordagem mediante o contexto escolar e por este motivo optou-se por apresentar a breve trajetória dos professoras envolvidos no ambiente escolar institucionalizado; mas como é de conhecimento, em uma comunidade indígena, existem uma vasta variedade de professores que ensinam e transmitem conhecimentos e que nem sempre estão inseridos no ambiente escolar institucionalizado.

## **1 - CONHECENDO A TERRA E O POVO PUYANAWA: ASPECTOS HISTÓRICOS E ORGANIZAÇÃO INTERNA NO CONTEXTO ATUAL**

Nesse capítulo do texto, apresento um paralelo entre passado e presente, onde é possível que o leitor conheça a terra e o povo Puyanawa por meio das descrições lapidadas a partir do olhar de uma indígena Puyanawa. O mesmo está constituído de três partes, onde primeiramente trago o meu lugar de fala e origem com propriedade, a partir da vivência em coletividade e com base na pesquisa desenvolvida, bem como nos serviços prestados junto a comunidade. Posteriormente a essa descrição inicial, apresento uma breve contextualização histórica de um período nebuloso em que meu povo vivenciou, sendo importante destacar primeiramente a fala de um Puyanawa, mostrando como o povo vivia antes do contato com o colonizador e para finalizar o capítulo possibilito ao leitor um recorte especial por meio da narração das memórias de anciãos da comunidade a respeito da inserção dos Puyanawa na economia da borracha e o conseqüente processo de negligência das práticas e manifestações culturais do povo. Assim, a partir dos protagonistas anciões o texto se apropria da categoria memória e o (re)memorar, através das quais dou voz autêntica a aqueles que por muito tempo foram silenciados e privados de falar.

### **1.1 – Meu lugar de fala**

Como autora desta pesquisa faço parte de um universo étnico-cultural “distinto” da sociedade ocidental em geral, trazendo a necessidade de já nesse início de texto fazer uma breve apresentação de minha identidade. Sou indígena Puyanawa, trago em mim traços de miscigenação racial, não sei falar a minha língua indígena, falo apenas frases, pequenos diálogos e palavras soltas. Sou uma eterna aprendiz que transita entre mundos. Nós Puyanawa, residentes na Terra Indígena Puyanawa, nas Aldeias Barão e Ipiranga, somos um povo forte e guerreiro, e vivenciamos atualmente um processo de fortalecimento cultural, pois em um passado nebuloso de etnocídio devido as opressões e mazelas impostos pelo brutal processo de colonização, vivenciado não só pelo meu povo, mais também pelos demais povos indígenas do estado do Acre, por cruéis e longos anos, pelos nossos antepassados, que ocasionou grande impacto na cultura do meu povo.

Meu nome em língua portuguesa é Kely Costa de Lima, gostaria de enfatizar que o sobrenome “Lima” que se faz presente não é pertencente a minha família, mas

sim ainda uma marca imposta ao povo, imposta aos nossos ancestrais que prevalece até os dias atuais. Nós Puyanawa após muita insistência e solicitações ao poder público de algo que é um direito, mas infelizmente na sociedade em que vivemos nem sempre é fácil ter acesso ao que está garantido na legislação, estamos no aguardo da decisão de um processo judicial em que solicitamos que seja acrescentado em nossos nomes o termo Puyanawa. Eu particularmente vejo como um grande avanço caso consigamos, pois para mim ter o nome Puyanawa reconhecido legalmente é uma marca autêntica e expressa a identidade étnica. Em língua Puyanawa (*Ūdikikuĩki*) me chamo *Paxĩdu* que significa “Onça Vermelha”, nome dado pelo émerito *Mário Mãpa*, que foi meu professor de língua indígena Puyanawa na Escola 13 de Maio, atual escola *Ixũbãý Rabuĩ* Puyanwa, um dos maiores líderes que nosso povo já teve mas que, infelizmente nos deixou, teve sua vida ceifada pela pandemia do Covid-19. Nasci no dia 03.01.1990, tenho 33 anos de idade, tenho três filhos: Diogo Raphael de Lima Silva Puyanawa, com 11 (onze) anos de idade, em língua indígena se chama *Ãdeterã* (sonhador); Diego Arthur Lima da Cruz, com 6 (seis) anos de idade, em língua indígena se chama *Paxĩdu Vake* (filho da onça vermelha) e Danillo Gabryel de Lima Souza Puyanawa, com 3 (três) anos de idade, em Língua Indígena se chama *Heydaka* (lindo).

Sou filha de Sidilene Barbosa da Costa e de Eliaci Martins de Lima, ambos indígenas Puyanawa, miscigenados, nascidos e criados na comunidade Puyanawa. Meu pai nunca residiu fora da Aldeia, hoje trabalha na Saúde Indígena na função de microscopista no posto de saúde Puyanawa *Mário Mãpa*, minha mãe há muitos anos atrás foi morar na cidade para que eu e meus irmãos pudéssemos estudar pois na época não tínhamos o acesso à educação que temos hoje na comunidade, ela ainda continua morando lá e sempre estar conosco nos fins de semana, em suas folgas e em festividades. No momento vivenciamos um momento desafiador onde minha mãe encontra-se em um estado de saúde delicado na capital do Estado. Hoje agradeço incomensuravelmente a ela e meu pai pelos esforços que fizeram por mim e meus irmãos, devemos nossas conquistas, nosso sucesso, educação e valores a estes dois guerreiros que mesmo com pouca condição financeira e, diante de sua simplicidade e humildade deram o seu melhor para que nós tivéssemos o que eles não tiveram, a oportunidade de ter: escola.

Estudei na aldeia durante os primeiros anos da educação básica, mais precisamente a pré-escola, a primeira e segunda série que hoje correspondem ao 1º,

2º e 3º do ensino fundamental I, na então escola Indígena *Ixũbã̃y Rabuĩ Puyanawa*, que antes se chamava Escola 13 de Maio. Fui morar na cidade com 8 anos de idade para continuar os estudos, conclui meu ensino fundamental e médio todo em escolas públicas e diante de muitas dificuldades e preconceito.

Após as inúmeras batalhas vencidas e após cursar a Licenciatura Indígena na Universidade Federal do Acre – UFAC, Campus Floresta, tive a oportunidade de começar a lecionar na comunidade e contribuir de forma mais significativa com o meu povo, comecei a trabalhar antes mesmo de concluir minha graduação. Voltei a residir exclusivamente na comunidade Puyanawa, na Aldeia Barão. Trabalho como professora na Escola Indígena Ixubay Rabui Puyanawa desde do ano de 2013 e, para exercer esta função, primeiramente fui indicada e aceita pelas lideranças majoritárias e comunidade em geral e por contratação direta do Estado. Hoje todos os professores atuantes na Educação Escolar Puyanawa são indígenas e da própria comunidade, aceitos pela mesma e aprovados em processo seletivo simplificado, estando ligados ao regime dos servidores em educação do estado do Acre, quadro provisório. A referida escola na qual trabalho atende os alunos das duas aldeias da Terra Indígena Puyanawa: Barão e Ipiranga.

Enquanto professora indígena Puyanawa busco contribuir ativamente na organização social e cultural do povo. E me sinto realizada em chegar ao fim dessa trajetória, quanto aprendizado, quantos sorrisos, quantos obstáculos vencidos. Quanta gratidão, que orgulho de minhas origens e orgulho-me mais ainda de conseguir realizar este estudo e protagonizar novos capítulos da história Puyanawa. Sou professora Indígena, sou pesquisadora e fazer parte da família de *Kãdea Baytiavu* ( professores) Puyanawa para mim é uma honra.

Lima, Costa, & Paiva, (2022) destacam em um estudo publicado recentemente que:

Segundo os relatos dos Puyanawa, seus antepassados foram massacrados e obrigados a trabalhar no corte de Seringa sem qualquer remuneração. Com o contato com o não indígena foram obrigados a falar o português e proibidos de se comunicar em sua língua original, pois os “dominadores” acreditavam que falando em Puyanawa eles tramariam alguma fuga ou zombariam deles. Além disso, os indígenas não podiam fazer seus rituais religiosos, dançar o *MARIRI* (dança cultural) e pintar o corpo com Jenipapo (tinta de tom negro-azulada extraída de um fruto). (LIMA, COSTA & PAIVA, 2022, p. 53).

Estes fatos resultaram na negligência, negação e fragmentação cultural tanto nos aspectos materiais quanto imateriais. Um dos grandes impactos está relacionado com o enfraquecimento linguístico e quase extinção da língua materna do povo Puyanawa, autodenominada por nós Puyanawa de *udikuiki* (língua verdadeira) que para mim enquanto Puyanawa é um aspecto fundamental da identidade de um grupo étnico. Estamos empenhados em fortalecer nossa cultura. Somos um povo autêntico, autônomo e acima de tudo organizado, e, estes aspectos têm nos mantidos fortes, social, política e culturalmente diante do atual contexto em que vivemos.

Temos uma liderança majoritária, que é o cacique do nosso povo e que também nos representa no poder legislativo do município de Mâncio Lima e, é também o líder espiritual do povo. Cuidamos da nossa terra, fazemos a gestão territorial e ambiental, praticamos nossa cultura e nos declaramos um povo originário da nação brasileira, somos o Povo Puyanawa. Sou Puyanawa e busco incansavelmente pela valorização cultural: valorizar e praticar nossa cultura: língua, dança, músicas, pinturas, artesanatos, valorizar nossos anciãos que são verdadeiras bibliotecas vivas. Esse sim é meu orgulho e valor em ser indígena, como já mencionado somos um povo com fortes traços de miscigenação racial, mas este detalhe não nos diminui enquanto indígenas, pois vivemos em tempos modernos onde o indígena não deve ser estereotipados, o lugar do indígena seja ele Puyanawa ou pertencente a qualquer outro grupo étnico é onde ele quiser, desde de que respeite suas origens. O fato de sermos miscigenados e viver entre mundos, vivenciando uma hibridização cultural adquirida a partir do contato com o não indígena é apenas um detalhe que nos mostra o quanto somos fortes, guerreiros e resistentes a ação do colonizador, que tentou nos abolir, mas continuamos aqui graças a resistência de nossos ancestrais e vamos nos manter firmes diante de qualquer opressão pois sabemos o nosso valor e os nossos deveres e principalmente onde buscar nossos direitos. Viva ao meu povo: Puyanawa; viva aos povos indígenas do Brasil pelos mais de 500 anos de força e resistência ao poder do colonizador, que em dias atuais ainda nos ronda diariamente. Transito entre mundos na busca incansável por conhecimento.

Nesses mundos, de um lado, os conhecimentos científicos e empíricos são significativos, mas não significam absolutamente “tudo”, eles são uma forma de encontrar mecanismos e respostas para situações concretas do cotidiano, mas têm limitações. Do outro lado, verifica-se um conjunto de saberes tradicionais que tornam significativas e respondidas as questões de outra ordem não compreendidas pela

ciência. Saberes que são aplicados com coerência e no momento adequado nas experiências Puyanawa, onde transitamos constantemente. Eles, mostram e representam elementos culturais de uma etnia que não nos permitem esquecer de quem somos, de onde falamos, onde estamos, porque falamos, para quem falamos e o que almejamos.

A oportunidade desencadeada pela possibilidade de retornar ao mundo do conhecimento acadêmico por meio do curso de Pós-Graduação em nível de Mestrado em Ensino de Humanidades e Linguagens, da Universidade Federal do Acre, Campus Floresta possibilitou-me a pensar a minha reminiscência da trajetória trilhada durante os quase cinco anos do percurso acadêmico da graduação em Educação Escolar Indígena, na Área de Ciências da Natureza. Essa experiência me causou bastante estranhamento, mas, ao mesmo tempo foi desafiadora e encantadora, afinal experimentei novas possibilidades, nas quais mostrei e compartilhei minhas vivências em coletividade.

Encarar novamente um mestrado, após uma tentativa anterior, mas precisamente no ano de 2016, também pela Universidade Federal do Acre, no Programa de Pós-Graduação em Letras: Linguagens e Identidades, onde cheguei a qualificar mas infelizmente não se concretizou devido a alguns problemas pessoais, dentre eles uma gravidez um tanto complicada, mas agraciada por *Epavurã*, que possibilitou que meu filho viesse ao mundo gozando de saúde. Desta vez em meio a desastrosa calamidade que assolou o mundo, a Pandemia da Covid-19. Um momento delicado, aulas paradas, ensino remoto com aulas online. O contato da turma e professores se deu por meio de uma tela de computador, situação que não nos permitiu conhecer todos os colegas e nem os professores pessoalmente. Quantos desafios vencidos!

No entanto, como mencionado anteriormente, me deparei com um novo modo de ensino que vem confrontar nossas certezas até então existentes. A minha frente estavam novos desafios. Deparei-me com uma sala virtual, onde nem sempre era possível ver quem estva do outro lado da tela, com a tentativa de prosseguir as aulas. E por mais que alguns alunos da turma tivessem acostumados com algumas particularidades da tecnologia, ela agora vem para nos desafiar e nos tirar de nossa zona de conforto com novas plataformas e objetivos de utilizá-la. Além, de desafiar aqueles que não tinham tanto contato com a mesma, como no meu caso.

Com mais esta oportunidade a mim concedida, por meio do curso de mestrado vi a possibilidade da realização de um sonho pessoal e profissional não concretizado anteriormente e também a oportunidade de contribuir com o grupo étnico a qual pertencço, contribuir como educadora na Escola Estadual Indígena *Ixūbāy Rabuĩ* Puyanawa e, acima de tudo contribuir na formação de cidadãos indígenas Puyanawa conscientes de seu papel na sociedade em que vivem, que também são cidadãos brasileiros e que acima de tudo fazem parte da mesma raça: a humana. Afinal o conhecimento seja, ele científico ou empírico é uma ferramenta de transformação humana, seja ela boa ou ruim.

Em inúmeros momentos desanimei e pensei em desistir, devido a dificuldades com as ferramentas digitais, problemas de saúde, pessoais e familiares, mas *Epaetsi* (Deus) colocou pessoas maravilhosas em minha vida, pessoas que tiveram as palavras certas no momento adequado, pessoas especiais que nunca irei esquecer. As dificuldades encontradas até aqui foram muitas, mas não o suficiente para me fazer desistir, pois o dono do universo sustentou e amparou-me nos momentos de extrema fragilidade e vulnerabilidade.

Entender o outro não é tarefa fácil e entender o que o outro escreve ou escreveu em um outro tempo e em um outro lugar é bastante difícil. O fato de não ter tanto conhecimento sobre os autores estudados me fez pensar em desistir e voltar para o meu “mundo”. Mas como me diz sempre um sábio amigo: “Puyanawa é forte e não desiste fácil” então sempre que penso em desistir busco apoio nas palavras sábias de meu grande amigo. Estar em um entre lugar não é tarefa fácil, conciliar família, filhos, trabalho, estudo e uma vida em coletividade não é simples. Nesta hora, sentimos o peso de ser mulher, as cobranças que emanam em você hierarquicamente ao longo do tempo. Quando em muitas vezes criticada por outras mulheres por não cuidar diretamente de seus filhos para dar conta de outras inúmeras funções. É triste se deparar com situações como estas. Felizmente estes fatos nos deixam mais fortes, guerreiras e emponderadas. Tenho como exemplo minha cunhada, uma grande mulher que enfrentou todos esses percalços citados e venceu com bravura. Esta uma grande incentivadora nas minhas diferentes caminhadas da vida e o mestrado é uma delas.

Registro que elaborar esta dissertação acadêmica diante de toda sua metodologia científica necessária e regras específicas foram um momento desafiador de grandes aprendizagens e muitos recomeços. Agregado a isso, abrir um caminho

investigativo onde você faz parte do objeto a ser estudado significa uma caminhada que te faz um convite e te leva rumo ao desconhecido, com novos conhecimentos, ao mesmo tempo em que se torna uma porta aberta capaz de oferecer grandes possibilidades para um campo fértil de conhecimentos e aprendizagens que ultrapassam tempos, lugares e espaços distintos da vivência humana e mais ainda da vivência Puyanawa. Porta essa capaz de estabelecer conexões entre o passado e presente, possibilitando inúmeras reflexões e nos conduz ainda a um imenso mergulho pelos labirintos da memória, resgatando tradições e trazendo inspiração para o desabrochar e o florescer do conhecimento e do autoconhecimento. O passado é como um sonho, são lembranças e memórias agregadas, que nos moldam e nos transformam no que somos.

Nessa perspectiva, durante todo o percurso trilhado, entre idas e vindas para a realização desse trabalho, estudar, pesquisar e escrever sobre meu objeto de estudo, o ensino da língua indígena na escola *Ixūbāy Rabuĩ* Puyanawa nos anos iniciais do Ensino Fundamental I. Entendendo a língua, como uma ferramenta agregadora para o fortalecimento cultural do povo Puyanawa, teve muitos significados e reflexões. Em outras palavras, viajar pelas leituras, acontecimentos, narrativas e memórias, transportando-me para uma dimensão do tempo, de resgate cultural da minha história e dos meus ancestrais e ainda de reconhecimento e valorização, principalmente de nossa língua indígena *Ũdikikuĩki* (língua verdadeira) que hoje não é nossa língua materna devido ao massacre chamado colonização, hoje temos como língua materna o português que é a língua falada e dominante entre nós Puyanawa.

Mantemos nossa língua viva entre nós, como uma língua de herança<sup>2</sup> e lembrança que é usada em nosso cotidiano, na comunidade em palavras, frases e diálogos específicos e buscamos o fortalecimento linguístico por meio da política linguística implementada na comunidade e subsidiada em grande parte pelo trabalho desenvolvido na escola indígena da comunidade, com objetivos distintos como por exemplo usá-la em nosso cotidiano como uma segunda língua e quem sabe futuramente como língua de comunicação social ativa e fluente entre nós Puyanawa. Como já dito anteriormente, o passado é como um sonho, e mesmo que o tempo tenha

---

<sup>2</sup> **Língua de herança:** é aquela adquirida pelos falantes desde a infância, mas que dificilmente se adquire por completo porque há a presença de uma língua local majoritária, na qual vão se tornar dominantes.

Disponível em: [www.portalgama.com.br/portugues-lingua-de-heranca](http://www.portalgama.com.br/portugues-lingua-de-heranca). Acesso no dia 10.02.2023, as 23h.

ofuscado detalhes, mergulhar no passado permitiu-me aflorar lembranças de inúmeros fatos e histórias vividas, guardadas e adormecidas no íntimo do meu ser: a infância, a adolescência, antepassados queridos, a caminhada de gerações e principalmente minha própria história escrita e gravada nessa comunidade indígena, na floresta amazônica, na cidade mais ocidental do Brasil, pertencente ao Estado do Acre.

Sendo meu povo um dos 16 povos tradicionais existentes no estado do Acre, mas precisamente um dos três povos tradicionais do município de Mâncio Lima o grupo étnico recebe o nome de Puyanawa<sup>3</sup>, que significa “gente do sapo grande”, assim denominados pelos *dawa*<sup>4</sup> e, pertence a a família Pano. De acordo com a narrativa mítica Puyanawa que explica o surgimento do nosso povo, narra-se que a origem aconteceu a partir da união do sapo com a folha. A seguir apresento um trecho que resume a narrativa mítica de origem do povo, que estará como anexo na dissertação, contada pelo emérito Mário *Mãpa* Puyanawa, que é adaptada e trabalhada na escola indígena *Ixũbãÿ Rabuĩ* Puyanawa em todas as turmas das modadlidades ofertadas pela instituição.

#### *SURGIMENTO DO POVO PUYANAWA*

*Vou contar nossas lendas e nossos mitos  
Pra todos memorizar.*

*Antes não tinha ninguém, só as árvores e as palmeiras.*

*Surgiu dentro da capemba fruto da paxiubeira.*

*Foi acumulando água da chuva nas folhas das árvores*

*e surgiu da paxiúba seres vivos peyanawa. Gente da folha do sapo  
que formou uma aldeia.*

*Onde surgiu Dukawa mulher bonita carrapeta.*

*Surgiu peyvakevu que era homem da folha,  
que casou com Dukawa e juntos foram morar.*

*Certo dia aconteceu quando Dukawa morreu,  
que foram todos chorar com pena de Dukawa.*

*E surgiram outros seres além mais de Dukawa.  
e do Peyvakevu, Vakevu nũ Ìnũ ã.*

---

**3 Puyanawa:** A escrita da palavra Puyanawa só foi convencionalizada pela etnia desta forma, a partir do ano de 1995, a partir da elaboração do 1º livro Poyanawa, chamado pela comunidade de cartilha, onde o alfabeto Puyanawa passa a ser usado em sala de aula e é avaliado pela etnia. Os registros antigos mostram a escrita das seguintes formas: Poianaua, Poyanáwa e recentemente Puyanawa. O povo também se autodenominam como: Puyavakevu, Peyavakevu, estas denominações são inferidas para se referir ao povo Puyanawa, com bases no mito de surgimento do povo Puyanawa e também em outras narrativas inerentes ao povo transmitidas pelos ancestrais.

**4 Dawa:** é um termo da língua indígena Puyanawa usado para designar os pessoas não indígenas da região.

*Esse foi o surgimento do povo puyanawa.*

Os Puyanawa residem atualmente na Terra Indígena Puyanawa, nas aldeias Barão e Ipiranga, mas não podemos deixar de mencionar que residem também muitos Puyanawa em contexto urbano, na sede municipal, em outros municípios acreanos e também em outros estados brasileiros, estes são os chamados Puyanawa desaldeiados. A referida Terra Indígena (doravante T.I) fica situada na margem direita do Rio Moa, a 18 km da sede municipal de Mâncio Lima, na cidade mais ocidental do país, sendo possível o acesso tanto fluvial quanto terrestre, no estado do Acre, Brasil. Apontado no mapa como a Terra Indígena 33 (ver imagem 01).

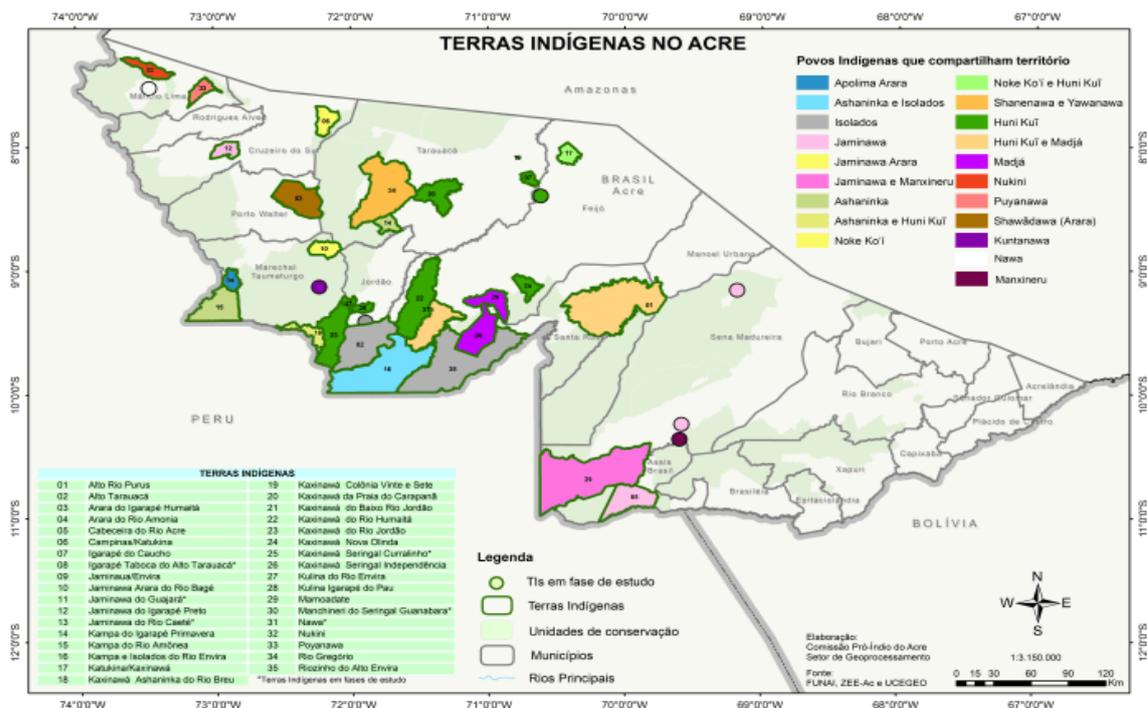


Imagem 1: Mapa do Acre com as terras indígenas.

Fonte: Setor de Geoprocessamento CPI-Acre. Billyshelby Fequis Disponível em: <https://cpiacre.org.br/abril-no-acre-indigena-2021/> Acesso em: 11 de novembro de 2022.

A principal via de acesso para chegar na TI é a estrada que é trafegável de inverno a verão, que liga a cidade de Mâncio Lima à terra indígena, outra opção é através do Rio Moa, ou seja, pelo acesso fluvial. O território indígena perfaz uma área de extensão e perímetro de 24.499 hectares de terra, tendo sido demarcada no dia 17 de maio do ano de 2000. Estando a área homologada e registrada. O grupo subdivide-se em duas aldeias: Barão e Ipiranga, com uma população estimada de 745 pessoas

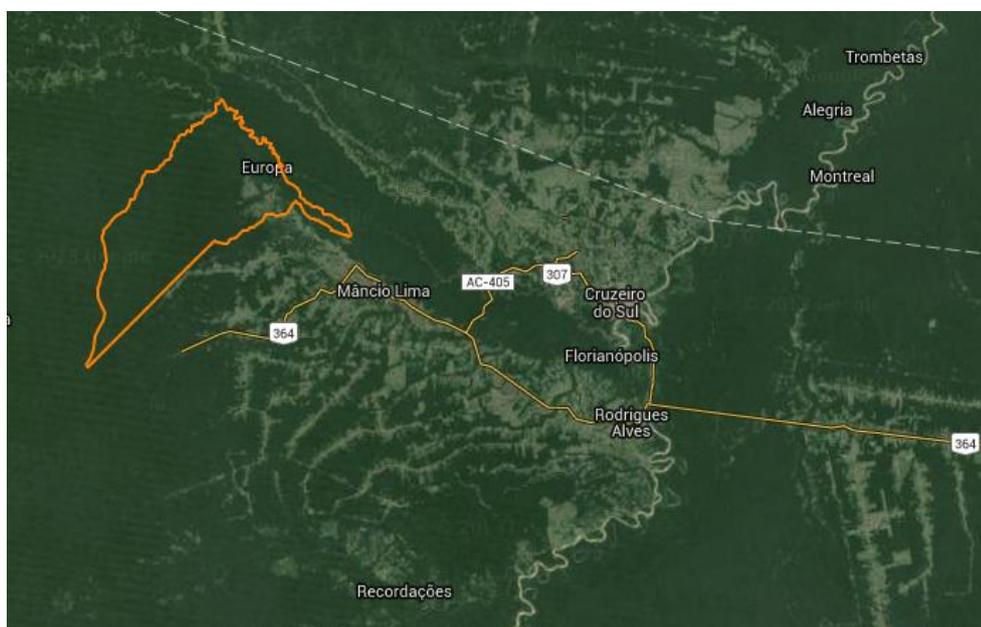
segundo dados apresentados pelo Instituto Sócioambiental (ISA) e Fundação Nacional de Saúde (FUNASA - Pólo Base de Mâncio Lima/AC. Ver o quadro 01 e a imagem 2, da terra indígena Puyanawa:

Categoria	Terra Indígena (T.I)
Povos	1
População	745
Situação jurídica	<b>HOMOLOGADA. REG CRI E SPU.</b>
Jurisdição legal	Amazônia Legal
Estado	Acre
Área oficial	24 mil
Presença de isolados	Não
Faixa de fronteira	Sim

Quadro 1:

**Dados da Terra Indígena Puyanawa.**

Fonte: ISA. <https://terrasindigenas.org.br/pt-br/terras-indigenas/3831>. Acesso em: 11 de novembro de 2022.



**Imagem 2 – Vista Aérea da Terra Indígena Puyanawa.**

Fonte: ISA.

<http://ti.socioambiental.org/pt-br/#!/pt-br/terras-indigenas/3831> (mapas Google). Acessado em: 06 de setembro de 2022

Na aldeia Barão vivem atualmente 108 famílias<sup>5</sup>, a idade dos residentes da referida aldeia varia entre 0 (zero) ano de idade a 106 (cento e seis) anos de idade, sendo o indígena Ramiro o mais idoso da aldeia e modestamente goza saúde e vitalidade, é um senhor simpático e brincalhão. Moram em residências em sua maioria de madeira e alvenaria, dispõem de saneamento básico de água. Todas elas possuem energia elétrica e em sua maioria também têm acesso a internet, cada família zela pelo seu espaço (quintais, áreas de roçados com seus plantios, pequenas criações domésticas, açudes e etc).

Nesta terra Indígena também está localizada a escola infantil *Ādebaiki* que oferece creche (2 e 3 anos) e pré-escola (4 e 5 anos) as crianças das duas aldeias. Está sob a administração da professora responsável Francisca Arlete dos Santos, indígena Puynawa que reside na aldeia Ipiranga. O quadro de funcionários é composto por indígenas da própria comunidade, todos são de contratação temporária aprovados em processo seletivo ou contratação direta e estão vinculados a prefeitura municipal do município de Mâncio Lima, a seguir apresento o quadro de funcionários do ano letivo de 2022, (ver quadro 2.)

Quadro demonstrativo de funcionários da escola creche <i>Ādebaiki</i> – ano letivo de 2022		
Funcionário	Nome na língua Puyanawa	Função
Francisca Arlete	Akutxu	Professora responsável
Jonatas Malan		Professor pré-escola (5anos)
Rosangela	Divi TxuKu	Professora pré-escola (4anos)
Jaqueline	Dayu	Professora creche (3 anos)
Nubia	Awī Sakuiruya	Professora creche (2 anos)
Victor	Mākuya	Auxiliar de creche
Rubertene		Merendeira
Carlos Rodrigo		Servente

Quadro 2: **Quadro Demonstrativo de Funcionários da Escola Creche *Ādebaiki***  
 Fonte: Dados levantados pela autora

Na aldeia Barão está localizada também a escola lócus da pesquisa *Ixūbāy Rabuĩ* Puyanawa, as igrejas católica e pentecostal da Graça de Deus, campo de futebol, posto de saúde, casas de farinha, dentre outros. Fica localizado ainda o cemitério onde os indígenas Puyanawa que falecem são enterrados. Este por sua vez

<sup>5</sup> Estas 108 famílias vivem em 100 residências, pois algumas famílias ainda não possuem residência própria e moram com algum familiar, geralmente os pais.

ainda não é reconhecido legalmente e estar em processo de reconhecimento, e, este fator estar se dando devido reivindicação dos indígenas e da atuação do cacique das aldeias que representa o povo no poder legislativo do município. Esta é uma reivindicação antiga do povo, pois os Puyanawa em sua conjuntura atual velam e enterram seus entes queridos assim como o não indígena. As fotos 1, 2, 3 a seguir trazem um esboço preliminar da aldeia Barão.



Foto 1: **Unidade Básica de Saúde Mário Puyanawa Mãpa.**  
Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora.2022.

A Unidade Básica de Saúde (UBS) Mário Puyanawa Mãpa situada na aldeia Barão foi construída por meio de emenda parlamentar da ex deputada federal Jéssica Sales, recebeu este nome em homenagem a uma das grandes lideranças do povo Puyanawa, pai do atual cacique e que foi mais uma vítima fatal da pandemia do Covid-19. Foi inaugurada dia 19 de julho do ano de 2021. Anteriormente a comunidade dispunha de um posto de saúde de pequeno porte e bem deteriorado. A UBS dispõe

de uma boa estrutura física, com consultório odontológico, laboratório de endemias, sala de vacinação e farmácia, presta atendimento aos moradores das duas aldeias da comunidade e também dos moradores das comunidades circunvizinhas Maloca e São Domingos, com uma equipe multidisciplinar com profissionais de saúde que prestam serviço a saúde indígena, onde parte dessa equipe são indígenas da própria comunidade. A UBS é caracterizada pela Secretaria Especial de Saúde Indígena (SESAI) como porte I, com uma boa estrutura porém é preciso ainda que a mesma seja melhor equipada para atender a totalidade de demandas em atendimentos de saúde básicos na comunidade.



Foto 2: **Mercearia Manaitá, proprietário Eduardo, onde faz vendas de mercadorias, como pão, dentre outras variedades e estivas.**

Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora.2022.

Na aldeia Barão, assim como na aldeia Ipiranga temos pequenos comércios, que são locais de pequena estrutura física para vendas de estivas em geral, denominadas na comunidade como “botequim”. A mercearia Manaitá, por exemplo, apesar de ser pequena disponibiliza para a comunidade uma variedade de produtos e estivas em geral e também faz venda de pães. Temos ainda a mercearia Martins, a mercearia encontro dos amigos, a mercearia Constant e a sorveteria do Tepô. Estes pequenos locais de vendas exercem papel importante no território indígena, tendo em vista que nem sempre as pessoas têm disponibilidade de ir a cidade para comprar mantimentos, e os comerciantes Puyanawa fazem venda no crédito (fiado) para pagar com 30 dias.



Foto 3: **Escola Ixubã Rabui Puyanawa**. Escola locus da pesquisa.  
Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora. 2022.

A escola locus da pesquisa *Ixubã Rabui Puyanawa*, é a única escola de ensino fundamental e médio do território indígena, possui uma boa estrutura física, e, é visionada pelo povo como uma ferramenta que pode abrir novos caminhos e novos horizontes contribuindo fortemente para a valorização cultural e o fortalecimento das práticas culturais no território indígena Puyanawa.

O que divide as duas aldeias é o *Behkua* (Igarapé Grande), ao atravessarmos a ponte já estamos na aldeia Ipiranga, nela vivem atualmente 99 (noventa e nove) famílias, a média da idade populacional varia de 0 (zero) a 88 (oitenta e oito) anos de idade. O senhor Luis de Lima é o indígena mais velho da aldeia. Assim como na aldeia Barão, as residências também são, em sua maioria de madeira e alvenaria, todas têm energia elétrica e muitas delas têm acesso a internet por meio de provedores de internet advindos do município e contam com sistema básico de abastecimento de água.

Na aldeia Ipiranga ficam localizados a sede da Associação Agroextrativista Puyanawa Barao e Ipiranga (doravante AAPBI), casas de farinha, áreas produtivas com a predominância de plantação de roça, pastos com pequenas criações bovinas, campo de futebol, igreja Batista Aliança Puyanawa, e o centro cultural (arena). É nesta

aldeia que reside a liderança marjoritário do povo. As fotos 4, 5 e 6 nos dá uma dimensão do lugar descrito.



Foto 4: **Vista aérea do centro cultural (arena).**  
Fonte: arquivo pessoal da pesquisadora. 2022.

O centro cultural foi construído no ano de 2008, para a realização do I Jogos da Celebração e V Encontro de culturas Indígenas do Estado do Acre. O local onde este espaço foi construído era uma antiga área degradada e improdutiva, que era pasto para criação de gado, deixada ainda pelos antigos patrões seringalistas. Este local em língua Puyanawa se chama “*Dimanã ewe yūbabu*”, que significa “ floresta casa de todos nós”. Após a realização do evento o local tornou uma referência na terra indígena devido sua estrutura: um lugar amplo, que foi reflorestado através de projeto desenvolvido pela escola em parceria com AAPBI. Onde realizamos os eventos culturais, festividades culturais, realização de trabalhos espirituais em momentos específicos e é usado também como sala de aula, um espaço que dispença paredes delimitadas em um espaço físico onde disseminamos saberes, onde protagonizamos trocas de saberes, ensinamos e aprendemos.



Foto 5: **Igreja Batista Aliança Puyanawa.**  
Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora. 2022.

A igreja Batista Aliança Puyanawa, se faz presente na aldeia Ipiranga a muito tempo, a mesma foi liderada por muitos anos pelo émerito Mário Puyanawa, sua religião era uma de suas grandes paixões. Foi liderada por alguns anos também pelo atual cacique do povo, que afastou-se de religião que seguia para dedicar-se e liderar seu povo tanto cultural quanto espiritualmente. Quem assume atualmente a liderança da igreja é o senhor Amós, uma excelente pessoa que exerce seu papel de pastor, participa das festividades culturais, é o agente indígena de saneamento básico. É filho de Mário Puyanawa e irmão do atual cacique.



Foto 6: **Sistema de abastecimento de água na aldeia Ipiranga.**  
Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora. 2022.

O sistema de abastecimento de água na aldeia Ipiranga é administrado pelo agente indígena de saneamento básico (AISAN) Amós, que reside na referida aldeia e faz parte da equipe multidisciplinar de saúde Puyanawa, contratado por empresa terceirizada, e vinculado a SESAI, exercendo sua função na comunidade com eficiência e profissionalismo. A água que é fornecida é gratuita, ficando na responsabilidade de cada morador os cuidados necessários, como por exemplo fazer o uso da água com consciência e qualquer problema que venha a surgir na encanação ou na rede de água é comunicado ao AISAN.

Assim como em qualquer outra cultura, nós Puyanawa vivemos uma vida rotineira com afazeres diários e práticas distintas no dia a dia, desfrutamos ainda de uma vida cotidiana que em muitos lugares já se torna impossível, como por exemplo caminhar livremente pela estrada e caminhos nas aldeias. O igarapé que divide as aldeias é um ponto de grande circulação de pessoas na comunidade, onde

diariamente é possível tomar um banho refrescante na sua água fria e corrente, muitas pessoas ainda lavam louça e roupa e este é uma das opções que a comunidade dispõe quando o abastecimento de água nos falta.

Os indígenas puyanawa sobrevivem substancialmente e economicamente da agricultura familiar, destacando-se entre as atividades produtivas os plantios de mandioca para produção em grande escala da farinha de mandioca. Alguns são funcionários do Estado, como professores, agentes de saúde, agente de saneamento básico, agentes agroflorestal, técnicos em enfermagem e outros. Um aspecto que é importante ser enfatizado é a prática de produção de artesanatos para venda dentro e fora da comunidade indígena, que vem se destacando nos últimos anos e ganhando mais força, se tornando também uma fonte de renda para famílias nas aldeias, vale destacar também que esse fortalecimento se deu em grande parte devido ao trabalho desenvolvido pela escola, de incentivar e colaborar e também ensinar os alunos, técnicas de produção com miçangas, sementes e outras matérias primas, e o trabalho desenvolvido pela escola está sendo difundido na comunidade. Em uma reunião com os responsáveis dos alunos na referida escola, a mãe de uma aluna fez uma fala de agradecimento aos professores e ao trabalhos desenvolvido, ela nos disse que hoje é uma artesã Puyanawa, que antes ela não sabia fazer nada de artesanatas, não sabia se quer fazer uma simples flor com miçangas e quem a ensinou e estimulou a prática de artesanatos foi sua filha, que aprendeu na escola com sua professora. Ela agradeceu e disse que hoje sua maior fonte de renda provém da venda da produção de suas artes. É por meio de falas como esta, que vemos os frutos do trabalho que estamos desenvolvendo com os nossos alunos.

Fazemos nossas festividades culturais, fazemos uso de nossas vestes culturais, de nossas pinturas corporais, cantorias, fazemos ainda uso de bebidas tradicionais: a *ũba* (uma bebida tradicional conhecida popularmente como caiçuma) feita a base da *atsa* (mandioca) e o *dispanĩhew* (conhecida popularmente como ayahuasca). Esta por sua vez é utilizada em momentos específicos e voltados para o lado espiritual e, também está sendo uma ferramenta agregadora frente a(s) reconstruções identitárias Puyanawa.

Ao que se refere às práticas e festividades culturais do povo e ainda à valorização cultural, na aldeia Ipiranga há um local específico para a realização dessas atividades, local sagrado e de referência para nós, pois lá são realizados os eventos culturais, festas tradicionais e realização dos trabalhos espirituais. Este local,

que inicialmente era chamado de arena foi construído em 2008 para o I Jogos da Celebração e V Encontro de Culturas no Estado do Acre, o local onde foi construído era uma antiga área degradada, deixada pelos antigos patrões, aos quais eram campineiras de gado. Porém, cabe salientar que as atividades relacionadas às práticas culturais não acontecem somente neste local, elas também acontecem em outros locais dentro da comunidade. Um local sagrado chamado por nós Puyanawa de “*Dimanã ewe yūbabu*” que significa “floresta, casa de todos nós” onde também foi construída a “*takaniça*” casa do conhecimento. Esse espaço cultural e espiritual é um espaço agregador frente ao trabalho desenvolvido pela escola, pois é também uma verdadeira sala de aula, que dispensa paredes e agrega inúmeros conhecimentos, onde são realizadas aulas interdisciplinares, festas culturais que fazem parte do calendário diferenciado da escola locus da pesquisa.

Quanto à organização política e social, o povo Puyanawa não se organiza mais nos modelos de antigamente. No entanto, na organização social desta geração destaca-se também como uma ferramenta de fundamental importância dentro do território indígena a Associação Agroextrativista Puyanawa Barão e Ipiranga (doravante AAPBI), que mesmo não sendo um instrumento próprio dos povos indígenas, muitos destes, como é o caso dos Puyanawa que estão a utilizar esse mecanismo como uma maneira de conseguir o que almejam diante da sociedade envolvente, bem como parcerias e financiamento de projetos para a comunidade e desta forma a AAPBI tornou-se uma instância administrativa dentro da TI. Esta associação, por sua vez, foi criada em 1988. Com a comunidade indígena mais organizada e em busca de seus ideais, decidiu-se então criar a associação com o objetivo de ter força jurídica na defesa dos interesses do nosso povo, melhorar a organização da produção interna, captação de recursos e projetos, e, ainda buscar parcerias com instituições governamentais e não governamentais. (FEM, 2010). A foto 7, a seguir mostra a sede da AAPBI.



Foto 7: **Sede da Associação Agroextrativista Puyanawa Barão e Ipiranga, localizada na aldeia Ipiranga.**

Fonte: acervo pessoal da pesquisadora, 2022.

Em contrapartida, a criação da associação também foi construída uma sede para a AAPBI na aldeia Ipiranga, local no qual são realizadas as reuniões mensais, com os representantes da comunidade, equipe gestora e membros da AAPBI. Diante desse contexto, esta por sua vez tornou-se uma ferramenta indispensável na caminhada e na busca de melhorias para o território e para seus habitantes.

A Terra Indígena (TI) Puyanawa possui Plano de Gestão Territorial e Ambiental (PGTA) que foi elaborado e discutido coletivamente pelo próprio povo, que percebeu a necessidade de ações e atitudes para cuidar melhor do seu território. O mesmo foi elaborado em parceria com a AAPBI como maior instância administrativa, Comissão Pró-Índio do Acre (CPI-AC), Associação do Movimento dos Agentes Agroflorestais do Acre (AMAIAC), tendo a participação das lideranças e os indígenas Puyanawa que juntos erguem a AAPBI. O PGTA é um documento reconhecido pela comunidade e, conforme as leis da sociedade ocidental (não índio), o mesmo é revisado de dois em dois anos com a participação ativa da comunidade. Neste documento estão as normativas internas da comunidade, as quais visam a qualidade de vida, buscando atender as necessidades da população indígena e cuidar do território e de suas inúmeras formas de vida. O PGTA dispõe sobre: recursos florestais e florísticos, caça, pesca, roçados, plantios agroflorestais, criação de animais domésticos e silvestres, saúde ambiental, beneficiamento, vigilância e fiscalização da terra indígena, entorno,

revitalização cultural e planejamento comunitário. Na foto 8 temos a capa do PGTA da comunidade Puyanawa.

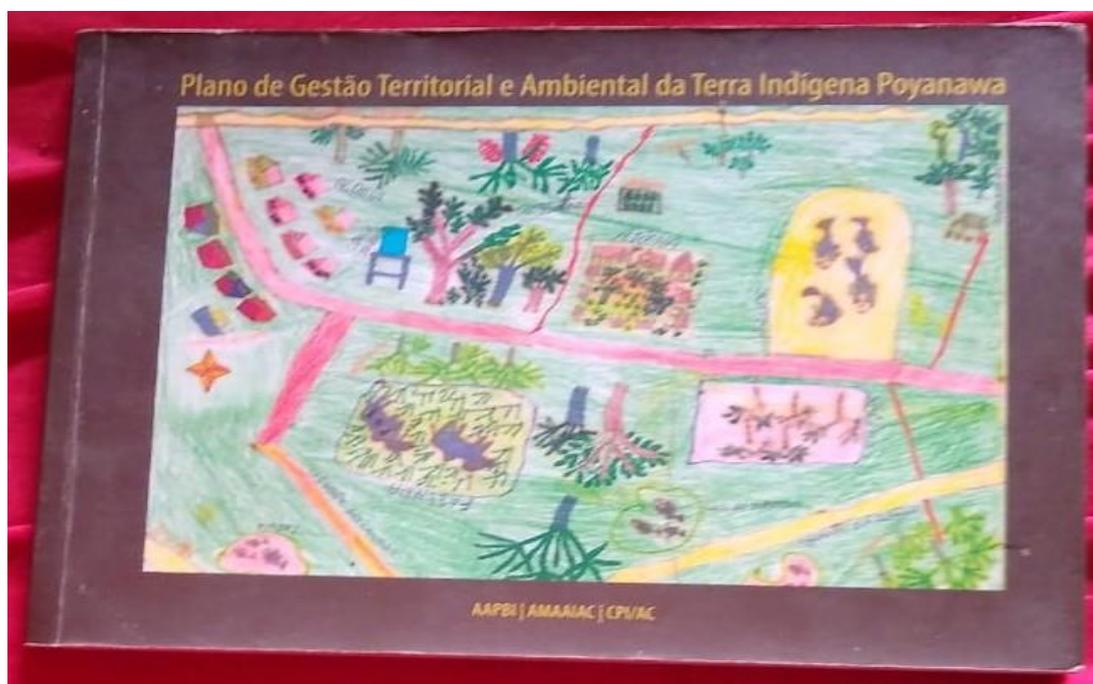


Foto 8: **Capa do Plano de Gestão Territorial e Ambiental da Terra Indígena Puyanawa.** Fonte: Arcevo pessoal da pesquisadora, 2022.

Nesta perspectiva o plano de gestão da terra indígena Puyanawa é uma ferramenta importantíssima para que possamos fazer o manejo dos recursos naturais para que esta relação seja uma forma equilibrada de viver e conviver em comunidade. Um problema alarmante e preocupante é a questão do entorno, vigilância e fiscalização da terra, que se agrava a cada dia, segundo dados da última operação de vigilância e fiscalização foram detectadas áreas devastadas, indícios de caçadas e pesca predatória por parte dos não indígenas.

Na contemporaneidade, vivemos no chamado “tempo dos direitos”, mas ficamos nos questionando qual é esse tempo dos direitos? Temos a posse da terra, porém faz-se necessário o cuidado com o território, pois nossa terra é invadida e os recursos nela são usurpados pelos dawa a todo momento e nossos direitos são violados. Temos conhecimento e informações para estar levantando e debatendo as preocupações do povo no que se refere à gestão do território indígena Puyanawa e ainda dar enfoque a qualidade de vida nesse território. Tendo em vista que qualidade de vida não é apenas ter acesso fácil ao poder monetário, mas sim viver bem, ter uma vida saudável e um território equilibrado. Pois, para nós, povo Puyanawa, a floresta é

o ser supremo que tudo nos dá sem pedir nada em troca, temos que trabalhar com alternativas sustentáveis. Para que os povos indígenas possam viver em seu território da melhor maneira possível, é preciso que as esferas de poder façam valer o que muitas vezes estão descritos apenas em papéis e que na prática inexistem, existem ainda povos que não têm seus territórios demarcados e vivem a margem da sociedade sem condições de viverem dignamente.

Destarte, o povo puyanawa quase foi dizimado e exterminado pelo colonizador, que nos obrigou a se adaptar ao regime do não indígena e como consequência deste fato resultou a fragmentação de muitos de seus costumes e o aprendizado de outros costumes diferentes de universo cultural. O que resultou em danos desastrosos e irreparáveis pois, uma vez mantido contato com o não índio é impossível viver sem as marcas deixados por este contato sejam elas boas ou ruins. Um dos maiores danos ocasionados ao povo fora sua língua nativa, chamada pelos Puyanawa de “*Ūdikikuĩki*” que significa língua verdadeira e que hoje tentamos fortalecer-la, e, agregado a este fortalecimento, está também o fortalecimento dos demais aspectos culturais que englobam a identidade puyanawa.

Para isto, a comunidade tem um grande apoio da escola indígena que é vista por nós indígenas puyanawa como uma ferramenta para manter e fortalecer nossa cultura bem como nossos costumes, mas não podemos nos esquecer que esta ferramenta é uma via de mão dupla que também traz consequências dentro de uma comunidade indígena fragmentada, com fortes traços de miscigenação racial. Diante de tantas dificuldades, violências e opressões vivenciadas e enfrentadas num passado não tão distante, o povo Puyanawa segue acreditando em dias melhores, defendendo sua cultura como bandeira de luta, conforme depoimento de Maria Evanizia, indígena do povo Puyanawa, em documento da Fundação Elias Mansour (FEM, 2010):

Mesmo diante de todos os percalços pelos quais passou ao longo do último século, o povo Puyanawa segue firme no seu projeto de vida: na defesa de seus direitos, interesses e no cumprimento de seus deveres, nas suas relações políticas e econômicas com a sociedade envolvente, lutando pela proteção de seu território, pelo desenvolvimento de atividades econômicas sustentáveis, mas, principalmente, pelo fortalecimento e pela valorização de sua cultura (FEM, 2010, p. 129).

No depoimento acima, percebe-se claramente os aspectos de resistência do povo Puyanawa em relação ao processo de transformação forçado pelo qual passou,

sendo firmes e fortes, mesmo diante de tantas atrocidades vivenciadas e cometidas com o povo resultando na fragmentação de sua cultura e de sua língua materna. Diante do contexto apresentado, buscar o fortalecimento cultural neste momento é essencial. Na contemporaneidade, a cultura Puyanawa é entendida e compreendida como uma cultura hibridizada e o almejado fortalecimento cultural passa a ter um significado maior que o comum, pois trata-se de manter e fortalecer a(s) identidade(s) do povo, como uma forma de sobrevivência e resistência nos dias atuais, onde os grupos étnicos são estereotipados como se fossem únicos e não tivessem suas especificidades.

Nesse processo de valorização cultural e (re)afirmação identitária a escola tem como objetivo desenvolver no estudante indígena suas capacidades afetivas e cognitivas para agir com perseverança na busca de conhecimento e no exercício da cidadania, respeitando as diferenças e a diversidade, garantindo seus direitos e apontando seus deveres. Através do acompanhamento profissional somaremos e buscaremos novas oportunidades para efetivarmos um ensino de qualidade que ofereça os subsídios necessários para a formação de cidadãos que sejam capazes de viver e conviver em sociedade, respeitando a diversidade, a heterogeneidade e as diferenças de gênero. E que apesar de tudo, o que os nossos antepassados viveram fiquem no passado e que a nossa geração possa dar continuidade a uma vida em coletividade, honrando os saberes ancestrais, valorizando e praticando a cultura e nossa(s) identidade(s) e para isto fortalecer a língua materna e colocá-la em uso social é fundamental.

De acordo com Bauman (2005) as identidades são construídas e, portanto, retratam a vida na contemporaneidade e nesta perspectiva o povo Puyanawa é um dos povos originários existentes em nosso país que não aceita e nem deve ser estereotipado. Os Puyanawa não são caboclos como muitas vezes são chamados, aculturados ou sem cultura como muitos *dawa* (não indígenas) que não conhecem a história vivida, discurso esse que não é aceitável por nós povos indígenas. Particularmente não acredito que possa existir uma pessoa sem cultura, pois por mais que seja obrigada a deixar suas práticas culturais estas por sua vez deixam suas marcas e raízes entranhadas e para mim, estamos vivendo um momento novo e estamos valorizando a nossa cultura.

Ainda nesse contexto de valorização cultural e (re)afirmação identitária a comunidade vêm se apoiando na escola indígena como um articuladora de grande

relevância para os projetos societários que são prioridades e que vêm sendo desenvolvidos. E nesta perspectiva, de acordo com Paiva (2015), “a legislação brasileira define que a escola indígena deve ter cinco princípios fundamentais: comunitária, intercultural, bilíngue, específica e diferenciada”. E segundo Medeiros (2012), a escola indígena deve e precisa ser:

Específica e diferenciada, porque deve ser concebida e planejada como reflexo das aspirações particulares de cada povo indígena e com autonomia em relação à construção de sua escola. A maioria dos povos indígenas hoje vê a escola como uma aliada: para aprender os códigos do ‘mundo dos brancos’ (tendo como principal exemplo a aquisição da língua portuguesa), de modo a se instrumentalizar para as lutas indígenas; e também para tentar reverter o processo de ocidentalização e desestruturação cultural que sofreram até então, fortalecendo suas culturas. (MEDEIROS, 2012, 83)

O seguinte argumento é complementado ainda por Bittencourt (1994) quando diz que:

O papel da escola é percebido, portanto, de forma ambígua e aparentemente contraditória. A escola pode servir como elemento que favorece e acelera a perda da cultura anterior, que é substituída por um saber escolar criado pelos brancos, mas ela pode também servir para ampliar suas formas culturais de comunicação, situação que ocorre principalmente quando se desenvolve a alfabetização bilíngue. (BITTENCOURT, 1994, p.106).

Nesta perspectiva a educação formal foi introduzida para o povo Puyanawa com ideais e objetivos muito distintos dos que é concebido hoje. A escola anteriormente inserida como uma ferramenta de dominação, apagamento da cultura, passou por transformações ao longo do tempo. E esse cenário começa a se configurar de maneira oposta a partir de 1988 com a criação da AAPBI, com a comunidade mais organizada, como uma ferramenta na defesa e busca pelas ideias comum do povo. E se configura mais distintamente ainda com a demarcação do território indígena em 2000, após muitas batalhas travadas, incluindo uma alta demarcação viabilizada pelo próprio povo e ainda com a inserção do ensino diferenciado no ano de 2000. Passa então a se ter uma escola indígena, com um ensino diferenciado e muitos desafios a ser trilhados pelos atores envolvidos.

Nos dias atuais, existem ainda discursos dissonantes dentro da comunidade indígena puyanawa no que se refere ao ensino que é aplicado: ensino diferenciado. Mas, o povo em sua maioria entende a importância e a necessidade do trabalho que a escola vem desempenhando. Nos últimos anos tivemos grandes conquistas, dentre

as quais destaco: a inclusão da disciplina de Língua Indígena Puyanawa no currículo da referida escola, na base comum do currículo, pois anteriormente a mesma estava na parte diversificada. A aprovação do Projeto Político Pedagógico (doravante PPP) da escola Indígena *Ixūbāy Rabuĩ* Puyanawa (doravante IRP), onde esse documento norteia as ações alencadas pela escola, estão descritas e reconhecidas pelo Conselho Estadual de Educação do Estado do Acre (CEE/AC) todo o panorama e diretrizes atreladas a referida disciplina decididas coletivamente pela comunidade escolar, lideranças e comunidade em geral presente na assembléia de apresentação, bem como os objetivos da disciplina. Além disso, o PPP apresenta uma nova disciplina: Práticas Ecológicas e Culturais do povo Puyanawa, que tem por objetivo intensificar a valorização do cuidado com as questões ambientais na comunidade bem como incrementar os valores culturais e linguísticos do povo.

Com esta aprovação, muita coisa muda de cenário, a escola IRP passa a ser a primeira escola indígena do estado do Acre a ter este documento aprovado sem ressalvas. O ensino que vem sendo protagonizado tem bases legais, que foi de grande importância durante a realização da pesquisa sendo usado na triangulação dos dados da pesquisa.

Quanto aos aspectos culturais fica claro a necessidade e a importância desse momento de (re)afirmação identitária e valorização cultural para o fortalecimento e a soberania deste povo que vem sendo protagonizado a alguns anos. A língua indígena é ensinada na escola como uma ferramenta agregadora para este momento vivenciado de fortalecimento cultural para o povo Puyanawa. No tocante ao ensino de língua indígena e a política linguística na comunidade Puyanawa, cabe destacar uma das primeiras pessoas que despertou para as ações com vistas a fortalecer a língua materna foram as índias Railda Manaitá e Sofia Lopes. Diante do exposto, destaca-se também que esse despertar se deu ainda a partir da realização de pesquisas de mestrado do linguista Aldir Santos de Paula.

## **1.2 – Um pouco do contexto histórico do povo**

Para falarmos sobre o contexto histórico do povo Puyanawa vale a pena destacar que em um período remoto e anterior a dominação pelo não indígena, o povo viveu um período anterior, na qual não se têm muito registros escritos. Para iniciar essa seção destaco a fala de um Puyanawa, que retrata a origem e ancestralidade.

Segundo dados coletados com o jovem sábio da comunidade *Kuniwaway*<sup>6</sup> através de depoimento oral, gravado e autorizado durante uma fala específica, em uma festividade na comunidade, mas especificamente no centro cultural da comunidade, situado na aldeia Ipiranga, festividade essa em alusão ao dia e a posse do cacique, no dia 23 de setembro de 2022. Ele assim nos fala:

Ao longo dos tempos houve-se uma história a princípio de nosso povo, a qual sobreviviam na floresta sem fronteiras, os mesmos eram coletores de frutas e raízes, caçavam e pescavam para auto se sustentarem. Eram uma vida digna, apenas vivia daquilo que a floresta oferecia. Aos nossos conhecimentos ancestrais, tínhamos um primeiro *Xānybu* que era responsável, e pai da nação *PUYAWAKEVU*<sup>7</sup>, que ao longo do tempo tinha por nome (Napoleão nome dado pelos brancos no processo da história do povo), tradicionalmente seus nomes de líderes era chamado pelo grupo de forma carinhosa, conhecido como *Wevahkāy* (que significa guloso por *basa*, mingau feito de pupunhas e banana verde machucada), *yurabakuís* (homem forte), *Puwenã* (guerreiro chefe), mas em diante era chamado de *wevua*, representante de todos, ou *kixikixi* que era chefe, e *yurakaya* que também representa chefe. Ele ensinava muito, como sobreviver e mantinha o cuidado com o grupo, ao todos eram muitos, todos viviam numa única casa, cada um, que nascia tinha a missão, depois de jovem, descobrir suas habilidades e bravuras, as missões para os jovens eram descobrir seus talentos e trazer para o *xanāybu* suas coragens e bravuras. As armas para os homens eram as flechas, pois alguém tinha que ser flecheiros, caçadores e pescadores, tinham que saber as medicinas para se curarem, e ser guerreiros de conflitos com outros grupos que naqueles tempos existia. As mulheres eram ensinadas por ele a trabalharem nas cerâmicas e bebidas, coletavam frutas e buscavam saborar de abelha para trabalharem na bebida do pasma, feita de pupunha e milho, trabalhavam com códigos familiares, como tatuagem para não misturar as famílias, cada família tinha suas marcações nos corpos, conhecida como *yura rura*. Seus costumes de líder era fazer serenatas juntos as mulheres para receberem os guerreiros que chegavam com a caça ou escapar de conflitos gerados na época, *wevahkāi* por ser um homem forte mostrava suas bravuras em seu ritual sagrado, dançava o *hekimã* com duas índias cada uma de um lado de seus braços, suspensa do chão em suas brincadeiras. Ali mostrava para o grupo o ato de liderança, bravura e coragem de um grande guerreiro, vivenciando junto ao povo sua cultura e tradição. Enfim vivia em plena harmonia entre eles. Até então a chegada dos *dawa*, massacrando totalmente sua forma de viver e mudando seu percurso de sua história. *Wevahkāi* nosso primeiro *xānybu* ainda mostrou sua bravura aos catequizadores, não deixou se

---

<sup>6</sup> **Kuniwaway** é um jovem, porém um grande sábio Puyanawa, é professor na escola Ixubay Rabui Puyanawa, é um grande incentivador da cultura Puyanawa. Desde de pequeno se dedica as questões culturais, faz parte do grupo espiritual que busca o fortalecimento cultural e espiritual através do *dispanihew* (bebida sagrada). É um grande incentivador e disseminador dos conhecimentos culturais.

<sup>7</sup> **Puyavakevu**: é um termo usado pelo povo, uma autonomeação que tem o mesmo significado da palavra Puyanawa. Puya=sapo e vakevu=gente/povo. Mas no corpo do texto optou-se por utilizar o termo Puyanawa.

elevar por nada e resistiu até sua morte, mostrando para o futuro do povo sempre sua coragem e determinação de líder. Mas tarde, aos poucos que restaram dessa grande tragédia, com as lutas e o processo de estabilização do povo, nosso povo ensinou muito, fizeram outro grande e segundo *xanãybu* Mario Mãpa, marcando desde o início, do seu nascimento que veio já com choros e lágrimas de felicidades e esperança de mulheres *Puyawakevu* nativas, profetizando o novo líder do povo. *Mario Mãpa* sempre vai ser nosso eterno *Xãnaybu*, *Wevahkãi*, *Wevua*, *Kixikixi*, *Puwenã*, *Yurabakuis* e *yurakaya*, vai ser nosso filho da floresta [...]. (KINIWAWAY, informação verbal, em 23 de setembro de 2022).

Achamos conveniente trazer primeiramente um olhar sobre a ótica de um Puyanawa, como uma maneira de dar o devido protagonismo a um povo que por muito tempo fora colocado como pláteia e não como protagonista de sua própria história. Para então partir para uma descrição ancorada em alguns autores nos quais tivemos acesso.

Segundo os escritos históricos sobre o povo Puyanawa, aos quais foi possível o acesso, como Pessoa (2007), aponta-se que o povo é tradicionalmente oriundo do Alto Juruá. No entanto, com a chegada dos primeiros exploradores, por volta de 1857, os Puyanawa migraram para uma região situada entre o Paraná dos Mouras e o rio Moa. Onde permaneceram nessa região até o ano de 1910, e posteriormente foram encontrados, capturados e “amansados” pelo coronel Mâncio Agostinho Rodrigues de Lima, que teve como aliado Antônio de Bastos, que se passando por índio, pois falava a língua Puyanawa, foi aceito pela comunidade. Os Puyanawa foram capturados para servirem de mão de obra escrava no seringal Barão do Rio Branco. No acervo do Arquivo nacional, encontramos alguns registros fotográficos, disponibilizados pelo ISA, disponível para acesso e que são importantes fontes de registro sobre a história do povo Puyanawa neste período. Ver imagem 3 e 4.



Imagem 3: **Mulheres Puyanawa (1913).**

Fonte: Brasil. Tribunal Especial. Publicada em 1931, Vol. 4, pg. 30. Acervo: Arquivo Nacional. Disponível em: [http://img.socioambiental.org/v/publico/puyanawa/puyanawa\\_6.jpg.html](http://img.socioambiental.org/v/publico/puyanawa/puyanawa_6.jpg.html). Acessado em: 11 de novembro de 2022.



Imagem 4 - **Homens Puyanawa (1913).**

Fonte: Brasil. Tribunal Especial. Publicada em 1931, Vol. 4, pg. 30. Acervo: Arquivo Nacional. Disponível em: [http://img.socioambiental.org/v/publico/puyanawa/puyanawa\\_6.jpg.html](http://img.socioambiental.org/v/publico/puyanawa/puyanawa_6.jpg.html). Acessado em: 11 de novembro de 2022.

A imagem 3 retrata indígenas Puyanawa, com a descrição de “Mulheres da tribu Poianáuas, localizadas na Villa Rondon, no Rio Mõa, depois de haverem recebido vestidos e brindes”. Já na imagem 4 podemos observar na legenda a seguinte

descrição: “Alto Rio Juruá – índios da tribo Poianáuas, localizadas na Villa Rondon, no Rio Mõa, depois de haverem recebido roupas, chapéus e brindes – 1913”.

Como já dito anteriormente, o material histórico bibliográfico além de ser escasso é ainda de difícil acesso. Onde um dos registros escritos de maior abrangência são os relatos do médico João Braulino de Carvalho (1931), esta ressalta que houve resistência a este brutal processo de “amansamento” e escravização, onde os Puyanawa utilizavam-se de muitas artimanhas para se manter vivos diante dos opressores, porém não foram o suficiente para se ver livre das mazelas impostas. Naiara Fernandes de Souza (2009, p: 19) faz uma análise deste período histórico, em seu estudo monográfico:

Quanto ao povo Poyanáwa, há alguns registros sobre o número de pessoas, principalmente daqueles que eram apreendidos e submetidos ao trabalho forçado nas empresas seringalistas. Por exemplo, daqueles que foram levados para o Seringal Barão do Rio Branco, de propriedade do Cel. Mâncio Agostinho Rodrigues Lima, para o trabalho escravo, recebendo como pagamento alimentos e roupas. Ou ainda, conforme dados de 1920 e 1927, do Dr. João Braulino de Carvalho, informando da existência de 125 Poyanáwa catequizados no Seringal Barão. Por sua vez, Kietzman informa que em 1908 havia 50 sobreviventes num seringal no rio Mõa. (SOUZA, 2009, p. 19.)

O médico João Braulino de Carvalho (1931), da Comissão de Limites do Brasil manteve contato com o povo Puyanawa entre os anos de 1920 e 1927, onde durante este período pôde registrar de perto fatos culturais do povo no que se refere tanto a cultura material quanto da cultura imaterial. Outro autor que teve contato com o povo fora Castelo Branco (1930) que descreveu sobre os aspectos culturais, rituais, pinturas corporais, artesanatos. (PAULA, 2011).

Oscar Calávia Sáez (2002), ao estudar sobre os povos indígenas do grupo/família linguística Pano, avalia um “número virtualmente infinito de etnônimos, e a combinações de identidades praticamente individualizadas”. Segundo escritos do estudioso:

Este tipo de precisão referida a si mesmos pode-se aplicar também a outros. Assim, dizem os Yaminawa que aqueles conhecidos pelos brancos como Kaxinawá não são verdadeiros Kaxinawá, mas Sainawa, sendo que os verdadeiros Kaxinawá, um pequeno grupo de índios brabos, foram assimilados por eles decênios atrás. Se no plano do cotidiano os nomes nem sempre têm alguma correspondência com características perceptíveis do povo que designam, em mãos dos eruditos eles se apresentam carregados de informação, e são um suporte considerável de etnohistória: assim, os Ushunawa receberam

esse nome porque andavam sempre de noite ou porque eram muito brancos; os Marinawa porque roubavam mandioca das roças alheias; e os Yaminawa pelo seu apaixonado interesse pelos objetos de metal dos brancos. Unindo o útil ao agradável, os nawa se divertem bastante com os nomes, chamando os Sharanahua (gente boa) de Saranahua (gente abelha, "abelhudos"), ou carimbando como Poianawa (gente bosta) um povo que comentaristas mais austeros identificam como Pêianawa (segundo o nome de um pássaro). (SAÉZ, 2002, p. 39).

Portanto, Sáez ao caracterizar as populações nativas da região do Juruá/Purús, avalia que “os grupos indígenas são pequenos e numerosos, mudam de lugar e de nome com frequência; inseridos num quadro étnico e linguístico variado (pelo lado indígena e pelo lado não indígena, já que as fronteiras Brasil, Peru e Bolívia cruzam a região)”. O autor destaca que cada grupo étnico guarda na memória algum nome anterior, surgem inovações e variações de uso oral, adoção de nomes pelos contatos e apropriações culturais. Tais argumentos demonstram tanto a riqueza sociocultural da região estudada quanto as suas dinâmicas históricas. Por exemplo, a escrita da palavra Puyanawa só foi convencionalizada pela etnia desta forma a partir de 1995, após a elaboração do 1º livro puyanawa, chamado de Cartilha para a comunidade, no qual o alfabeto puyanawa passa a ser usado em sala de aula e é avalizado pela etnia. Os registros antigos mostram a escrita das seguintes formas: Poianawa, Poyanawa, Poyanáwa e recentemente Puyanawa. Na língua Puyanawa não existe a vogal “o”, por esse motivo, prefere-se empregar o nome grafado com “u” para o grupo étnico.

A estudiosa Terezinha de Jesus Machado Maher (2010) conseguiu coletar um importante registro da primeira professora de língua indígena, a senhora Railda Manaitá, minha tia, uma das personagens fundamentais para o fortalecimento linguístico do povo Puyanawa, grande sábia e conhecedora da língua Puyanawa, residente na terra indígena, na aldeia Barão, acerca da história do povo e das proibições do uso da língua materna, destaca que:

Quem catequizou os índios foi o coronel de barranco - como chama o povo aqui do norte. Foi o proprietário fazendeiro, o veio Mâncio, que botava os outros no cativoiro... Amarrava e açoitava... E pegou os Poyanawa, catequizou os índios Poyanawa e amedrontou eles prá não falarem mais a língua... Prá desmoralizar, ele chamou a língua de "gíria". Gíria é uma coisa que não vale nada, né? E o povo todo se habituou a chamar a língua poyanawa só de "gíria". [...] A minha mãe foi a única pessoa que nunca desistiu da língua... A minha mãe foi a única pessoa que nunca temeu o véio Mâncio... Ela falava NA FRENTE DELE... Ela dizia que ele falava "Cumadre, deixa dessa conversa... conversa feia!"... "Cumversa feia, coisa nenhuma, eu num 'tou conversando porcaria! Cumversa feia é conversar uma palavra

pesada..." ela falava. "Fia de uma égua, filha da puta, isso aí é que é palavra feia." Ele levava na risada. E ela nunca apanhou dele, não! [...] Meu tio foi que me contou que minha mãe era uma índia muito bonita... Ele sempre dizia que se ela fosse índia veia, feia, ah... ela não ia poder me ensinar, não, porque ele arrancava o couro dela, acabava com a raça dela... E foi assim como eu aprendi [a falar poyanawa], a única filha. (MAHER. 2010, p.10).

De acordo com Nietta Lindenberg Monte (1984) ao pesquisar sobre os indígenas do Acre, esta realizou um estudo interessante sobre esse contato dos povos indígenas com a sociedade nacional:

Os índios do Acre mantiveram, ao longo de mais de cem anos de contato, a sua própria língua (apesar de falarem também o português regional), parte de suas elaboradas cerâmicas, trançados, tecelagem, mitologias, rituais e organização social; mas foram também transformados em seringueiros, barranqueiros, diaristas, colonos, mateiros, varejadores e caçadores, nas fazendas agropecuárias em fase de implantação, e, ultimamente, em peões (a partir de meados da década de 1970). A inserção dos diferentes grupos indígenas (Kaxináwa, Katukina, Poyanáwa, Nukini, Kulina, Apurinã, Yamináwa, Yanáwa, Mantineri, Kampa e Kaxarari) na classe trabalhadora do extrativismo acreano é uma realidade incontestável. A grande maioria desses grupos está vinculada direta ou indiretamente a um patrão regional, seja um seringalista tradicional ou um gerente-administrador dos seringais adquiridos recentemente por grupos agropecuários do sul do país. A forma monopolista do comércio exercido pelos seringalistas e/ou agropecuaristas mantém os índios atrelados através do endividamento, justificando as suas demandas de trabalho compulsório e não remunerado. (MONTE.1984, p. 31).

Destarte, "Correria", é portanto uma designação comum na região para retratar um momento de massacre e violência em que houve a descaracterização e destruição de muitos povos indígenas do Acre. No caso do povo Puyanawa, grande parte da população sofreu separação física e morte violentas, outra parte foi unificada à sociedade envolvente.

De acordo com Monte (1984), ao que se refere as correrias, destaca que:

De fato, tanto os brasileiros como os peruanos moveram uma perseguição implacável aos índios dessa região banhada pelas bacias dos altos rios Juruá/Purus. Uma grande parte dos grupos indígenas, quando não era aniquilada à bala, se via escorraçada para os divisores de águas, longe das margens dos rios, ou era obrigada a refugiar-se no interior da selva peruana, onde se defrontava com as balas dos caucheiros. As consequências dessas "correrias" foram trágicas para todos os grupos indígenas existentes no Acre e suas repercussões sentidas até os dias de hoje. (MONTE,1984, p. 31).

Ao retratarmos a historicidade dos puyanawa, nos remetemos então a três períodos: um período anterior a colonização vivenciada, onde nossos ancestrais viviam uma vida de liberdade, um longo período de cativo e um período pós cativo. Até 1983, os índios Puyanawa moravam nas comunidades Barão do Rio Branco e Ipiranga, sem saber que a terra pertencia a eles por direito. O processo para conseguir a posse da terra se deu com a ajuda de pessoas ligadas à causa indígena, dentre elas antropólogos, pesquisadores e lideranças indígenas. Hoje o povo Puyanawa vive em seu território demarcado e não passa mais por episódios que marcaram a sua história e quase os extinguiram. Segundo relatos e histórias dos mais antigos da comunidade e também pelos poucos materiais publicados houve resistência ao processo brutal de “amansamento”, assim designado pelos *dawa*, onde muita violência física e psíquica, mortes tanto por genocídio quanto por etnocídio e escravização. É uma história triste e difícil de esquecer, nós ainda sentimos revolta e indignação quando voltamos a este contexto histórico.

Porém ao mesmo momento em que relembramos o passado através de conversas com os mais antigos como por exemplo meus avós e avôs fico me questionando se as personagens que são montados e lembrados ao logo do tempo como uma espécie de “Deus”, um dono de almas que detinha o poder sobre os índios nas mãos, também não tenha sido quem de certa forma garantiu a sobrevivência de muitos povos, até mesmo do meu povo, porque segundo a história contada e encontrada nos registros escritos muitos povos eram rivais e guerriavam entre si, ou seja havia rivalidade entre as etnias e de certa forma quem estava sobre o poder do seu “dono” estava de certa forma “protegido”. Enfim, hoje vivemos em um outro momento, trazemos marcas dessa colonização mas estamos resistindo e estamos exercendo nossa identidade, ou melhor a(as) identidade(es) Puyanawa e nossa cidadania.

Afinal, os povos indígenas tem uma história de resistência que ultrapassa mais de 500 anos. Nos tiraram muitas coisas, mas somos sobreviventes e buscamos um reencontro com nossos ancestrais, para que possamos reafirmar a identidade Puyanawa, valorizar e praticar nossa cultura.

### **1.3 - A Inserção dos puyanawa na economia da borracha: narração dos anciões e anciãs da Aldeia Barão**

A triangulação de dados e de informações a seguir foram obtidas a partir de relatos apresentados durante as entrevistas de anciões e anciãs da comunidade, que só vêm a me confirmar informações trazidas a partir de algumas leituras realizadas sobre o contexto histórico do povo, nos permitem afirmar que não é fácil manter a subjetividade em relação aos processos em que o povo Puyanawa vivenciou ao longo do tempo.

Enquanto pertencente ao grupo étnico puyanawa, é bastante significativo e não poderia deixar de abordar e retratar os relatos de quem ouviu e também vivenciou tais massacres, para essa descrição entrevistei dois anciões e duas anciãs da aldeia Barão: Manoel Barbosa Santiago, vulgo Manoel do boi, Maria Lúcia, Cidália Barbosa, e Raimundo Paulino da Costa, vulgo Nato, um decendente de cearense, nascido na fazenda Barao do Rio Branco, que atualmente é a comunidade puyanawa. O mesmo casou com uma indígena puyanawa que por acaso é minha avó. No decorrer das entrevistas, as esposas dos entrevistados surgem com informações importantíssimas e acabam fazendo parte das rodas de conversas. Foi a partir das longas conversas que tivemos em noites estreladas que vivenciei grandes “emoções” de risos e de choro, no sentido de sentir a veracidade nas palavras proferidas, muitas delas com risos e outras com profunda tristeza.

Ao serem indagados sobre o período da inserção dos Puyanawa no ciclo da borracha, sobre as vivências, corte de seringa, como que era a relação com o patrão seringalista, se era uma relação amigável ou se era uma relação de submissão e trabalho forçado os entrevistados me surpreendem com suas memórias. Então é possível compreender melhor a relação entre memória coletiva e memória individual, pois de acordo com Jacques Le Goff (1924), a memória é um elemento essencial do que se costuma chamar de identidade, individual ou coletiva, cuja busca é uma das atividades fundamentais dos indivíduos e das sociedades de hoje.

Segundo o relato do Sr. Manoel Barbosa Santiago (2022), o período entre 1913 e 1950, ano da morte do Coronel Mâncio Lima fora um período mais que histórico, foram os anos de massacre e cativeiro com muitas mortes e muito sofrimento. Ele relata as experiências que viveu durante sua infância, quando ainda era um garoto que não fora fácil. Ele relata que os índios eram divididos em grupos, os homens eram mandados para trabalhar nas colocações de seringa. Já as mulheres, idosos e

crianças ficavam na sede do seringal Barão do Rio Branco para cuidarem das atividades agrícolas do seringal.

Ao ser indagado em entrevista sobre o trabalho do índio seringueiro, o Sr. Manoel descreve o que lhes eram exigidos:

O patrão era carrasco e se agente não fosse um bom seringueiro agente não tinha carta branca com ele, um seringueiro bom era aquele que trabalhava direto, fazia tudo o que patrão e os capatazes mandassem. (Entrevista concedida em agosto de 2022).

O termo carta branca seria uma espécie de privilégio que poucos tinham, pois nem todos se rendiam às ordens do patrão e quem não obedecia era morto ou severamente castigado. Me surpreendo quando meu avô e meu tio falam sobre a morte do líder do povo Puyanawa na época do cativo, Napoleão. Este era um grande líder, que não tinha medo de nada e nem temia as ordens e nem aos castigos do coronel, e liderava um grupo de índios que não se rendiam e após serem capturados atentou contra a vida do coronel que por sua vez mandou seu capanga Manoel Felipe matar o líder do povo, pois sem líder seria mais fácil dominá-los.

O que mais me surpreendeu foi saber que este capanga do coronel era meu bisavô, fato este até então desconhecido por mim. Neste momento, me sinto envergonhada por não conhecer com maior profundidade a história dos meus antepassados indígenas e não indígenas já que minha família é miscigenada. Outro ponto que me surpreendeu foi ouvir que as mulheres Puyanawa eram usadas como prêmio para não indígenas que trabalhavam no seringal, muitas tinham casamentos arranjados ou serviam apenas de diversão. Neste momento me sinto desconfortável, inquieta e impotente, sensação que me destrói.

Os índios Puyanawa, incluindo homens, mulheres, crianças e idosos trabalhavam não como empregados domésticos, mas, como escravos. Cortavam seringa nas colocações e entregavam toda produção ao patrão, plantavam, mas não podiam vender e, desta forma todos tinham uma dívida com o patrão que nunca chegava ao fim. Os índios seringueiros eram obrigados a entregar tudo que produziam e tinham direito apenas a alimentação, mantendo desta forma um eterno processo de submissão ao seu “dono”.

Diante da vida de escravidão, submissão, cativo e massacres houve também muitas mortes causadas por doenças como gripe, malária, pneumonia e outras doenças adquiridas a partir do contato com os não índios. Em sua dissertação de

mestrado, Francisca Adma de Oliveira Martins (2011) confirma os relatos dos entrevistados:

Há registros que em 1913, havia de 200 a 300 índios no Seringal Barão do Rio Branco. A vida na aldeia era restrita ao trabalho forçado, castigos e submissão, recebendo como pagamento alimentos e roupas. Passavam-se anos e os índios Puyanawa continuavam vivendo sob as ordens do coronel Mâncio Lima, sofrendo inúmeros castigos, agressões físicas e mentais (MARTINS, 2011, p. 56).

Nos relatos de meu avô Raimundo Paulino da Costa (entrevista em agosto de 2022) compreendo que a figura deste coronel de barranco era tida como um “Deus supremo”, uma espécie de detentor de almas que tinha o poder da vida e da morte nas mãos. Quem tinha poder de pai, dono, delegado, enfim de tudo era o coronel quem determinava aos seus capangas, quem morria ou vivia. Ao ser perguntado sobre o regime de trabalho no seringal onde hoje é nossa aldeia ele me fala com total autoridade:

A minha filha, as coisas num era muito boas não,mas a gente vivia né, eu era assim moçote ainda me lembro bem, era o que tinha, uma vez tinha um índio que trabalhou três dias direto na farinha vigiado pelos capangas, aí ele saiu para fazer as necessidades pro rumo de uns pés de bananeira. Aí ele demorou muito, aí o capanga foi atrás e quando chegou lá ela tava dormindo de coca, hum, aí ele deu um tiro e matou ele e disse pros outros que tavam trabalhando que era pra servir de ensino pros outros que tivessem com preguiça... (Entrevista realizada em setembro de 2022).

Fico sem palavras após este relato, então mudamos um pouco de assunto para tentar recuperar as emoções e sentimento de angustia e impotência, pois fico horrorizada com tanta barbárie. Após alguns minutos voltamos ao foco da pesquisa e começamos a falar sobre as práticas culturais e a língua indígena e apenas confirmo os relatos já descritos por minha tia Railda Manaitá e o ex cacique Mário Cordeiro, pai do atual cacique da terra indígena Puyanawa em depoimentos e entrevistas, inclusive no filme Puyanawa. Nas palavras de meu avó:

Quando ele, o coronel registrou os índios como seus, ela já queria acabar com a língua e tudo que os índios gostavam de fazer, e pra isso ele criou a escola, ele queria mermo era acabar com língua indígena porque ele achava que os índios podiam tramar contra ele, aí ele proibia mesmo, se fossem pegos falando na língua eram castigados, ele o maldito coronel chamava a língua indígena de corta gíria... (Entrevista concedida em agosto de 2022)

Após ouvir este relato de meu avô fica claro para mim que a vida e o trabalho nos seringais muito contribuiu para o desencandeamento e eliminação da vida

cerimonial e de rituais, manifestações de antigas regras de parentesco e união entre casais; o esquecimento de suas culturas materiais em massa, inclusive o abandono da língua nativa por parte daquelas comunidades localizadas próximas as vilas e cidades da região, uma vez que a “escola” fora inserida como uma forma de domínio e poder sobre os indígenas Puyanawa.

Após a morte do coronel, no ano de 1950, a situação começa a se configurar de maneira diferente do regime do coronel, a fazenda Barão do Rio Branco e o seringal Bom Jardim passam a ser administradas pela Sra. Debora, filha do falecido coronel e assim os índios ficam sob seu domínio e aos poucos o que restou do povo começa a se ver livre. Nesse período denominado de cativo, os entrevistados afirmam com total convicção, e, alguns escritos sobre o povo Puyanawa vem a confirmar, que os índios viviam totalmente desprotegidos e sem direitos fundamentais, como a terra demarcada, e a liberdade, direitos esses que atualmente são uma realidade conquistada. Mas eles confirmam também em seus relatos que a partir da nova administração foi possível manter diálogo com os novos patrões, e então os indígenas Puyanawa começaram a buscar melhorias de vida e a reivindicar seus direitos.

A partir de então os puyanawa começam a travar uma luta nem sempre passiva, que continua até os dias atuais pelo direito a vida, reconhecimento, respeito e acima de tudo sobreviver, e, se no tempo do cativo, a escola e o ensino era visto como uma forma de destruição, nos dias de hoje, nós Puyanawa entendemos que a escola e o ensino diferenciado são também ferramentas para ajudar a reverter os danos a nós causados e ainda como uma forma de mostrarmos o valor da nossa identidade e da nossa cultura e para isto é preciso conhecer a história do nosso povo.

## **2 - RAÍZES E SEMENTES: TRAJETÓRIAS DOS DISSEMINADORES DA UDIKIKUÏKI**

Este capítulo intitulado “Raízes e sementes: trajetórias dos disseminadores da *udikikuïki* está organizado em sete tópicos. Em cada tópico apresento uma breve contextualização específica e de maneira cronológica são apresentados cada um dos *Kãdea Baytiavu* (professores) de língua indígena Puyanawa de nosso espaço escolar, os quais contribuíram ou contribuem para o fortalecimento dos conhecimentos linguísticos Puyanawa, bem como para a valorização cultural do povo Puyanawa. Deste modo trouxe no capítulo, uma abordagem do ensino de língua indígena Puyanawa no contexto escolar da comunidade como uma ferramenta que ajuda no fortalecimento e na valorização cultural do povo Puyanawa e por este motivo apresento a breve trajetória dos professores no contexto escolar.

A triangulação de dados para o registro das trajetórias ocorreu por meio de entrevistas com os próprios protagonistas e com outras pessoas como familiares, professores da escola IRP, bem como de minhas memórias e vivências desde a infância até os dias atuais. A concessão das entrevistas ocorreram com autorização prévia dos participantes tanto oral como escrita, por meio da assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) utilizado para realização das entrevistas. Elas foram realizadas através de enquetes de forma presencial, trazendo questionamentos com perguntas semiestruturadas e também semiabertas, sendo gravadas. Durante as entrevistas foi possível ainda ter acesso ao acervo familiar de fotos antigas e a pertences pessoais de cada entrevistado. Cada conversa, tanto durante o dia quanto durante a noite foi maravilhosa, quantas histórias, memórias, lembranças e emoções. Foram momentos maravilhosos e inesquecíveis.

### **2.1 Railda Manatá: A pioneira na valorização da língua**

Railda Manitá nasceu no dia 17 de setembro do ano de 1931, filha de Maria Joana mais conhecida como Hanna e Manoel Cordeiro, teve uma infância difícil, mais cheia de amor e carinho. Aprendeu com sua mãe os aspectos linguísticos e culturais de seu povo Puyanawa, que sendo uma pessoa destemida que não temia aos terríveis castigos do Coronel Mâncio Lima, manteve sua língua materna e perpetuou para sua filha esse conhecimento ancestral. Pois a língua indígena é a marca identitária fundamental que distingue um grupo ou povo dos demais. Casou-se com

o senhor Camilo, também indígena Puyanawa com quem construiu uma linda e grande família. Teve 13 filhos, Clemilda, Fernando, Renilda, Ernilda, Ferdinando, Camilo, Eronilda, Erlonilda, Bernardo, José, Renilza, Marenilza e Adriano. Criou todos com amor e carinho, mesmo diante das inúmeras dificuldades, ensinando sempre os valores de bons cidadãos. Cumpriu sua jornada de mulher com serenidade, dignidade e compromisso. Hoje tem 41 netos e 20 bisnetos que alegram seus dias.

Atualmente, aos 92 anos de idade, mora na aldeia Barão com sua filha Eronilda. É tida por todos na T.I; aldeias Barão e Ipiranga como a Yaya (titia) Railda, uma mulher guerreira e forte. Uma verdadeira biblioteca, detentora e transmissora de inúmeros conhecimentos que tem auxiliado o povo e, mais especificamente a escola indígena Puyanawa na efetivação de seus objetivos educacionais e principalmente no que se refere ao fortalecimento cultural do povo. Ela é uma grande fonte de pesquisas na comunidade. Uma mulher virtuosa e apesar de seus problemas de saúde, é simpática, alegre e muito receptiva, mulher de fé, íntegra, guerreira, forte e repleta de tantas outras qualidades, que fazem dela uma flor linda e única nesse jardim da vida. Cada marca em seu rosto representa a experiência de vida que ela tem oferecido ao seu povo. Lágrimas e sorrisos que traduzem seus melhores feitos. Todo o povo Puyanawa tem grande estima, admiração, carinho e principalmente gratidão, que seu exemplo de vida nos torne pessoas mais aguerridas, sensíveis e comprometidas com a cultura puyanawa.

A preocupação e estudo da nossa língua indígena afununila-se a partir das pesquisas realizadas na aldeia pelo linguista Dr. Aldir Santos de Paula. Primeiramente em 1990, a convite da CPI através de um grupo de pesquisadores linguistas, orientados pela Profa. Dra. Adair Palácio, do qual Aldir era parte integrante do grupo. Objetivavam ajudar, discutir e trabalhar processos de retomada de línguas indígenas que estavam em processo de desaparecimento. Após este primeiro contato de pesquisa com o povo, posteriormente Aldir retorna à comunidade para fazer sua pesquisa de mestrado. Raida Manaitá foi uma fonte de pesquisa fundamental, e, a partir dessas pesquisas Railda Manaitá deu o primeiro passo para integralizar na comunidade uma política linguística com o objetivo de fortalecer a cultura Puyanawa e fortalecer o uso da língua no território indígena. Ver imagem 05.



Imagem 05: **Railda Manaitá e o Prof. Dr. Aldir Santos de Paula.**  
Fonte: *Dukũ Vãda Kayanũ* (Grámatica Puyanawa), 2012.

Esta imagem comprova o protagonismo que Railda Manaitá teve na realização da pesquisa de um dos grandes estudiosos de nossa língua, o Prof. Dr. Aldir Santos de Paula. Na época da realização da pesquisa Railda Manaitá já não estava mais atuando em sala de aula. Na apresentação da *Dukũ Vãda Kayanũ* o autor da pesquisa ressalta que o projeto de escrita da gramática Puyanawa começou a ser pensada por ele, a partir de uma fala emocionante de Railda Manaitá, em que em meio as lágrimas ela lhe disse que estava esquecendo a língua materna, porque só conversava em sonho com sua mãe Hana Manaitá.

Foi a primeira professora institucionalizada de língua Puyanawa na escola da aldeia, mas devido aos problemas de saúde teve que se afastar das funções de professora. Segundo informações da mesma, ela atuou menos de um ano como professora especificamente em sala de aula, passando então o cargo para seu irmão Luis Manaitá. A mesma continuou a contribuir com o ensino de língua indígena Puyanawa, auxiliando os demais professores que ao longo da história assumiram o compromisso de também contribuir para o fortalecimento cultural do povo Puyanawa com o ensino da língua indígena Puyanawa. Ver imagem 06.



Imagem 06: **Rilda Manaitá e Sofia Lopes na Escola José Agostinho Rodrigues de Lima.**  
Fonte: *Dukū Vãda Kayanũ* (Grámatica Puyanawa), 2012.

A nossa "Yaya" (tia) segue até os dias atuais como uma sábia professora, que perpetua saberes e ensina os Puyanawa através de uma sabedoria que ultrapassa os limites institucionais da escola indígena Puyanawa. Esta por sua vez teve grande protagonismo nas ações voltadas para o fortalecimento e disseminação da língua materna na comunidade Puyanawa. Trabalho importantíssimo na comunidade, apoiado por anciãos da comunidade dentre as quais vale a pena destacar a professora Sofia Lopes, que foi de fundamental importância para a implementação do ensino de língua indígena na comunidade, mas precisamente na escola José Agostinho

Rodrigues de Lima (JARL), foi a primeira professora de língua indígena Puyanawa e que infelizmente por motivos de saúde atuou como professora por pouco menos de um ano, hoje aposentada e residente na aldeia Ipiranga, que à apoiou e incentivou nesse projeto linguístico. O legado deixado por esta mulher é incomensurável, e seu trabalho é continuado na comunidade, trabalho este que está a dar frutos, claro que muito ainda precisa ser feito, pois a caminhada continua.

Hoje está aposentada e é dona de uma lucidez invejável, ainda faz costuras á mão, às vezes a memória lhe falha, afinal já são 92 (noventa e dois) anos de vida, de história e ensinamentos. É uma grande detentora dos conhecimentos linguísticos de seu povo, tida pela comunidade como a última falante de sua língua de origem, sendo esta fonte de pesquisa para diversos pesquisadores, uma verdadeira biblioteca viva. Railda Manaitá sempre que possível se faz presentes nas festividades e nas atividades desenvolvidas pela escola IRP e comunidade em geral. Ver foto 09.



Foto 09: **Railda Manaitá.**  
Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora, 2022.

Railda Manaitá marcou presença no Festival *Atsa Puyanawa* 2022, onde a escola IRP participa ativamente das atividades desenvolvidas durante a festividade, que também faz parte do calendário e do currículo da escola. Railda Manaitá é dona de um sorriso exuberante, é amada e querida na comunidade, sempre sorrindo apesar das dificuldades que encontra em seu dia a dia devido aos problemas de saúde. Ver foto 10.



Foto 10: **Railda Manaitá (sentada), Sofia Lopes do Nascimento e a atual gestora da escola IRP.**  
Fonte: Arquivo Pessoal da pesquisadora.2022.

Para finalizar a trajetória dessa grande e sábia mulher, pela qual o povo Puyanawa tem grande apreço, respeito e admiração, apresento esta foto na festividade cultural em alusão ao dia do índio, 19 de abril do ano de 2022 no Centro cultural localizado na aldeia Ipiranga, onde Railda Manaitá, a nossa querida e eterna *yaya* esteve presente e apreciou de perto a festividade. Na foto estão junto com ela a

atual gestora da escola IRP, a senhora *Awĩvukuis* (Maria Alice) e a professora aposentada Sofia Lopes do Nascimento.

## **2.2 Luís Manaitá: incentivador da valorização da língua Puyanawa**

Luís Manaitá nasceu no ano de 1929, não se sabe ao certo a datação de seu nascimento, pois ele mesmo se registrou, na colocação Santa Rita pertencente a Fazenda Barão do Rio Branco, filho de Maria Joana conhecida como Hana Manaitá e de Arthur *Pĩtũ*, teve quatro irmãos dentre eles: Railda Manaitá.

Ainda na juventude foi embora da comunidade, em um período difícil onde os indígenas Puyanawa vivenciavam momentos difíceis sob o domínio do Coronel Mâncio Lima. Viveu como um viajante no Alto Juruá por longos anos e nesse período seus familiares ficaram sem contato e sem notícias. Muitos anos após ele retorna a comunidade. De acordo com relatos de sua irmã Railda Manaitá e de sua sobrinha Eronilda Manaitá, ele nunca constituiu família e quase nunca falava de sua vida pessoal durante o tempo que viveu fora da comunidade. Nunca se adaptou a viver muito tempo em um mesmo lugar, morou com várias pessoas dentre elas, sua sobrinha Eronilda, sua sobrinha Clemilda e outras pessoas tanto na aldeia Barão quanto na aldeia Ipiranga.

Exerceu um importante papel na comunidade, foi o segundo professor de língua indígena na comunidade, atuou primeiramente na escola JARL por um curto período devido a questões burocráticas. Segundo informações da ex gestora da antiga escola 13 de Maio, Olinda Martins dos Santos, ele não recebia diretamente o seu salário, o dinheiro caía na conta de uma professora da escola pois o mesmo nunca estudou e não teve como assumir de fato um contrato de professor vinculado ao Prolabor. O mesmo foi substituído pelo cacique Mário Mãpa Puyanawa (Mário Cordeiro de Lima). Mesmo desvinculado da instituição, ele deu continuidade ao seu legado prestando trabalho voluntário iniciado ainda na escola JARL e com a desativação da referida escola, deu continuidade ao seu trabalho de forma voluntária por longos anos na atual IRP, que na época se chamava Escola 13 de Maio. Ver foto 7.



Imagem 7: **Luís Manaitá na antiga Escola 13 de Maio.**

Fonte: Acervo fotográfico da escola IRP.

Na imagem acima podemos ver Luís Manaitá na antiga Escola 13 de Maio juntamente com o cacique émerito Mário *Mãpa* Puyanawa, que era o professor contratado na época. Mas Luís já fazia questão de manter o vínculo com a escola mesmo que voluntariamente, ensinava aos alunos como se falava o idioma e como dançavam os antigos, além disso era um falante da língua Puyanawa e era também um cantor que trazia em suas canções histórias e ensinamentos, suas cantorias também se relacionavam com os seres da floresta desde os anfíbios, aves e animais de pelos e também animais das águas. Grande Luís Manaitá, um dos grandes incentivadores e disseminadores da cultura do povo Puyanawa.

Em uma conversa informal com a gestora da escola IRP ela relatou, que para ela, de todos que de alguma forma incentivaram e lutaram para manter e valorizar tanto a língua indígena quanto as práticas culturais do povo, Luís Manaitá foi o maior incentivador. Ela relata que se arrepende muito, pois na época em que ele tanto se esforçava, ainda não tinha a noção e o entendimento que tem hoje e diz que a comunidade perdeu muito com sua partida.

Ele usava parte do dinheiro de sua aposentadoria para comprar bombons e brinquedos para agradar as crianças, para que elas prestassem atenção, gostassem dele e quisessem aprender seus ensinamentos sobre a cultura Puyanawa. Alguns dos professores atuantes nas diferentes áreas do conhecimento o guardam em sua lembrança. *Kunñaway*, um dos atuais professores de língua indígena Puyanawa o

guarda em sua memória e diz que aprendeu muito com Luis Manaitá, diz que era muito bom quando se reuniam para falar e praticar a cultura Puyanawa, em uma época bem diferente dos dias atuais, em que seus colares eram feitos de sementes de açaí e coroa feita com papelão e pena de galinha. Segundo ele, alguns dos alunos, como ele, por exemplo, levam seus ensinamentos para a vida e estão a multiplicar os ensinamentos de Manaitá. Ver imagem 07.

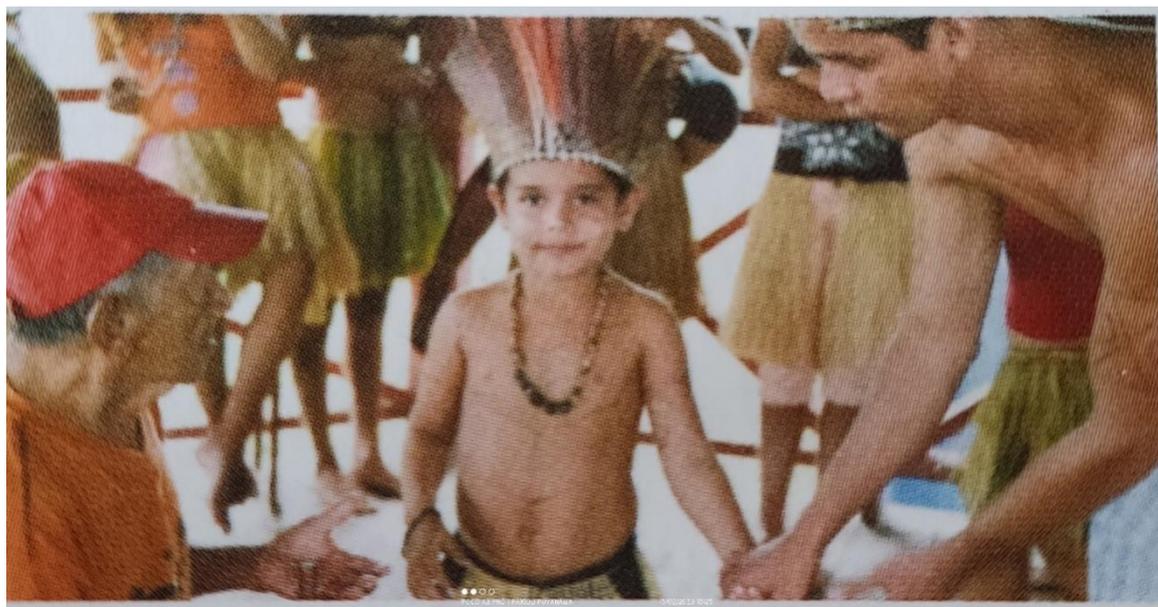


Imagem 08: Luís Manaitá, *Mākuya* ( Victor da Costa Lima) e *Sãñĩ* (Enilson Costa de Lima).  
Fonte: *Dukũ Vãda Kayanũ* (Grámatica Puyanawa), 2012.

Esta imagem perpassa gerações e mostra a transmissão de conhecimentos. Luís Manaitá se tornou um espírito ancestral do povo Puyanawa, e permanece vivo nas gerações através dos seus esforços em incentivar e transmitir os conhecimentos nas quais ele possuía. *Sãñĩ* e o pequeno *Mākuya* tiveram o privilégio e a oportunidade de receber grandes ensinamentos. De acordo com dados obtidos a partir da realização da coleta de informações, nesse momento registrado nessa imagem acontecia o ensinamento de uma música tradicional do povo Puyanawa para alunos e professores em uma festividade cultural no auditório da atual escola IRP. *Sãñĩ* não é mais professor, mas guarda, leva consigo e transmite os ensinamentos de Luís Manaitá por onde quer que transite, seja na comunidade em geral ou em seu ambiente familiar, pois ninguém morre enquanto permanece vivo na lembrança de alguém. E o pequeno *Mākuya* cresceu e de certa forma dá continuidade e perpetua os ensinamentos de Luís Manaitá, pois atualmente ele trabalha na creche escola

*Ādebaiki* e contribui para o fortalecimento e a valorização da cultura do Povo Puyanawa.

Hoje as novas gerações, principalmente as crianças que são o público alvo da pesquisa em questão, sabem pouco ou quase nada sobre ele, por isso precisamos registrar e falar de sua trajetória em vida e o quanto fez pela valorização cultural. As pessoas mais velhas sabem da importância que ele teve. Me lembro como se fosse hoje, ele já muito debilitado com problemas de saúde mas sempre sorridente, contando suas histórias, sempre disposto a ensinar. Ele se dizia um homem namorador, corajoso e valente.

Luís Manaitá veio a falecer no dia 02 (dois) de novembro do ano de 2011 (dois mil e onze), aos 82 (oitenta e dois) anos de idade, na comunidade Puyanawa, onze anos depois da demarcação da terra indígena, na casa de sua sobrinha Eronilda Manaitá. Hoje só nos resta a saudade e a certeza de que ele durante os últimos anos de sua vida, se dedicou a ensinar o que tinha de melhor em sua essência: a cultura Puyanawa e hoje existem só as lembranças de um *Ūdiki Puyavakevu* ( índio Puyanawa).

### **2.3 Mário *Māpa*: grande liderança do povo Puyanawa**

Mário *Māpa*<sup>8</sup> (Mário Cordeiro de Lima), nasceu na fazenda Barão do Rio Branco, hoje Terra Indígena Puyanawa, no dia 10 de outubro de 1943, filho de Prudentes Moraes *Māpa* e de Francisca Cordeiro de Lima, teve seis irmãos, Dário, Marina, Mauricio, Mariene, Maurino, Lauro. Segundo informações, ele sempre foi um menino obediente e querido por todos na comunidade. Começou a estudar com sete anos de idade na escola mantida pelos patrões da época, que tinha como objetivo maior ensinar os indígenas a escrever o próprio nome para votar nas eleições. Mário Puyanawa relatava em suas falas que eram tempos difíceis, nos quais a cultura do povo Puyanawa era massacrada dia após dia. Estudou até o quinto ano do ensino fundamental, aprendendo a ler e escrever. Começou a cortar seringa, com quatorze anos, para ajudar no sustento da família.

---

<sup>8</sup> *Māpa* em língua indígena Puyanawa significa mão de onça.

Aos vinte quatro anos de idade, casou-se com a senhora Izenir Ferreira de Lima, uma bela mulher (não indígena) no dia 23 de dezembro de 1967, na cidade de Cruzeiro do Sul. Foi pai de 11 filhos, Amós, Joel, Alda, Irenir, Marileide, Lucileide, Rosileide, Samuel e Davi, cinco homens e cinco mulheres, todos estão casados, alguns moram na aldeia outros moram na cidade. Um desses se tornaria seu sucessor como cacique, recebendo seu legado para prosseguir nas lutas por dias melhores. Ver imagem 08.

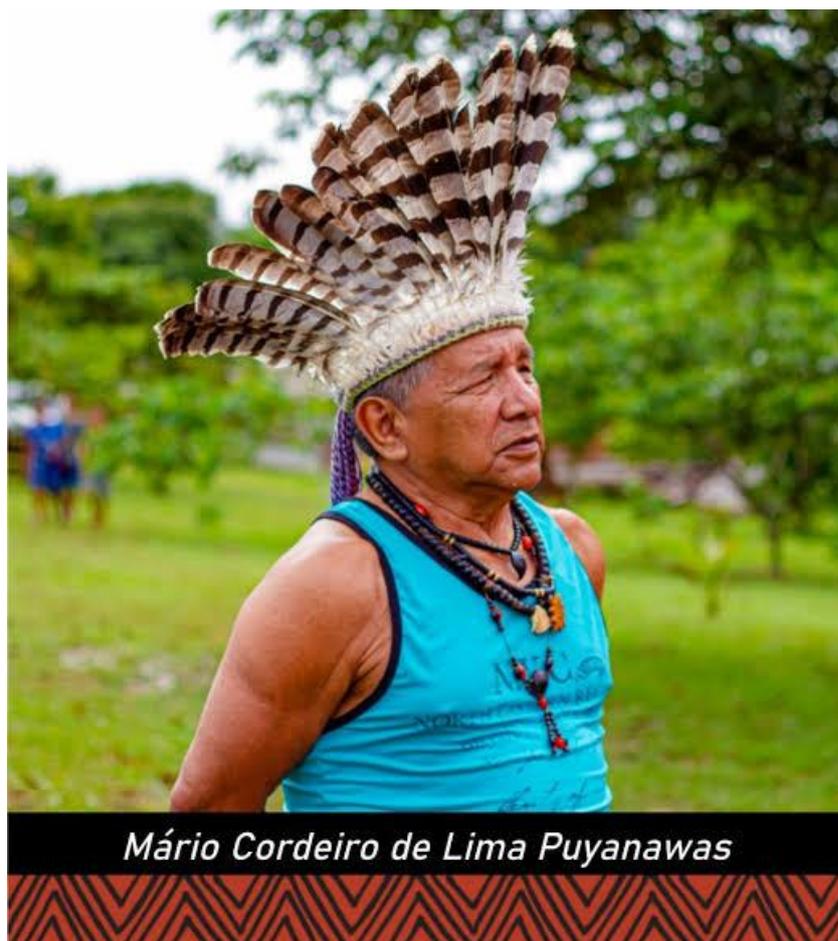


Imagem 09: **Mário Mãpa Puyanawa ( Mário Cordeiro de Lima)**  
Fonte: Mânciolima.ac.gov.br. acesso em 15.02.2023 as 23:41.

Mário Puyanawa passou dezessete anos sendo o cacique desse povo, participou de muitas conferências, reuniões, fóruns e de todos os eventos que teve notícia, com o objetivo de reivindicar e falar em defesa do seu povo. Fez intercâmbios com outros povos, viajou para vários estados do Brasil, e também para o exterior, para países como Inglaterra e Noruega. Em suas falas ressaltava que cumpriu com firmeza seu papel de cacique durante o período que esteve à frente do povo, honrou a

comunidade por onde passou e, no ano de 2000, ressalta que sua grande conquista foi conseguir ter seu território demarcado, com a ajuda de todos os Puyanawa.

Nesse mesmo período Mário Puyanawa foi professor de língua indígena Puyanawa na Escola 13 de Maio, hoje atual escola *Ixũbãý Rabuĩ* Puyanawa, pois era um detentor dos conhecimentos linguísticos do povo, repassados por seu pai, considerado pelo povo um dos últimos falantes da língua Puyanawa. Ele escreveu muitos cadernos com anotações, palavras e frases na língua Puyanawa que até hoje são usados como material didático de pesquisa na escola e pelos professores Puyanawa. Foi meu professor de língua indígena, foi ele quem me deu o nome indígena, que tenho comigo como marca da minha identidade. Foi uma grande liderança e um grande disseminador e perpetuador dos conhecimentos linguísticos na comunidade, exerceu o cargo de professor de língua Indígena Puyanawa, tendo iniciado seu professorado no ano de 1998, onde permaneceu até o ano de 2005, passou a “patente” para seu filho *Rake Kãy*<sup>9</sup> (Samuel). Dentre o legado deixado por *Mãpa*, vale a pena mencionar a convenção dos números de 0(zero) a 100(cem), meses do ano e o Pai-Nosso em língua indígena Puyanawa.

Mário Puyanawa foi também Coordenador do Polo Base de Saúde Indígena do município de Mâncio Lima, coordenando as três etnias do município (Nawa, Nukini e Puyanawa). Mesmo sendo coordenador ele seguia sendo cacique do povo. Aos 53 anos, segundo ele, por motivo de sua idade, resolveu passar o cargo de cacique para seu filho Joel, que desde cedo já acompanhava seu pai nas lutas por dias melhores para essa comunidade, à frente da presidência da AAPBI, fundada em 1988, com o objetivo de assegurar os direitos e manter a organização social, cada vez mais fortalecida. Essa decisão de passar o cacicado para o filho foi tomada por Mário sem consulta à comunidade, apenas repassado depois em reunião na comunidade, fazendo um ato simbólico de entregar sua coroa de cacique ao filho. Na ocasião nenhum membro da comunidade se opôs.

*Divake*<sup>10</sup> (Joel Puyanawa) inicia sua trajetória de cacique, sentindo o peso da responsabilidade de liderar um povo. Ancorado sempre pelas sábias palavras de seu pai. No dia da posse do cacique, comemorado todos os anos em 23 de setembro, a escola trabalha geralmente com projetos, envolvendo todas as turmas, e faz muitas

---

<sup>9</sup> *Rake Kãy* em língua Puyanawa significa corajoso.

<sup>10</sup> *Divake* em língua indígena Puyanawa significa filho da floresta.

atividades homenageando os caciques Puyanawa: Wehvakây<sup>11</sup> (Napoleão), *Mãpa* (Mário Puyanawa) e *Divake* (Joel), como mostra a foto 11, abaixo em uma dessas festas do povo promovidas pela escola IRP.



Foto 11: **Atividade/festividade em alusão ao dia do cacique.** Comemorado no dia 23 de setembro 2022.

Foto: Arquivo pessoal da pesquisadora. 2022.

O cacique Mario Puyanawa *Mãpá* durante as festividades no centro cultural do povo Puyanawa, usava seus trajes tradicionais, saia feita de tucum, tecida por artesão da aldeia, colares de sementes de mulungum e penas, pinturas corporais ( *tsitsaya*) de jenipapo ( *nãde*), no peito uma espécie de espinha de peixe, nos braços um desenho chamado *kede*<sup>12</sup> com penas desenhadas em cima e no rosto uma linha traçada da boca para ponta da orelha chamada de pente, na cabeça o cacique usa uma coroa de penas de gavião real ( *tetepawã*) pois no povo Puyanawa há uma hierarquia quanto às penas das coroas, nas quais somente os líderes majoritários podem usar penas de gavião real.

<sup>11</sup> **Wehvakây** em língua indígena significa chefe ou líder.

<sup>12</sup> **Kedes** são desenhos artísticos representam e transmitem uma linguagem específica através do qual se produz e expressa aspectos culturais do povo Puyanawa.

A história da passagem de cacique de Mário para Joel já foi representada em teatro pelos alunos em várias ocasiões. Tornou-se um conteúdo escolar, histórias que o povo considera importante e quer registrar na memória e nos escritos. Mário Puyanawa gostava de ressaltar que fez um pedido ao filho: “Lidere seu povo com empenho, dedicação, sendo justo e firme em suas decisões e faça por esse povo aquilo que eu não pude fazer”. Ver na foto 12 a encenação da coroação.



Foto 12: **Encenação da passagem de coroa de cacique, ensaiada na escola IRP para ser apresentada na atividade/festividade no centro cultural, em alusão ao dia do cacique.** Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora. 2022.

Esse tipo de atividade atrai atenção e interesse dos alunos, e a comunidade que assiste acha muito importante pois gostam de se ver representados, sentem-se importante e assim a escola acredita que está fazendo práticas de ensino que resgatam as histórias de seu povo com o olhar não mais exclusivamente de fora, mas com o olhar de dentro.

Mário *Mãpa* aposentou-se com uma saúde invejável, rodeado por familiares, fazendo suas vendas em seu pequeno comércio na aldeia Ipiranga, participando de atividades na escola, levando seu vasto conhecimento sobre a língua Puyanawa, uma verdadeira biblioteca de histórias e conhecimentos. Jogava futebol quase todos os dias, pois era seu esporte preferido, participando assiduamente da Igreja Batista, sua outra paixão.

Mário *Mãpa* sempre estava presente nas reuniões para tomadas de decisões, até hoje seu cantinho onde costumava sentar-se está em nossas memórias e nas festividades culturais com sua coroa e seu sapatinho de sempre, pronto para contribuir para o bem-estar da comunidade, junto com seu filho Joel, o atual cacique da terra indígena Puyanawa: aldeias Barão e Ipiranga. Mas, Infelizmente Mário *Mãpa* Puyanawa faleceu no dia 20 de junho do ano de 2020, acometido de complicações desse vírus terrível (covid-19) que assola o mundo inteiro e que ceifou a vida de muitas pessoas.

Um verdadeiro choque para a aldeia, um momento muito difícil de dor, medo e sofrimento. O que mais causou angústia e alvoroço na comunidade foi não poder velar Mário Puyanawa na aldeia e o fato de o mesmo não poder ser sepultado na terra indígena Puyanawa, pois por medidas judiciais de prevenção contra as novas contaminações do vírus, os pacientes que faleceram no Hospital Regional do Juruá, mesmo que de outros municípios vizinhos, deveriam ser sepultados no cemitério Jardim da Paz, na ala Covid, localizado em Cruzeiro do Sul. Apenas quatro pessoas da aldeia assistiram de longe o sepultamento, seus netos Dayu (Jaqueline), Itaka (Jotniel), Waka (Aline), filhos do atual cacique do povo e Taynã, filho de sua filha Rosileide. Enquanto isso na aldeia todos estavam consternados sem acreditar que o velho e sábio cacique havia falecido.

Durante a noite foram prestadas homenagens na igreja que ele frequentava assiduamente, mesmo sem o corpo presente. Um momento que não dar para descrever. Mário *Mãpa* Puyanawa foi uma liderança considerada importantíssima pelo povo, respeitado e reconhecido dentro e fora da aldeia, deixando um legado que irá se perpetuar a outras gerações.

#### **2.4 *Rake Káy*: o escolhido de Mário *Mãpa***

*Rake Kãy*, homem corajoso em idioma Puyanawa e em língua portuguesa Samuel Rondon Iraqui, nasceu no dia 8 de junho do ano de 1975, tem 47 anos de idade, mora na aldeia Ipiranga, possui formação em Magistério Indígena e é professor na escola IRP desde o ano de 2005, exercendo a função à 18 anos. Seus pais são os indígenas Mário Cordeiro de Lima e Maria Madalena Rondon *Iraqui*, ficou órfão de mãe ainda criança e foi criado pela sua avó materna Margarida *Vasquiri* Rondon *Iraqui*, e teve o privilégio de conviver com alguns falantes da língua Puyanawa e que sabiam muitas coisas sobre os conhecimentos tradicionais do nosso povo ancestral. Ver foto 13.



Foto 13: **Rake kãy e seus filhos Mirian e Ariel.**  
Fonte: acervo pessoal de *Rake Kãy*.

Desde a sua infância passou por momentos difíceis e tristes, primeiro a perda de sua mãe, segundo a perda de sua avó. Enfim passou por muitos sofrimentos, e daí para frente ele passou a conviver com outras pessoas de sua família. Casou com *Vakea Hũbes* (Fernanda do Nascimento Ferreira), não indígena com quem constitui uma família composta por nove filhos: Mirian, Micael, Míria, Rafael, Natanael,

Emanuel ,Meire, Ariel e Rake Kãy. Têm quatro netos: Adreiel, Rian *Rake*, Ravi *Rake* e Iara Lavine.

Seu ingresso como professor na comunidade se deu quando o mesmo ainda era estudante do ensino médio modular na escola IRP, ocasião em que o professor de língua indígena Puyanawa para essa turma era o linguista Aldir Santos de Paula, pelo fato de se tratar de uma turma de ensino médio. Nesta mesma época seu pai Mário *Mãpa* era professor das turmas de ensino fundamental. Foi nessa época que o mesmo desvinculou-se da profissão de professor e decidiu passar o desafio ao filho, o qual tinha um conhecimento bem elevado no que se refere a língua Puyanawa.

Foi a partir de uma conversa com seu pai, em que lhe foi lançado o desafio para que fosse o futuro professor de língua indígena Puyanawa. Mas foi durante uma reunião na escola IRP, com a participação dos pais e responsáveis dos alunos vinculados a instituição, com a participação dos principais lideranças da comunidade e ainda com o apoio e também indicação de seu professor, o linguista Aldir Santos de Paula, como representante da SEE, o mesmo argumentou que *Rake Kãy* era naquele momento o aluno mais desenvolvido da turma e que de fato teria condições para dar continuidade ao trabalho que seu pai vinha desenvolvendo no ambiente escolar. Nesse período as contratações vinculadas a SEE aconteciam por meio de contrato direto assinado a cada ano por um período de dez meses.

De fato *Rake kãy* desde de pequeno buscava aprender não somente a língua indígena mas também os demais aspectos culturais inerentes ao seu povo. Ele iniciou seu professorado com os conhecimentos que detinha de sua vivência e herdou também um caderno de seu pai com várias anotações importantes referentes ao nosso verdadeiro idioma que é a *dukũ vãda* (nossa língua). Pesquisou com falantes, se dedicou para aprender, e, praticar da melhor forma possível as pronúncias, os sons e seus significados. Durante seu percurso enquanto educador participou de vários cursos de capacitação dentro e fora da aldeia, onde ele vêm adquirindo experiências importantes.

É importante ressaltar que *Rake Kãy*, foi uma das pessoas principais quando se iniciou o processo de fortalecimento cultural e espiritual do povo Puyanawa em 2000, juntamente com um grupo de outras pessoas. Sua participação foi e ainda continua sendo importante tanto pela sua contribuição de professor e aluno da cultura Puyanawa, e especialmente da língua e das músicas tradicionais do povo Puyanawa,

sendo ele uma das lideranças que está a frente nas festividades, no grupo que desenvolve os aspectos da cultura Puyanawa tanto material quanto espiritual.

E além de ser professor da disciplina de língua indígena Puyanawa, ele é também um dos membros da AAPBI, onde já fez parte da diretoria e muito contribuiu com a instituição e sua atuação junto a comunidade Puyanawa, aldeias Barão e Ipiranga, atualmente atua somente como membro da instituição colaborando nos trabalhos importantes da nossa comunidade, como por exemplo na vigilância e limpeza dos limites territoriais de nossa TI.

E dentro de sua trajetória de vida tem dedicado uma parte ao trabalho diariamente para honrar o seu papel de professor da língua indígena na escola IRP, atuando juntamente com os demais professores que fazem parte do professorado Puyanawa na escola IRP, dando sua contribuição tanto individual quanto coletiva no desenvolvimento do ensino diferenciado. Ver foto 14.



Foto 14: **Rake Kây e alguns dos professores da escola IRP.**  
Fonte: acervo pessoal da pesquisadora, 2022.

Esta foto mostra *Rake kây* e parte do professorado que atuou no EF I, juntamente com a gestão da escola IRP no início do ano letivo. No ano letivo de 2022,

ele atuou como professor de língua indígena Puyanawa no ensino fundamental I (1º ao 5º ano), no turno matutino e no 6º e 7º ano do ensino fundamental II no turno vespertino.

Dentre sua atuação docente, destaca-se a forma como trabalha em sala de aula, busca equilibrar oralidade e escrita, faz a chamada na língua, ensina o alfabeto puyanawa, números, palavras diversas, nomes de pessoas, animais, frutas, palheiras, rios, frases, ensina a cantar as músicas indígenas e ensina também os significados de cada uma delas e etc. Para *Rake Kãy* transmitir os conhecimentos culturais, tradicionais e ancestrais do povo Puyanawa é mais que fortalecer e valorizá-los, é empoderar as crianças desde pequenas, porque elas serão os futuros transmissores e lideranças do povo, e as crianças podem fazer com que os conhecimentos adquiridos na escola sejam perpetuados e disseminados no seio familiar.

Para ele é muito importante o repasse desses conhecimentos para o desenvolvimento dos alunos, professores e demais pessoas da comunidade que também precisam ter essa experiência, um aprofundamento maior da língua indígena Puyanawa como uma forma de ensino e aprendizagem. Ele também é um dos nossos professores tradicionais nos encontros culturais e espirituais, onde o mesmo fala no idioma, canta músicas de sua própria autoria, e desta forma para nós Puyanawa é um motivo de muita satisfação ter na comunidade pessoas como *Rake Kãy*, que lutam em defesa e por melhores momentos e conquistas da cultura, agora no presente, e, esperamos alcançar muito mais no futuro, e desta maneira nós podemos recuperar, se as pessoas tiverem interesse para aprender como uma forma de preservação desses saberes tão bonitos para nós que estamos aprendendo de uma maneira diferenciada dos nossos ancestrais.

*Rake Kãy* foi uma das pessoas que fez parte do grupo que foi para a floresta ao encontro da maloca tradicional habitada pelos ancestrais Puyanawa, há várias décadas atrás e o mesmo, assim, como os demais teve uma grande sorte, ele foi o primeiro que conseguiu localizar a primeira amostra de vestígios de cerâmica, em seguida os outros já começaram a encontrar também, no momento foi uma alegria muito grande entre o grupo, uma emoção muito forte entre as pessoas que compunham o grupo, quatro não-indígenas que estavam juntos nessa missão importante e vivenciaram momentos inesquecíveis durante todo o percurso da viagem e isso contribuiu também com a nossa língua e as músicas tradicionais nos trabalhos espirituais lá no patrimônio sagrado do nosso povo. Descrever um pouco da trajetória

de vida de *Rake Kãy*, é um importante registro escrito, pois a memória é também um registro, mas com o passar do tempo se torna fragmentada, e, falha, e, não dar conta de registrar cada detalhe de momentos vividos.

## 2.5 *Puwe*: de sonhador a grande liderança do povo Puyanawa

*Puwe*<sup>13</sup> Puyanawa ( José Luiz Martins de Lima), nasceu no dia 20 (vinte) de junho do ano de 1979, tem 43 (quarenta e três) anos de idade. Filho de Iraci Martins de Lima e Luis de Lima, é casado com *Vari*<sup>14</sup> Puyanawa (Rosileide Ferreira de Lima) com quem têm duas filhas: Rosane e Luiza. Tem também mais quatro filhos de relacionamentos extraconjugais: *Puyka*, Fabrício, Lia e *Puwenã*. É morador da aldeia Ipiranga. Possui graduação em licenciatura plena em Ciências Biológicas pela Universidade Federal do Acre, é professor na escola IRP, mas atualmente está afastado de sala de aula, esta à disposição do governo do estado, como um articulador das políticas internas e dos projetos societários do povo e esteve por alguns anos a frente da AAPBI como presidente da instituição, cargo esse que atualmente é assumido por *Wetsa* (Francisco Devani), há mais de trinta anos, *Puwe* vêm dedicando parte de sua trajetória de vida ao resgate, preservação, fortalecimento e valorização da cultura Puyanawa e das tradições espirituais.

Iniciou seu professorado no ano de 2003 e desde então tem sido também um articulador nas questões educacionais, trabalhou inicialmente com a disciplina de Ciências no ensino EF II e posteriormente com a implementação do EM regular na escola IRP com as disciplinas de Biologia, Química e língua indígena Puyanawa nas três séries do ensino médio a partir do ano de 2008.

Desde jovem ele se dedica à pesquisa, principalmente com os anciãos da comunidade, os quais ele considera como verdadeiras bibliotecas. Durante sua atuação a frente da disciplina de língua indígena desenvolveu atividades voltadas para o fortalecimento linguístico com atividades que viessem a despertar nos alunos para a necessidade de buscar e se aprofundar nos conhecimentos linguísticos do povo como uma forma de empoderamento indígena, de conhecimentos da língua indígena Puyanawa como uso social na comunidade não apenas em momentos específicos, mas, também no dia a dia.

---

<sup>13</sup> *Puwe* em língua indígena Puyanawa significa guerreiro.

<sup>14</sup> *Vari* em língua indígena Puyanawa significa sol.

Sempre esteve aberto ao diálogo com os demais professores, lideranças e sábios da comunidade. Desenvolveu juntamente com a comunidade escolar, projetos comunitários abraçados pela escola, principalmente voltados para a questão cultural e ambiental. Suas aulas eram desenvolvidas tanto na teoria quanto na prática, realizadas mediante planejamento acessorado pela equipe gestora. Atualmente esta afastado de sala de aula mas continua sendo um professor na comunidade, e principalmente um grande líder que esta a frente de seu povo juntamente com as demais lideranças da comunidade. Ver foto15.



Foto 15 : Lideranças do Povo Puyanawa ( da direita para a esquerda: *Wetsa, Puwe e Kuniwaway*).

Fonte: acervo pessoal da autora, 2022.

É uma das principais lideranças do povo, no percurso de sua trajetória conviveu com várias pessoas e aprendeu a lidar com a realidade indígena e não indígena e junto com as demais lideranças do povo e membros da comunidade desenvolveram projetos importantes, tanto no que se refere a AAPBI quanto nas questões educacionais e na valorização cultural do povo Puyanawa. Já participou e ainda

participa de muitos encontros representativos tanto interna quanto externamente. Inclusive já fez intercâmbios fora do país entre líderes espirituais de diferentes lugares do mundo. Ver foto 16.



Foto 16: Da esquerda para a direita temos: Puwe, sua esposa Vari e seu sobrinho Mākuya.  
Fonte: acervo fotográfico de Puwe cedido a pesquisadora.

*Puwe* tem sido uma peça fundamental que tem se dedicado bastante no fortalecimento dos conhecimentos tradicionais e na cultura Puyanawa. Foi o primeiro líder espiritual e cultural da geração atual, e isso faz com que o mesmo tenha uma boa relação na comunidade em geral.

Durante todo esse período, juntamente com um grupo de pessoas começaram a fazer práticas importantes referentes aos conhecimentos tradicionais que já não eram praticados diretamente pelo povo, tais como: o uso da bebida sagrada *dispanñew*, *kāpu*, rapé, língua indígena Puyanawa, as músicas tradicionais,

artesanatos, caçuma, pinturas, pesquisas com os anciões, intercâmbios, encontros tradicionais, dentre outros. Sempre com o compromisso firmado de aprender para ensinar os saberes tradicionais. Dessa forma tem sido um grande professor não somente no espaço escolar institucionalizado mas como também em toda a comunidade.

Sua vontade de aprender e desenvolver a cultura e a espiritualidade de seu povo é muito grande, mais como nesse mundo não caminhamos sozinhos, na época como representante da cultura e da espiritualidade do nosso povo e ao vê muitas coisas acontecendo, muitas dificuldades se enfrentava no lado tradicional, o mesmo fez um intercambio através da CPI/AC em 2001, para a terra Indígena Kaxinawa do Rio Breu. Onde teve o prazer de vê e de participar de uma verdadeira cultura tradicional daquele povo. Teve uma grande experiência sobre o uso da yahuasca, do rapé, da caçuma, e foi muito bem recebido por todo aquele povo na pessoa do líder espiritual e cultural Raimundim e todos nós agradecemos por esse incentivo e de outros povos indigenas da família lingüística Pano como, por exemplo, os Yawanawa, Nukini, Kontanawa. Ao retornar à aldeia Puyanawa muitas pesquisas foram feitas sobre os conhecimentos tradicionais com anciãs e anciões, levantando informações com pessoas com mais experiência. Ver foto 17.



Foto 17: **Puwe e Benki Pyãko**  
Fonte: acervo fotográfico de *Puwe* cedido a pesquisadora.

*Puwe* sempre se destacou tanto externa quanto internamente na comunidade, por ser uma pessoa articulada que se relaciona bem e consegue manter diálogo com as pessoas. A partir do ano de 2002, iniciou um laço de amizade e aliança com a liderança espiritual *Benki Pyãko*, também mantém laços de amizade com pessoas não indígenas pertencentes a vários segmentos sociais; evangélicos, católicos, ambientalistas, políticos e etc. Ver foto 18.



Foto 18: **Liderança Puyanawa *Puwe* na floresta a procura de medicina sagrada.**  
Fonte: Acervo fotográfico de *Puwe* cedido a pesquisadora.

Trabalha com a medicina sagrada e tradicional do povo Puyanawa a mais de 18 anos. No ano de 2003 começou a viajar para a Europa com *Benki Pyãko* e nessa oportunidade, além de começar a tornar-se conhecido internacionalmente, ele começa a procurar apoio internacional para angariar fundos para a realização das terras sagradas onde viveram os antepassados Puyanawa, descoberta no ano de 2012 através de uma expedição realizada por doze homens Puyanawa, identificada e chamada de “Sete de Setembro” e que estão fora dos limites da TI.

Como líder indígena, *Puwe* também desempenha um papel importante como ativista ambiental e também participou da Conferência dos Povos Indígenas e Mudanças Climáticas em Paris, organizada pela Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura (UNESCO) no ano de 2005, onde, diante de um

público de 40 mil políticos e diversos especialistas, destacou a escala da irresponsabilidade planetária e os danos causados à floresta amazônica por empresas de gás, mineradoras e o tráfico de drogas.

Este guerreiro Puyanawa também tem seu lado artístico. É músico, cantor e compositor. Durante suas viagens a Barcelona em 2006 e 2007 gravou juntamente com sua esposa *Vari*, o primeiro CD duplo com músicas em português compostas por eles, além de músicas tradicionais do povo Puyanawa. A partir do ano de 2016, iniciou um programa de intercâmbio com escolas públicas Catalãs e a escola IRP, em parceria com a associação “Guardians de l’Amazônia de Barcelona”, e com sua esposa fez visitas anuais aos centros educacionais Catalãs. No ano de 2019 foi palestrante na Conferência Mundial da Ayawaska em Girona.

Atualmente vem dando continuidade a um documentário, que está sendo realizado em parceria com a comunidade Puyanawa, intitulado “Terra Sagrada de Peyavakevu Puyanawa: segue 120 anos de história da tribo”. Um de seus objetivos é usar a história de seu povo para abordar o destino de todos os grupos étnicos da Amazônia, bem como conscientizar e avançar no lento e difícil processo pelo qual passam os Puyanawa para recuperar a terra sagrada onde viveram os antepassados do povo.

É importante registrar que *Puwe*, foi uma das pessoas que foi para a floresta em busca da maloca tradicional e que chegou muito feliz por ter encontrado esse patrimônio sagrado, era um de seus sonhos e o mesmo foi realizado juntamente com todos da equipe que participaram desta missão tão importante para o povo Puyanawa, e ele foi mais um contribuinte nessa conquista de trazer para nós um pouco sobre as moradias dos nossos ancestrais *Peyvakevu*.

*Puwe*, índio guerreiro de paz e de amor, grande incentivador e disseminador da cultura Puyanawa e do fortalecimento dos conhecimentos tradicionais. Que iniciou sua caminhada como um sonho, difícil de realizar mas que hoje já visualiza grandes resultados e principalmente bons frutos de sua caminhada. Ele iniciou essa linda caminhada junto com sua esposa *Vari*, filha de Mário *Mãpa* e irmã do atual cacique do povo Puyanawa. E juntamente a ela está a desfrutar do que semearam na comunidade, são pessoas honradas e vitoriosas pela paciência e por tudo que enfrentaram e atravessaram juntos. Foi uma parceria certa onde juntos continuam na luta mostrando para o povo Puyanawa o valor que tem a nossa cultura e o orgulho de ser um Puyanawa. Ver foto 19.



Foto 19: **Lideranças Puyanawa em festividade cultural do povo.**  
Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora, 2022.

*Puwe* é a uma das maiores liderança dentro da hierarquia Puyanawa, e tem sido para o povo não somente um exemplo de líder, mas um exemplo de pessoa, de ser humano, amigo, companheiro e parente que têm suas características próprias de sabedoria e compreensão, para entender, compreender e lidar da melhor forma possível com cada situação que transcende a seu redor, apesar de seus métodos de trabalho serem atrativos, nem todas as pessoas na comunidade conseguem compreender o que ele realmente almeja transmitir, esses são os chamados discursos dissonantes na comunidade Puyanawa no que se refere as questões culturais e espirituais.

Mesmo que não esteja atuando diretamente em sala de aula atualmente, *Puwe* por anos deu sua contribuição no ensino de língua indígena Puyanawa no espaço escolar, especificamente com os alunos do EM. Mesmo afastado dos afazeres pedagógicos na escola IRP ele se considera e é de fato um professor na comunidade. Sua residência na aldeia Ipiranga, além de ser o seu lar é também uma referência para o povo, lugar de muita visitação, onde tambem são produzidas a caiçuma e o jenipapo para as festas tradicionais. Sua casa   tambem uma espécie de sala de aula que dispensa paredes de um espaço físico, mas que abriga, transmite e difunde conhecimentos na comunidade. Os alunos e professores fazem pesquisas

constantemente com *Puwe* que ao longo dos anos vem contribuindo para a valorização e fortalecimento cultural do povo Puyanawa.

Registrar a trajetória de vida de *Puwe*, mesmo que brevemente, porque com certeza há muito ainda o que se falar sobre este sonhador, que tornou-se um grande guerreiro e liderança do povo, é, uma forma de garantir que as gerações vindouras possam ter acesso aos grandes feitos por ele. É também uma forma de valorizar e respeitar sua trajetória de vida, para que sua caminhada não fique apenas na memória, mas que fique registrado e sirva de fonte de pesquisa para futuros pesquisadores Puyanawa.

## **2.6 *Kunīwaway*: semente plantada, cultivada e germinada**

*Kunīwaway* ou *Kunī* como é carinhosamente chamado na aldeia (Eduardo Lima da Silva) nasceu no dia 27 do mês de maio do ano de 1990, na capital Rio Branco - Acre, nessa época sua mãe *Awīvukuis* Maria Alice (atual gestora da escola IRP) havia saído da aldeia para estudar e buscar por dias melhores. É filho de José Francisco Januário da Silva um *dawa* (não indígena) com quem tem pouco contato. *Kunī* traz em seus traços físicos a miscigenação racial e no coração o sangue forte dos Puya, de luta, de líder, de alegria e força pra não desistir, para sempre se reinventar, se reerguer diante dos infortúnios da vida.

Atualmente tem 32 anos, é casado, pai de 2 filhos (um pai muito presente e responsável). É um dos professores da escola IRP e apesar de ainda ser jovem é uma das grandes lideranças dentro do território Puyanawa. Está envolvido nas reuniões comunitárias, nas discussões e tomadas de decisões internas, nos trabalhos realizados pela AAPBI e nas fiscalizações do território puyanawa. Ver foto 20.



Foto 20 : **Jovem liderança Puyanawa Kuniwaway.**  
Fonte: acervo pessoal da autora, 2022.

Logo que nasceu foi criado por sua avó materna, pois sua mãe estudava e trabalhava. Passou sua infância na aldeia brincando com seus primos e amigos e estudando na escola da aldeia. Sempre foi uma criança esperta e gostava de ouvir as histórias contadas por seus avós e tios. Quando terminou o ensino fundamental já na companhia de sua mãe que havia voltado pra aldeia teve que se deslocar pra cidade, para estudar, na única escola de EM regular da cidade de Mâncio Lima, Antônio de Oliveira Dantas (AOD). Passava a semana fora e voltava no final de semana pra aldeia. Dias difíceis aqueles, enfrentado o mundo lá fora, porém com esperança de transformar sonhos em realidade por meio da educação.

*Kunĩ* sempre foi um jovem calmo, alegre, respeitador, inteligente e muito querido por seus colegas e familiares. Sempre corajoso aprendeu cedo andar na mata, caçar e pescar. Um jovem autônomo e independente que desde cedo aprendeu com seu esforço trabalhar para buscar seus sonhos e objetivos.

Logo que terminou o EM surgiu a necessidade de um professor na escola da aldeia e *Kunĩ* iniciou sua carreira de professor. Um desafio imenso para aquele jovem recém formado no EM e sem experiência profissional, mas uma oportunidade pessoal e também chegava a hora de contribuir com seu povo, levando conhecimentos para outros jovens da aldeia. Nesse período já havia EM na aldeia e começava a fomentar o ensino diferenciado, voltado para a valorização e protagonismo dos indígenas da própria comunidade.

*Kunĩ* iniciou trabalhando com a disciplina de história nas séries finais do EF II e educação física. Em seguida começou estudar licenciatura em História pela Unicersidade Norte do Paraná (Unopar), a distância, pois era mais fácil conciliar estudos, trabalho de professor e agricultura familiar (é um dos fortes agricultores da aldeia). Nesse processo acadêmico buscou aprender os conhecimentos sistemáticos da universidade, transitando por outras realidades, elencando ao seu conhecimento empírico adquirido com sua vivência na aldeia. De modo que estes conhecimentos juntos possam trazer novos conhecimentos para a comunidade. Ver foto 21.



Foto 21 : *Kunĩwaway* e seu filho *Irukêde* no IV festival *Atsa*. Atividade apresentada pela escola IRP.

Fonte: acervo pessoal da autora, 2022.

Atualmente vive em união estável com *Xinã Yura* (Maria Valeria) com quem tem um casal de filhos: *Irukẽde* e *Kākātaw*. É morador da aldeia Ipiranga e é um jovem porém grande sábio Puyanawa, é um dos atuais professores da disciplina de língua indígena Puyanawa, trabalha com série do 8º e 9º ano do EF II e EJA: 1º, 2º e 3º segmento, e além disso é professor da disciplina de história em todas os anos do EF II.

*Kunñwaway* é considerado um jovem sábio Puyanawa, uma semente das primeiras raízes dos ensinamentos dos conhecimentos linguísticos e culturais do povo, carrega em sua essência os ensinamentos da pioneira no ensino de língua na qual ele tem grande respeito e, é uma de suas fontes de pesquisa, do continuador da valorização da língua indígena Puyanawa, o grande guerreiro Luís Manaitá, que foi seu professor e muito lhe ensinou e, do grande liderança e ex cacique Mário *Mãpa*, que não encontra-se mais no meio dos Puyanawa fisicamente, mas encontra-se em espírito e com certeza feliz com o prosseguimento do trabalho semeados por eles, pois este conviveu de perto com esse grande líder e assimilou inúmeros conhecimentos com suas histórias e vivências. Ao trabalhar com a disciplina de história e língua Puyanawa sentiu a necessidade de realizar pesquisas com os mais velhos e em arquivos da comunidade para aprender a língua e o contexto histórico local. Tem dedicado parte de sua vida para este fim e muitos frutos tem sido disseminados tanto na escola como no grupo da “cultura” assim denominado por eles, os participantes do chá da *ayawaska*. *Kunñ* tem sido o braço forte do atual cacique *Divake* (seu padrasto) do povo Puyanawa, na organização das festividades, no ensino e pesquisa da língua Puyanawa, no festival *Atsa* Puyanawa e demais atividades culturais do povo Puyanawa.

Além disso, é um dos maiores animadores e cantores das músicas tradicionais do povo com composições de mais de 30 músicas na língua Puyanawa cantadas por ele e seus irmãos *Dayu*, *Waka* e *Itaka*. Tem sido uma das peças importantíssimas nesse momento de reafirmação da identidade Puyanawa com seu vasto conhecimento. Ver foto 22.



Foto 23: **Jovens lideranças Puyanawa, Kêde, Kuniñaway e Itaka no IV Festival Atsa Puyanawa.**  
Fonte: acervo pessoal da autora, 2022.

Sua casa tem sido ponto de referência da aldeia Ipiranga quanto as questões culturais do povo, um lugar de grande visitação de jovens Puyanawa e visitantes. Em época de festividades é um ponto de referência na produção de artesanato e pintura corporal. Sua esposa é uma grande artesã, pintora, e também professora na comunidade tanto no espaço institucionalizado quanto nos espaços informais. *Kuniñ* herdou do cacique emérito do povo Mário *Mãpa* o dom de por nomes na língua Puyanawa em crianças, jovens e adultos Puyanawa. Tem sido peça fundamental no ensino de língua Puyanawa para demais professores.

Na escola IRP *Kuniñ* tem desempenhado papel importante como docente comprometido com o ensino voltado para valorização das raízes ancestrais em paralelo com o conhecimento externo. É um jovem professor, porém já com uma larga experiência, buscando cada vez mais desenvolver suas práticas pedagógicas de forma diferenciada, específica e bilíngue, dando ênfase na cultura indígena e nos valores tradicionais do povo. Sendo um dos grandes defensores dos aspectos linguísticos e culturais do povo, e acredita que os conhecimentos Puyanawa precisam ser repassados as futuras gerações, para continuar a perpetuação da identidade indígena Puyanawa, mostrando ao mundo que apesar dos percalços deixados pela colonização o Puyanawa sobreviveu e está cada dia mais forte, que a cultura herdada está sendo reinventada, rememorada, valorizada e praticada.

## 2.7 *Xinã Yruya*: atual voz feminina no ensino de língua indígena Puyanawa

*Xinã Yruya* ou apenas *Xinã* (Maria Valeria) como também é conhecida e chamada na comunidade é indígena Puyanawa. Nasceu no dia 1 de novembro do ano de 1993, tem 29 anos de idade e apesar de jovem é uma pessoa muito sábia. Nasceu da mesclagem do indígena *wetsa* (Francisco Devani) e da não indígena *Tsawtevu* (Francisca Delzuite), tem dois irmãos: Maria Vanessa e Francisco Vábio. Nasceu na comunidade Puyanawa. Tem dois filhos: *Yrukẽde* e *Kãkãtaw* frutos da união com *Kunĩwaway* com quem a dez anos compartilha os diferentes momentos da vida. Ver foto 23.



Foto 23: *Xinã Yruya* e seu primogênito *Yrukẽde*.  
Fonte: acervo fotográfico de *Xinã Yruya* cedido a pesquisadora.

Integrante de uma das maiores famílias da comunidade, que herdaram laços ancestrais de *Wehvakãy* que segundo nos conta a historicidade de nosso povo foi um grande líder e que tem sua trajetória marcada com a sua morte pois nunca se rendeu aos comandos do coronel Mâncio Lima, uma das maiores famílias da comunidade. Pôde em sua infância, desfrutar de uma vivência na qual julga inesquecível. Cresceu nas florestas Puyanawa, brincando nos goiabais, tomando banho nos igarapés de águas corrente e fria, comendo ingá, pescando nos igarapés, nos rios, subindo nas árvores para comer frutas nativas.

Dentre as inúmeras atividades de uma vida de criança, desde de cedo aprendeu com seus pais valores fundamentais para a vida adulta. Ainda pequena ia

buscar o gado juntamente com meus pais, e segundo a mesma toda vida foi uma menina traquina, sempre curiosa em aprender sobre a cultura e sempre estava perguntando os mais velhos. Desde criança que aprendeu a pintar as cores da tradição puyanawa, usando jenipapo e urucum, trabalha na produção de artesanatos desde de pequena.

Sempre gostou de estudar. Inicia sua vida escolar na comunidade puyanawa, teve como professores de língua indígena Luís Manaitá e Mário *Mãpa* com quem aprendeu muito, principalmente o valor de ser Puyanawa, o respeito pelas tradições. Ela ainda lembra dos ensinamentos repassados por eles, que mesmo sem uma formação acadêmica exerceram seu professorado com excelência. Estudou todo o ensino fundamental na Escola 13 de Maio, que é hoje a atual escola IRP. Ela detalha minuciosamente esse período em que inicialmente a escola era muito precária, com apenas duas salas onde estudou a primeira série que hoje é equivalente ao segundo ano do ensino fundamental I, depois estudou no antigo barracão na comunidade, uma construção ainda da época do Coronel Mâncio Lima, que serviu por alguns anos como anexo da escola. Dando continuidade, no ano seguinte, passou a estudar na igreja da comunidade, que logo mais a diante foi demolida para uma nova construção, então a turma voltou a estudar no barracão. Logo em seguida começaram a construção de uma nova escola, que hoje é a maior instituição na comunidade.

*Xinã* deu prosseguimento aos estudos, com muita dedicação, aproveitando como momento que lhe pudesse proporcionar novos conhecimentos nessa época algo em seu interior já despertava nela a vontade de ser professora quando crescesse para poder ajudar o povo, principalmente as crianças e os jovens. De algum modo, esse interesse de ser professora veio seus pais que eram professores e também por parte de sua avó Sofia Lopes. *Xinã Yruya* tem uma trajetória marcada por muitos desafios e dificuldades incluindo o distanciamento de seus pais desde a infância, pois os mesmos se ausentavam da família para concluir sua formação acadêmica por meio do Programa Nacional de Formação de Professores (PARFOR). Mas ela sabia que a luta e a persistência de seus pais era para dar o melhor para ela e seus irmãos e também para o povo.

Cursou todo o ensino fundamental na aldeia. Para dar prosseguimento aos estudos e cursar o EM, optou por estudar fora da aldeia, pois na época o EM disponível na comunidade era modular com professores vindos de fora da aldeia. Inicialmente estudou na escola AOD e depois passou a estudar na escola Francisco

Freire de Carvalho, onde conclui o EM no ano de 2011. Estuda fora da aldeia, passava a semana na casa de uma tia e aos finais de semana retornava a aldeia. Ao concluir o EM voltou a residir exclusivamente na aldeia.

Após cursar o EM e retornar para a comunidade passou dois anos na comunidade se aperfeiçoando e aprendendo mais da cultura Puyanawa, nesse período nasceu seu primogênito. No ano de 2015 recebeu o convite do então diretor da escola IRP Francisco Carlito para ministrar aulas como monitora de letramento no programa Mais Educação. Era uma espécie de reforço escolar de língua portuguesa para crianças do ensino fundamental. Aquela foi vista como uma grande chance de realizar o sonho que carregava desde de criança, era uma oportunidade de desenvolver e colocar em prática o que tinha aprendido ao longo dos anos, e, também de ser chamada de professora.

Depois de um ano, o programa acabou e a mesma passou alguns meses desvinculada da escola, mas ainda no ano de 2016 foi chamada novamente para ministrar aulas na disciplina de matemática nas turmas de EF II no lugar de outra professora que entraria de licença maternidade. Foi aí que segundo ela, descobriu a vocação pelas ciências exatas e da natureza. Trabalhou também no ano de 2017 novamente com o programa “Mais Educação” e em 2019 trabalhou novamente como professora substituta na disciplina de matemática, pois a mesma professora entraria de licença maternidade mais uma vez.

Formou-se em matemática pela Universidade Paulista (UNIP), tem especialização no ensino de matemática pelo Centro Universitário Unifaveni e é futura ingressante na UFAC para cursar graduação em Licenciatura Indígena e já têm grandes expectativas para a realização de uma licenciatura específica para a educação escolar indígena. Por alguns períodos substituiu o professor *Puwe* quando o mesmo estava ausente da comunidade. Especificamente no ano de 2022, por meio de interferências e articulações políticas ele conseguiu afastar-se das funções no espaço escolar, ficando a disposição do governo e cedido para a comunidade Puyanawa, como uma espécie de articulador dentro e fora da aldeia, priorizando os projetos societários do povo. Então ele teve a oportunidade de indicar *Xinã Yruya* para substituí-lo na função que exercia por meio de contrato direto, pois a mesma já o substituíra. Então acontece o ingresso da professora indígena na comunidade, que passou a trabalhar com o ensino de língua indígena nas três turmas do EM, e com a

nova disciplina incluída e aprovada no PPP da escola IRP, trabalhando nos turnos matutinos e vespertinos conforme o horário escolar estabelecido pela instituição.

*Xinã Yruya* carrega a responsabilidade de fazer ecoar a voz feminina no ensino de língua indígena Puyanawa com criatividade, memória e inovação. E está a um ano exercendo a função, e, tem se dedicado a cada dia para desenvolver o seu trabalho, com vistas a contribuir na educação escolar indígena diferenciada de seu povo e contribuir significativamente com a valorização cultural do povo Puyanawa, tanto no espaço escolar quando na comunidade.

Para ela o ensino de língua indígena é uma das ferramentas fundamentais para difundir os conhecimentos linguísticos na comunidade e desta forma a mesma será reconhecida como um povo que pratica suas tradições. A língua indígena de um povo é um patrimônio cultural que foi ensinada institucionalmente ao povo pelas raízes ancestrais de Railda Manaitá, Luis Manaita e Mário *Mãpa*, os dois últimos já falecidos e as sementes estão sendo disseminadas pelos professores da escola IRP, nos quais se incluem também os professores específicos da disciplina de língua indígena, e, *Xinã Yruya* com certeza se sente feliz e realizada em fazer parte do grupo de professores.

Segundo ela, sempre teve o espírito de responsabilidade, competitividade, competência e respeito na comunidade. E isso ela carrega consigo desde a infância quando fazia comida na ausência de seus pais, cuidava da casa, da irmã mais nova, lavava roupa na caçimba ou no igarapé, até os dias atuais, em que exerce a função de mãe, esposa, dona de casa, artesã, professora e eterna aprendiz da cultura puyanawa. É uma artesã Puyanawa e também uma jovem sábia, considerada como uma jovem liderança que atua juntamente com as demais lideranças, a ensinar, transmitir e incentivar a valorização cultural do povo Puyanawa. Ver foto 24:



Foto 24: **Cacique Divake, Xinã Yruya e Awivukuis.**  
Fonte: acervo pessoal da pesquisadora, 2022.

A foto acima traz uma grande representatividade para *Xinã Yruya*, pois demonstra as boas relações que mantêm com as lideranças majoritárias do povo, e também demonstra o reconhecimento que eles têm pelo trabalho que é desenvolvido por ela, tanto no ambiente escolar ou na comunidade de maneira geral. Apesar de jovem tem uma atuação significativa na valorização e fortalecimento cultural na comunidade. Participa das reuniões comunitárias, das festividades culturais, ajuda no feitiço de caçuma para as festas culturais, faz jenipapo para realizar pinturas corporais, ensina as pinturas e seus significados, participa ativamente do grupo espiritual com o uso do chá sagrado chamado de *dispanihew* e além de ser uma professora institucionalizada no espaço escolar puyanawa, tem juntamente com o esposo, o também professor *Kunīwaway*, feito de sua residência um lugar de transmissão de conhecimentos inerentes a cultura puyanawa.

### **3 - A ESCOLA INDÍGENA E O ENSINO DE LÍNGUA PUYANAWA: ELEMENTOS AGREGADORES FRENTE A(S) IDENTIDADE(S) NO PROCESSO DE VALORIZAÇÃO CULTURAL DOS PUYANAWA**

Neste capítulo abordamos especificamente a escola indígena e o ensino de língua indígena puyanawa como um elemento agregador diante da(s) identidade(s) puyanawa, apresentando um breve esboço da contextualização histórica e contemporânea da Escola Estadual Indígena *Ixũbãy Rabuĩ* Puyanawa para que compreendamos melhor como se deu a inserção da mesma e tenhamos conhecimento sobre ela, para que possamos entender toda a sua dinâmica de funcionamento nos dias atuais, e, a sua contribuição através do ensino diferenciado e, do ensino de língua indígena puyanawa, nas práticas culturais, e, na valorização cultural no atual momento de afirmação identitária pelo qual a comunidade e o povo Puyanawa vivencia. Enfatizamos ainda a dinâmica da escola indígena atualmente, bem como suas perspectivas e avanços, trazemos ainda um breve panorama da atuação docente e os desafios encontrados durante o período pandêmico que assolou o mundo inteiro.

#### **3.1 A Escola Estadual Indígena *Ixũbãy Rabuĩ* Puyanawa**

Durante a realização da pesquisa, foi possível ter acesso a um caderno de anotações bem antigo do emérito Mário *Mãpa* Puyanawa, no qual encontra-se ainda visível escritos a punho sobre o início da implementação da escola enquanto instituição instrumentalizada para os Puyanawa, implementado inicialmente com o objetivo de ensinar os indígenas a escrever o próprio nome para que pudessem ser eleitores do então coronel Mâncio Lima. A foto 25 mostra aspectos dos fatos mencionados.

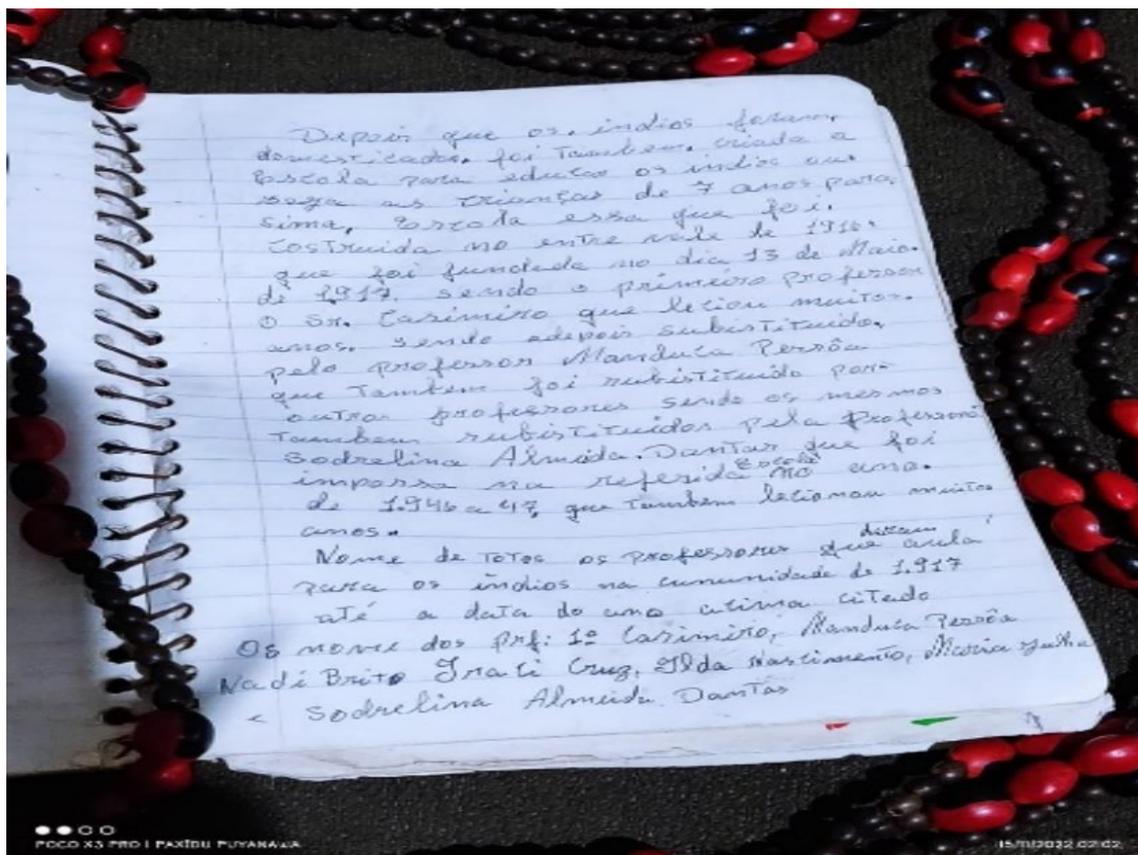


Foto 25: Caderno de registros do émerito cacique Mário Mãpa Puyanawa.  
Fonte: arquivo pessoal da pesquisadora.2022.

Diante do cenário forçado no qual o povo Puyanawa estava inserido, chamado pelo colonizador de “domesticação”, segundo dados levantados na pesquisa, houve inicialmente a criação de uma escola primária pela prefeitura de Cruzeiro do Sul no ano de 1914; nela as crianças e os adultos puyanawa recebiam instrução. Tratava-se de informações necessárias para os patrões, tendo em vista que a escola servia prioritariamente aos objetivos do patrão seringalista Coronel Mâncio Lima. Com o avanço da democratização do estado nacional e a implementação de eleições, a população indígena poderia servir como um montante expressivo de votos de “cabresto” o que de fato ocorreu.

De acordo com informações coletadas em entrevistas com os professores indígenas aposentados da aldeia: Jorge Constant, Sofia Lopes e Olinda Martins<sup>15</sup>, e também com base nos escritos encontrados no caderno de anotações já citado, identifiquei que o primeiro professor foi o senhor Casimiro, que lecionou por muitos

<sup>15</sup> Entrevistas realizadas em novembro de 2022, em sua respectivas residências e com autorização prévia, oral gravadas por áudio e também através de documento de aceite de pesquisa e entrevistas que consta em anexo no final desta dissertação.

anos e teve como principal objetivo ensinar os indígenas puyanawa da importância de dominar a leitura e escrita com o intuito de os indígenas votarem no então senhor Coronel Mâncio Lima para prefeito de Cruzeiro do Sul. O senhor Casimiro após lecionar por muitos anos foi substituído pelo professor Manduca Pessoa, que posteriormente fora substituído por outros professores. As fotos abaixo mostram alguns dos momentos nos quais estive com os entrevistados (fotos 26 e 27).



**Foto 26: Sofia Lopes ( Professora Puyanawa aposentada) durante realização de entrevista em sua residência na aldeia Ipiranga.**  
Fonte: acervo pessoal da pesquisadora, 2022.



Foto 27: **Sofia Lopes, Jorge Constant e Olinda Martins. Professores Puyanawa aposentados, presentes na festividade comemorativa em alusão ao dia do índio (19 de abril).**  
Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora, 2022.

Em consonância com as informações levantadas, com o passar dos tempos, a escola foi ficando deteriorada, não oferecendo mais condições para os trabalhos educativos. Diante desse fato, os alunos indígenas passaram a estudar na residência do senhor Baltazar, chamada de “Brasília,” situada à margem direita do igarapé Grande (*behkua* em língua indígena puyanawa).

Posteriormente, quando os patrões foram indenizados e tiveram que desapropriar o território pertencente ao povo Puyanawa, a escola passou a ser responsabilidade do Estado, e os indígenas começam a fazer parte da administração, mas não tinham a autonomia que tem hoje.

No entanto, se faz necessário saber que a primeira professora indígena responsável da escola que até então se chamava 13 de Maio, foi a senhora Clemilda Manaitá, por um período de mais de duas décadas, especificamente nos anos de 1968

a 1989. Para dar prosseguimento aos trabalhos na referida escola o senhor e também professor Jorge Constant passou a ser o segundo indígena responsável da Escola 13 de Maio, nos anos de 1989 a 1995, pelo motivo de que a docente Clemilda Manaitá ter migrado para o centro urbano do município de Mâncio Lima. Nesse período existia também a escola José Agostinho Rodrigues de Lima na aldeia Ipiranga que tinha como professora responsável, Sofia Lopes.

Dando continuidade nos trabalhos na Escola 13 de Maio a senhora professora Olinda Martins passou a ser responsável pela referida escola no ano seguinte, e, somente a partir do ano de 1997, a Escola 13 de Maio passa a definir sua gestão por processos de votação, sendo eleita como diretora da escola a referida professora, sendo esta também diretora no período compreendido entre os anos de 2001 a 2011. É importante ressaltar que no decorrer de sua gestão era dada oportunidade para que outros professores e lideranças da comunidade puyanawa pudessem concorrer à direção da referida escola, mas todos preferiam se absterem por não encontrar motivos para mudanças.

Se faz necessário ainda saber que antes não tinha o primeiro grau completo como era conhecido, que hoje corresponde o ensino fundamental. Somente no ano de 1998 foi criada a primeira turma com a quinta série do ensino fundamental, conduzida por apenas dois docentes, os quais trabalhavam de forma interdisciplinar, ou seja, com todas as disciplinas. Em 1999, um ano depois passa a funcionar o sexto ano do ensino fundamental, tendo como professores os mesmos do quinto ano. Porém somente a partir do ano de 1999 e 2000, passa a funcionar o primeiro grau completo, onde os professores docentes eram provenientes do centro urbano do município de Mâncio Lima, mas nenhum desses era indígena puyanawa, eram todos não indígenas.

Somente a partir do ano de 2001 é que a escola passa a ter docentes indígenas da própria comunidade, isso com o objetivo de centralizar e fomentar o ensino diferenciado. Com o crescimento do número de alunos, se teve a necessidade de inserir membros da própria comunidade indígena, que já estavam aptos a assumir a docência e alavancar o ensino na comunidade, assim a escola se organiza para reivindicar do governo do Estado do Acre, a construção de uma nova escola, oferecendo melhores condições aos alunos, professores e demais atores da comunidade escolar. Em março de 2003, deu-se início a construção da nova escola, mais somente a partir do ano de 2004, um ano mais tarde houve a inauguração, assim

como a implantação do primeiro ensino médio piloto para escolas indígenas em todo o estado do Acre.

Como já salietamos a escola era oficialmente chamada de 13 de Maio, e após a construção da nova instituição houve então a mudança de nome. Passando a partir do ano de 2006, a ser definida como escola indígena e a ser registrada e homologada, como escola estadual Indígena *Ixūbāy Rabuĩ* Puyanawa. Os nomes *Ixūbāy* e *Rabuĩ* são uma homenagem a dois personagens indígenas puyanawa. Conforme trecho de entrevista realizada com a Senhora Olinda Martins, em 2022:

Alberto Ixubay foi o primeiro indígena a viajar para capital, Brasília com o objetivo de reivindicar premissas sobre o território puyanawa. Ixubay nasceu em cinco de janeiro de 1912, e o mesmo sempre lutou pelo fortalecimento e reconhecimento da cultura puyanawa, tanto que nunca concordou com as imposições impostas pelo então senhor coronel de barranco, Mâncio Lima, bem como de outros donos de seringais, os chamados (colonizadores do século XIX). Rabui foi uma índia guerreira que deixou um expressivo legado às nova e futura geração. Ainda nesse sentido faz sentido ainda saber que atualmente alguns dos professores docentes e alunos da escola ixubay rabui puyanawa: são raízes descendentes de Rabui; uma matriarca que sempre lutou em defesa e preservação da memória de seus ancestrais, assim como pela premissa das práticas e fortalecimento do conjunto dos elementos que compõem a cultura milenar puyanawa. Dentre esses elementos destaca-se em princípio a língua indígena puyanawa. (Depoimento da ex-gestora Olinda Martins de Lima, moradora na aldeia Barão em setembro de 2022).

A comunidade escolar e lideranças da comunidade<sup>16</sup> puyanawa avaliam essa mudança de nomenclatura como uma conquista, pelo fato de ter sido escolhido pelas lideranças e pela comunidade. Nome este que tem um grande significado, e, que será transmitido de geração em geração para que nossos alunos conheçam a história e orgulhem-se dos guerreiros que tanto lutaram e que não temiam aos opressores. Dando continuidade, a gestão da escola passa para o professor Francisco Carlito, por mérito Ele foi eleito através de eleição democrática, mas não chegou a assumir realmente como gestor, mas sim como professor responsável, devido não ser professor do quadro efetivo do Estado.

A direção da referida escola está sob a direção da professora Maria Alice Martins de Lima (*Awĩvukuis*), esposa do cacique do povo Puyanawa, aldeias Barão e Ipiranga, que por sua vez foi nomeada gestora pelo então representante majoritário

---

<sup>16</sup> **Comunidade:** O termo comunidade Puyanawa é empregado no sentido de se refenciar a terra indígena como um conjunto que abrange as duas aldeias.

da comunidade puyanawa: Joel Ferreira de Lima (Divake). Assumiu em janeiro de 2016, sendo empossada no primeiro semestre, por um período de quatro anos consecutivos a contar da data de sua nomeação e já está em seu segundo mandato. A gestora Maria Alice Martins de Lima tem como principal objetivo na sua atuação, estruturar e organizar um processo de educação que venha a contemplar todas as prerrogativas legais do ensino diferenciado, intercultural, comunitário, de qualidade, específico e bilíngue.

Educação diferenciada é um direito de todos os indígenas assim diz a Constituição Federal de 1988. Assim como é dever do Estado; garantir o exercício desse direito, nesse sentido é preciso entender que este desafio impõe decisões complexas e inovadoras. Sendo assim a escola não espera que o ensino diferenciado seja o único utilizado nas salas de aulas de modo específico, ao contrário, com ele se busca apenas ampliar, e assegurar o rol do que pode e deve ser selecionado pelos educadores sendo assim centralizado e articulado de maneira sistemática, as diversas áreas do conhecimento também em sala.

A referida escola torna-se no ano de 2022 a primeira escola indígena com o PPP aprovado sem ressalvas, com a inclusão da disciplina de Língua Indígena Puyanawa na base comum, pois até então, a mesma fazia parte da base diversificada e a aprovação inédita de uma nova disciplina também específica intitulada “Práticas ecológicas e culturais do povo Puyanawa” na base diversificada. A elaboração do PPP ocorreu por meio de um processo de construção coletiva, envolvendo pais, alunos, professores e representantes da comunidade indígena. Sendo esta conquista protagonizada durante a gestão da atual gestora.

A escola indígena tem trabalhado a preparação do aluno para o mundo adulto e suas contradições, a socialização para uma participação organizada e ativa na democratização étnica cultural sem fugir de modo específico das exigências burocráticas do sistema educacional nacional. A nossa educação escolar indígena específica e diferenciada também está associada a um sistema educativo formal, que educa o aluno de acordo com as artes, conhecimentos e crenças culturais. Assim, valores e padrões de comportamento também podem e devem ser compartilhados em sala de aula. O professor indígena tem a exata dimensão de seu compromisso com os alunos no campo específico do magistério, assim como na produção e reprodução cultural.

Na educação escolar indígena diferenciada a escola deixa com isso de ser um instrumental que impõe somente a base educacional dos não indígenas, mais torna-se assim um instrumental com autonomia de organização educativa, que enfatiza de maneira sistemática e intelectual: seus costumes, crenças e tradição. Dessa forma, o projeto político pedagógico da escola indígena puyanawa, redesenha a função da educação escolar indígena diferenciada com base na Constituição Federal de 1988, que detalha o direito dos alunos indígenas a uma educação escolar indígena diferenciada: bilíngue, intercultural, específica, comunitária e de qualidade.

O PPP da referida escola, que foi entregue oficialmente às lideranças puyanawa e à comunidade escolar em geral, no dia 23 de setembro do ano de 2022, durante a festa cultural em que se comemora a posse do cacique, atividade esta que está presente no calendário escolar desta instituição. Na cerimônia de entrega estiveram presentes a senhora Maria José representando o secretário de educação do estado do Acre. Também estiveram presentes o coordenador do núcleo educacional de Mâncio Lima, o senhor Alcione, a professora Esther Maia, servidora aposentada que presta serviços voluntários na secretaria, trabalhando especificamente com os três povos indígenas pertencentes ao município: Nawa, Nukini e Puyanawa. Participou também desse evento o assessor pedagógico indígena do núcleo de Mâncio Lima e do departamento de educação escolar indígena nas pessoas do senhor Charles e Lene. Foi um momento especial e esperado por todos os presentes, uma grande conquista através do trabalho coletivo. A foto 28 retrata o ato solene de entrega do PPP da referida escola, no centro cultural, na aldeia Ipiranga.



Foto 28: **Entrega oficial do PPP da escola IRP no centro cultural na aldeia Ipiranga.**  
Fonte: Arcevo pessoal da pesquisadora, 2022.

O PPP da escola estadual indígena *Ixũbãÿ Rabuĩ* Puyanawa além de meios legais, norteia todas as especificidades condizentes a educação diferenciada para o povo Puyanawa, e dessa forma atribui os valores e processos de caracterização cultural enfatizando o interculturalismo e o bilinguismo. Entendemos ainda que o PPP diferenciado é de suma importância no panorama de informações e escolaridade partindo de cada professor indígena em sala de aula.

### **3.2 - A dinâmica da Escola Indígena Puyanawa: cotidiano e perspectivas**

No ano de 2000, a partir da demarcação da terra indígena, o povo Puyanawa vivencia com intensidade um processo de valorização cultural e afirmação identitária tendo como forte aliada a escola, que adotou, por sua vez, o ensino diferenciado, capacitando os professores da própria aldeia, buscando os saberes étnicos e culturais, trabalhando as especificidades do povo no processo de ensino e aprendizagem. Visa assim formar cidadãos capazes de desenvolver um pensamento crítico no que se refere aos conhecimentos internos e externos, como também capazes de competir no mercado de trabalho.

A escola na comunidade puyanawa não é vista como o único lugar de aprendizado, mas sendo uma das peças fundamentais para disseminação dos conhecimentos advindos dos mais diversos meios onde estão inseridos os

educandos, que trazem consigo saberes empíricos e assistemáticos que a escola pode transformar, redirecionar, lapidar e sistematizar, através da alfabetização e letramento por ela proposta.

No ano letivo de 2022, a clientela de alunos matriculados somaram 236 alunos distribuídos em diferentes etapas da educação básica. Conforme demonstramos no quadro 3, abaixo:

Escola Ixubay Rabui Puyanawa – IRP		Ano letivo: 2022
Etapa de ensino	Turno de funcionamento	Quantidade de alunos
Ensino fundamental I	Matutino	82
Ensino fundamental II	Vespertino	73
Ensino Médio	Vespertino	36
Educação de Jovens e Adultos – EJA	Noturno	45

Quadro 3: **Quantitativo de alunos por etapa de ensino, ano letivo de 2022.**

Fonte: Dados levantados pela autora.

Conforme demonstração do quadro acima, é possível identificar que a referida instituição de ensino funciona nos três turnos, e em cada turno oferece turmas regulares das diferentes etapas e modalidades da educação básica. No primeiro turno funciona o Ensino Fundamental I (1º ao 5º ano), no segundo turno funcionam o Ensino Fundamental II (6º ao 9º ano) e Ensino Médio (1ª, 2ª e 3ª série) e no terceiro turno funciona a EJA – Educação de Jovens e Adultos (1º, 2º e 3º segmentos). O Atendimento Educacional Especializado funciona nos dois primeiros turnos. No quadro 4, apresentamos um demonstrativo dos funcionários da instituição correspondente ao ano letivo de 2022.

Quadro demonstrativo IRP – Ixubay Rabui Puyanawa - Ano letivo de 2022					
Nº	Nome do funcionário	Nome indígena	Cargo/função	Turno	Formação
01	Maria José Martins	Wehva	Professora	Matutino	Pedagogia
02	Maria Auxiliadora	Awi Udia	Professora	Matutino	Pedagogia – Cursando
03	Kely Costa	Paxidu	Professora	Matutino	Lic. Indígena e Pedagogia
04	Naiara Araújo	Awi Rutxaya	Professora	Matutino	Pedagogia

05	Odenis Santos	Vuxi	Professor	Matutino	Pedagogia – Cursando
06	Marcilene Porracai	Udia	Prof. AEE	Matutino/Vespertino	Pedagogia
07	Samuel Rondon	Rake Kãy	Professor	Matutino/Vespertino	Magistério Indígena
08	Maria Valéria	Xinã	Professora	Matutino/Vespertino	Matemática
09	Maria Chaves	Ibata	Professora	Vespertino	Pedagogia
10	Davi Ferreira	Iravu Tãdayate	Professor	Vespertino	Lic. Indígena
11	Rosangela Martins	Divi Txuku	Professora	Vespertino	Letras Portugues
12	Luzitana Martins	Sisuwake	Professora	Vespertino	Letras Portugues
13	Eduardo Lima	Kaniwayay	Professor	Vespertino/Noturno	Geografia
14	Marnizia Souza	Kãderuya	Professora	Vespertino	Letras Portugues
15	Edevania Alves	Awi Nãni	Professora	Vespertino	Letras Portugues
16	Evaldo Gadelha	Hidaka	Professor	Vespertino	Matemática
17	Francisco Carlito	Dawawawy	Professor	Vespertino	C. Biológicas
18	Maria de Fátima	Peykãba	Professora	Noturno	Pedagogia – cursando
19	Francisca Arlete	Akutxu	Professora	Noturno	Pedagogia
20	Núbia Santos	Awi Sakuiruya	Professora	Noturno	Pedagogia
21	Maria Alice	Awivukuis	Gestora	Integral	Geografia
22	Francisco Devani	Wetsa	C. Ensino	Integral	Letras Portugues
23	Vildna Dias	Kãde Tãdah	C. Pedagógica	Integral	Pedagogia
24	Francisca Delsuite	Tsawtevu	A. Secretaria	Licença prêmio	Letras Portugues
25	Ilson Martins	Iruixta	C. Administrativo	Integral	Ensino Médio
26	Enivando Santos		Secretário	Integral	Licenciatura Indígena
27	Maria de Lourdes		Merendeira	Integral	Ensino Médio
28	Vanderlei		Servente	Integral	Ensino Médio
29	Maria José		Servente	Integral	Ensino Médio
30	Defiria		Servente	Integral	Ensino fundamental
31	Carlos		Servente	Integral	E. fundamental – Incom.
32	José Luis	Puwe	Professor	Disposição do governo	C. Biológicas

Quadro 4: **Demonstrativo de funcionários da escola IRP, ano letivo de 2022.**

Fonte: Dados levantados pela autora.

O quadro da escola IRP no ano de 2022 é composto por 32 funcionários. A equipe gestora é composta pela diretora, coordenador de ensino, coordenadora pedagógica, coordenador administrativo, secretário e auxiliar de secretaria. São 22 professores atuantes em sala de aula e 4 funcionários de apoio que trabalham na limpeza e na preparação da alimentação. Uma grande dificuldade na efetivação do projeto de ensino da referida escola são as contratações provisórias por processo seletivo simplificado e também por contratação direta, o que acaba dificultando e atrasando, por exemplo, o início do ano letivo e rotatividade de professores, chegando inclusive a acontecer de em um mesmo ano letivo, algumas turmas trocarem de professor por três vezes, o que acaba causando dificuldades tanto para o professor quanto para os alunos.

É notório que apenas uma pequena porcentagem de professores possui uma formação acadêmica específica voltada para a educação escolar indígena. Entendo que uma formação acadêmica específica poderia ajudar a alavancar o projeto de ensino que a instituição desenvolve. E além disso, é gritante a deficiência e o distanciamento do Departamento da educação escolar indígena no que diz respeito às formações continuadas e específicas que deveriam de fato acontecer para os professores indígenas em todo o Estado. Elas ajudariam a escola indígena e seus professores na atuação e no desenvolvimento de seu fazer docente, e contribuiriam de fato no processo formativo do professor que posteriormente refletiria na sua prática de sala de aula de forma positiva

No que se refere à estrutura física a instituição está organizada da seguinte forma: cozinha, salas de aula, biblioteca, que é usada também como sala dos professores, direção, secretaria, laboratório de informática desativado que é usado como sala de leitura, sala de AEE, almoxarifado, área de serviço de limpeza, banheiros, auditório usado também como refeitório. Já no entorno da escola, temos diferentes árvores frutíferas e não frutíferas, além de uma horta com plantio de verduras que são resultados de atividades e projetos desenvolvidos pela escola.

Durante a pesquisa, entrevistas e observações, percebemos que os professores entendem que o ensino diferenciado indígena é uma forma de manter a cultura do povo viva e passar para as gerações futuras os conhecimentos tradicionais, ensinando seus alunos a partir do conhecimento concreto vivenciado diariamente na comunidade, buscando aprimorar e relacionar com o conhecimento científico. A escola não é vista como o único lugar de aprendizado, mas a comunidade também

possui sabedoria para ser distribuída, comunicada e transmitida por seus membros, principalmente pelos idosos, considerados como verdadeiras “bibliotecas vivas” que precisam ser exploradas pela escola. E desta forma a pesquisa é fundamental para o professor indígena em exercício.

O professor indígena é considerado uma liderança importantíssima, para desenvolver atividades que levem os alunos a conhecer e valorizar sua língua, danças, músicas, artesanatos, histórias do povo e etc. Os professores desenvolvem aulas práticas, ou seja, extra classe, para que os educandos conheçam suas raízes e aprendam desde cedo a valorizá-las, como bem comum para todos na aldeia.

Mediante a realização do estudo, foi possível perceber que os professores puyanawa, trabalham em parceria com a comunidade, a associação de moradores, lideranças (cacique, anciões, agentes de saúde, agentes agroflorestais) e demais membros da comunidade escolar. Promovem aulas, partindo de um conhecimento já existente e significativo para os alunos, para assim aprimorá-lo, na sala de aula com o conhecimento elaborado e sistemático. As aulas são ministradas na teoria e na prática, por meio de atividades extraclasse, em que os educandos sentem-se a vontade para perguntar e aprender os conteúdos propostos. Como exemplifica em depoimento oral a professora Awi Nãni (Edevania Alves), 2022:

Fazemos aulas diferenciadas, que vão trazer conhecimentos para os nossos alunos e beneficiar toda nossa comunidade. Fizemos um pequeno projeto, para conscientizar as pessoas a não jogar lixo no igarapé da aldeia, e trabalhamos a interdisciplinaridade, cada professor envolvido traçou objetivos a serem alcançados, fizemos pesquisas com os mais velhos e a comunidade participou ativamente desse projeto. (Entrevista concedida em setembro de 2022).

Visto dessa forma, os conteúdos escolares passam a ter significado e tornam-se importantes instrumentos para a compreensão da realidade dos alunos e da sociedade envolvente. A partir desse diálogo entre conhecimentos vindos de diversas culturas humanas é que se busca uma relação entre a teoria e a prática. O conhecimento escolar volta-se para pensar as questões mais significativas para os alunos indígenas e sua comunidade, naquele momento em que é vinculado.

Dessa forma, os professores pesquisados afirmam, que a organização curricular deve ser elaborada seguindo os conhecimentos tradicionais da comunidade, sempre associando ao conhecimento de outras culturas de forma integrada; os alunos vão conhecer tanto o meio em que vivemos, nossa realidade, como as de outras

sociedades de modo geral, de forma a identificar cada tipo de conhecimento. Nesse processo de estudo, ficam presente tanto os conhecimentos originário do povo Puyanawa, como os conhecimentos trazidos pela cultura escolar. A partir de um potencial processo de investigação e de interação entre os conhecimentos adquiridos em sua experiência cultural e os conhecimentos apresentados pelas áreas de estudo, os alunos indígenas têm condições de reelaborar ou mesmo modificar e ampliar seu próprio conhecimento..

Assim ressalta o Referencial Curricular para Escolas Indígenas (RCNEI):

Tal relação exige que o espaço físico da escola indígena compreenda outros locais de socialização e construção curricular: a vida social, com seus eventos cotidianos e extraordinários, passa a ser um importante fator de influencia na seleção do currículo escolar. Uma pescaria coletiva, como parte das atividades de educação física; a abertura de um roçado 'para alimentação escolar; a limpeza do terreno em volta da escola; a construção de um viveiro de árvores frutíferas e assim por diante. Tais eventos fazem a ponte entre o saber escolar e a vida da comunidade, abrindo as portas da sala de aula e dando o sentido social e comunitário da escola indígena. (REFERENCIAL CURRICULAR PARA ESCOLAS INDIGENAS, 1998, P. 63).

Com esses procedimentos de ensino e pesquisa os professores estimulam a construção de conhecimento escolar e a diversificação das aprendizagens importantes para seu desenvolvimento cognitivo, pessoal e social.

No tocante aos planejamento escolar, a escola vem desenvolvendo em cada início de ano, um planejamento grande, envolvendo parte da comunidade escolar, (pois é um grande desafio ainda trazer a comunidade escolar para estes momentos), para que possam expressar seus anseios e juntos desenvolver um trabalho baseado na coletividade. Desta forma, objetiva-se construir uma pedagogia escolar indígena que vai ocorrendo com o trabalho de cada professor, em conjunto com sua comunidade educativa, a partir de uma atitude de curiosidade que resulta em processo de investigação e criação.

Também no início de cada ano, é discutido e elaborado o calendário escolar onde são colocadas as datas comemorativas próprias da comunidade. Nessas datas, são trabalhados projetos e mini projetos em sala de aula e posteriormente na data específica as atividades realizadas em sala de aula são apresentadas e socializadas. São realizadas atividades culturais, com danças, comidas típicas, bebidas tradicionais do povo, pinturas corporais e etc. Quase toda comunidade participa dessas festividades com grande entusiasmo e alegria e pode-se se dizer também que a

presença da comunidade nessas festividades é reflexo do trabalho que a escola desenvolve que visivelmente está a contribuir e colaborar para com a valorização cultural Puyanawa bem como fortalecendo as (re)construções identitárias do povo.

A Constituição Federal (CF) de 1988 e a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional nº 9.394/1996 (LDBEN), garantem aos povos indígenas o direito de estabelecerem formas particulares e próprias de organização, como por exemplo, o calendário escolar próprio e lhes asseguram também uma grande autonomia no que se refere a criação, ao desenvolvimento e a avaliação dos conteúdos a serem incorporados em suas escolas.

Ao serem questionados sobre os avanços alcançados na escola IRP os professores são unânimes em dizer que houve avanços significativos, pois para eles a escola possui uma certa autonomia para fazer seus planejamentos, discutir o calendário escolar, comprar seus materiais didáticos e pedagógicos, organizar o currículo segundo suas necessidades, ter professores da própria aldeia e garantir que a cultura do povo Puyanawa cresça cada vez mais e, a escola forme as lideranças do futuro, comprometidas com o bem comum, assegurando seus direitos e deveres dentro e fora da aldeia. Mas deixam claro ainda que é preciso ter cuidado para que todo o trabalho já realizado não se perca.

De acordo com os professores entrevistados, é importante salientar, que mesmo com os avanços alcançados, ainda são necessárias a implementação de políticas públicas de educação escolar indígena voltadas para atender as demandas de escolarização específica de cada comunidade indígena, pois cada povo tem sua própria cultura, valores, crenças a partir de um paradigma da especificidade, das diferenças, da interculturalidade e da valorização da diversidade linguística. Além disso, é preciso promover intercâmbios entre professores indígenas e não indígenas e alunos para interação e troca de experiências que quebre preconceitos ainda existentes sobre os povos indígenas.

### **3.3 - *Ūdikikuĩki* e o ensino da língua indígena Puyanawa**

O idioma *Ūdikũĩki* sempre foi o instrumento mesmo diante dos inúmeros percalços vivenciados ao longo dos anos em que foi cruelmente massacrado por meio do processo de colonização vivenciado pelos ancestrais, usado pelo povo para verbalizar a essência, expressar a vontade, traduzir a gênese, transmitir a cultura e marcar a territorialidade.

*Ūdikuĩki*, foi o elo ancestral, que teceu a teia ancestral através das “Eras e dos Espaços”, dando a esse povo amazônida uma identidade única de Povo *Puyavakevu* ( Puyanawa). Com o transcorrer dos tempos a harmonia da floresta foi rompida, o *dawa* (não indígena) invadiu os domínios puyanawa e utilizou a política do extermínio. Com essa ocupação forçada, sofreu-se então o quase aniquilamento físico do seu contingente humano, a dilapidação dos seus costumes e cultura ancestral e a proibição de comunicar-se através do idioma *Ūdikikũĩki* em um passado não muito distante, que ainda se encontra nas nossas memórias através das historias contadas, em registros escritos e principalmente na memória dos anciãos e anciãs.

A língua indígena puyanawa é essencial para a existência e resistência puyanawa e expressa múltiplos significados, entre eles: história, mitos, palavras e principalmente uma língua autêntica e verdadeira. Faz parte da família linguística “Pano”, tronco linguístico desconhecido, que está distribuída no Brasil, Peru e Bolívia. Por motivos já mencionados anteriormente o povo Puyanawa é monolíngue e tem como língua materna atualmente o português, mas mantém sua língua nativa viva entre o povo com diálogos, frases, palavras cotidianas e, tem a escola como uma aliada na efetivação dessa política linguística e no fortalecimento cultural protagonizado pelo povo.

Registros históricos a cerca da língua puyanawa são escassos. Segundo Paula (1992) , o trabalho de maior abrangência foi o do médico integrante da comissão de limites do Brasil com o Peru, João Braulino de Carvalho:

O trabalho de maior abrangencia é o do médico da Comissao de Limites do Brasil com o Peru, Joao Braulino de Carvalho, que manteve contato com o grupo entre os anos 1920 e 1927, registrou importantes fatos culturais e uma lista de palavras na língua. ( PAULA, 1992, p. 16).

Com relação a lista de palavras registradas por João Braulino de Carvalho, o estudioso destaca ainda que:

É dividida em classes como: substantivo, adjetivo, advérbio, pronome e verbo; e em "nomes de animais, plantas e palavras mais usuais". O autor ainda teceu considerações sobre a pronúncia de determinados sons e aspectos gramaticais da língua. Este vocabulário totaliza 412 palavras. A grande maioria das palavras desta lista foi cotejada com o levantamento lexical feito para este trabalho e apresentou coincidência. ( PAULA, 1992, p.17).

Do que temos conhecimento, além desse registro, a língua puyanawa foi estudada pelo linguísta Aldir Santos de Paula, fato este que muito ajudou o povo nas questões linguísticas, pois a partir das pesquisas desenvolvidas na comunidade, aflorou e dasabrochou o despertar para valorizar, fortalecer e principalmente difundir e ensinar na comunidade. No período da realização de suas pesquisas, na comunidade haviam doze falantes ativos da língua, e dez falantes passivos. Paula (1992) menciona que:

A língua Poyanawa é chamada pelos falantes de "udikui", língua verdadeira. o número de falantes ativos era, a época do levantamento de campo (julho/90), de doze, numa população de 385 índios. Podemos estimar que o número de falantes passivos, isto é, pessoas que entendem mas não falam, corresponde a mais ou menos 10 pessoas. É interessante destacar que as crianças, que seriam os elementos perpetuadores da língua, são monolíngues em português, o que gera um processo de obsolescência linguística ou a possível extinção deste valioso patrimônio cultural. (PAULA, 1992, p. 21).

Destarte, atualmente do grupo desses doze falantes existentes na época, só está viva a matriarca Railda Manaita, hoje aos 92 dois anos de idade, que foi de fato a primeira pessoa que despertou para a manutenção da língua em um período anterior à pesquisa de Aldir Santos de Paula. Vale a pena salientar que mediante realização de entrevista com a professora aposentada Sofia Lopes, residente na aldeia Ipiranga, que relatou informações preciosas sobre como iniciou o processo de ensino da língua indígena no espaço escolar. Segundo ela, a língua indígena começou a ser trabalhada ainda de forma preliminar na extinta escola José Agostinho Rodrigues de Lima, pois na época, na escola 13 de Maio, inicialmente não se aceitou o desafio de integrar o ensino de língua indígena puyanawa, pois não era reconhecida oficialmente. Ela destaca ainda que já vinha realizando um trabalho preliminar de forma voluntária através da oralidade, onde contavam histórias, ensinavam a dançar, e falavam entre si e ensinavam as crianças, com a colaboração dos indígenas falantes da época, como por exemplo o indígena Alberto *Ixũbã̃y*, seu pai adotivo, *Prudente Moraes*, e outros.

Segundo os relatos obtidos a partir da entrevista, foi possível descobrir que esta foi também uma personagem fundamental. Ela relata que em suas viagens para Rio Branco para participar de movimentos e reuniões na Comissão Pró-Índio do Acre (CPI/AC), por volta do ano de 1986, ela reivindicou e apresentou Railda Manaitá para ser professora de língua indígena. Desta forma Railda Manaitá foi a primeira professora ligada a escola de forma institucionalizada, e que o ensino de língua foi

institucionalizado na escola José Agostinho Rodrigues de Lima e, posteriormente com a desativação da referida escola, as instituições escolares foram unificadas na escola 13 de Maio, e, a partir desse episódio a língua indígena puyanawa passou a ser trabalhada.

Atualmente a língua indígena puyanawa é difundida e transmitida na comunidade, nos eventos culturais, nos encontros semanais que visam os trabalhos culturais e espirituais na comunidade, nas famílias, escola, dentre outros lugares da comunidade. Diante do atual momento de fortalecimento e valorização cultural que o povo vivencia a escola puyanawa é vista e avaliada pela comunidade como um instrumento fundamental, tendo em vista que é lá onde a maioria das crianças, que são monolíngues em português tem acesso e contato com a língua indígena.

Durante muito tempo, a educação escolar na terra indígena puyanawa, foi tida como instrumento de dominação e homogeneização cultural, representando uma política educacional assimilacionista, integracionista do governo brasileiro. A língua originária puyanawa, como os demais aspectos culturais foram menosprezados, desprestigiados e discriminados em nome de uma forma eurocêntrica que ainda é predominante no século XXI. Há alguns anos o povo Puyanawa vive o tempo denominado como o tempo do “direito”, para o qual vêm a cada dia buscado afirmar-se como povo indígena consciente dos direitos e deveres, resgatando, revitalizando e rememorando seus aspectos culturais, visto que houve um “despertar” para valorização cultural e a escola com seu ensino “diferenciado”, específico, comunitário e bilíngue tem sido um elemento agregador frente a esse movimento, plantando uma *seyanawa* (semente) com professor específico, sendo esta uma das conquistas do povo.

Nesse sentido achamos conveniente destacar que os puyanawa têm uma política linguística definida como estratégia coletiva para o avivamento e manutenção da *Ūdikũiki* com os seguintes pressupostos de direcionar o trabalho docente desenvolvido na referida escola. Apresentamos então na íntegra a política linguística definida pelo povo, registrada no PPP da referida escola:

Entende-se que a Política Linguística na Escola Puyanawa, tem virtude de determinar em que ano/série vai começar a alfabetização na língua Puyanawa:

\* Nos anos iniciais do 1º e 2º ano, será somente na oralidade, e a escrita iniciará com a Língua Portuguesa;

- \* No 3º, 4º e 5º ano, iniciará a escrita da língua Puyanawa, pois entendemos que essa série, os alunos já estão alfabetizados e terão facilidades de conhecer a escrita da língua Puyanawa;
- \* Nos anos finais do ensino fundamental (6º ao 9º) e Ensino Médio aprofundamento nas classes gramaticais: substantivo, adjetivo, advérbio, pronome e verbo;
- \* Analisar e aprofundar os conhecimentos da gramática Puyanawa;
- \* Utilizar a escrita Puyanawa nos cartazes, documentos entre outros;
- \* Elaborar cartazes na *Ūdikikuĩki* para colocar nos prédios e moradias na comunidade;
- \* Realizar reunião com a comunidade com o objetivo de ampliar o uso da *Ūdikikuĩki* junto à comunidade;
- \* Elaborar projetos que possibilite conscientizar e sensibilizar a comunidade sobre as condições atuais da *Ūdikikuĩki*, mostrando a importância do seu fortalecimento;
- \* Elaborar projetos que possibilite conscientizar as crianças, jovens, adultos e todas as categorias presentes na aldeia para praticar a *Ūdikikuĩki*;
- \* Estimular o uso da *ŪdikiKũĩki* em reuniões comunitárias, nas 31 atividades do roçado, casas de farinha, nas danças tradicionais, entre outros;
- \* Realizar pesquisas visando os registros orais, visuais e escritos de narrativas e cantorias Puyanawa;
- \* Desenvolver parcerias com órgãos públicos e privados, com o objetivo de produzir materiais didáticos específicos Puyanawa (DVD, livros, jogos didáticos, entre outros);
- \* Promover pesquisas e ações em conjunto com outras categorias da aldeia, visando à sensibilização da comunidade sobre a importância da *Ūdikikuĩki*. (PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO DA ESCOLA IXUBAY RABUI PUYANAWA, 2020, p. 31).

Com a aprovação do PPP da escola IRP, a disciplina de língua Indígena Puyanawa passa a fazer parte da base comum, algo bastante significativo pois anterior a isto, a mesma fazia parte da base diversificada e sequer aparecia na certificação dos alunos. A disciplina é ministrada por um professor específico e trabalhada em todas as modalidades de ensino ofertada pela instituição. Tem uma carga horária de 80 horas aulas anuais, sendo trabalhado dois horários semanais, porém vale salientar que em todas as turmas e competências específicas de ensino os professores responsáveis dão ênfase ao trabalho desenvolvido pelo professor específico da disciplina de língua puyanawa, tendo em vista que estamos falando de uma escola indígena. A língua indígena puyanawa se faz presente no ambiente escolar de maneira geral, desde as placas com nomes em língua indígena fixadas no espaço físico da escola, possibilitando o contato visual para os alunos.

Na execução das aulas, os professores fazem a chamada na língua indígena e procuram se adaptar a chamar os alunos pelo nome indígena, tendo em vista que no corrente ano letivo os professores de língua indígena puyanawa nomearam todos os

alunos com um nome indígena com a aceitação dos mesmos, que é avaliado como um grande progresso, pois para que seja possível acontecer de fato a valorização cultural puynawa é preciso primordialmente que haja a aceitação de uma identidade indígena, mas não uma identidade de um indígena do passado mas sim de um indígena contemporâneo que está em um patamar de conhecimento elevado e que não se vitimize pelos fatos e atrocidades ocorridas no passado, mas que sabe o valor de ser um indígena puynawa e que almeje emponderar-se e viver de acordo com suas possibilidades, tendo respeito e valorizando os conhecimentos ancestrais de seu povo e que busque a cada dia conhecer, valorizar e praticar a cultura e que carregue consigo valores éticos e morais por onde quer que transite, seja na comunidade ou fora dela.

Sendo assim a escola está sendo uma porta aberta para essa aceitação e conscientização através do trabalho que vem sendo protagonizado. De fato os resultados a partir do trabalho realizado pela instituição é notório, há uma grande participação massiva das crianças, jovens e familiares de alunos nas atividades culturais do povo e percebe-se o engajamento e interesse por parte deles, seja em atividades em que a escola está a frente ou não.

Uma das grandes dificuldades referente ao desenvolvimento da disciplina de língua indígena diz respeito a escassez de materiais didáticos específicos para uso em cada modalidade. Os materiais específicos publicados sobre a língua puynawa que a escola dispõe são: a 1ª cartilha puynawa e a gramática produzida pelo linguista Aldir Santos de Paula através de sua dissertação de mestrado. Durante os anos em que a escola vem trabalhando, alguns materiais até foram produzidos, porém nenhum foi publicado, são materiais riquíssimos, produzidos por professores e alunos e que se pensa em publicar em parceria com a SEE, através do departamento de educação escolar indígena ou ainda com outras parcerias e órgãos não governamentais. Nas fotos 29 e 30 apresentamos fotos desses materiais:

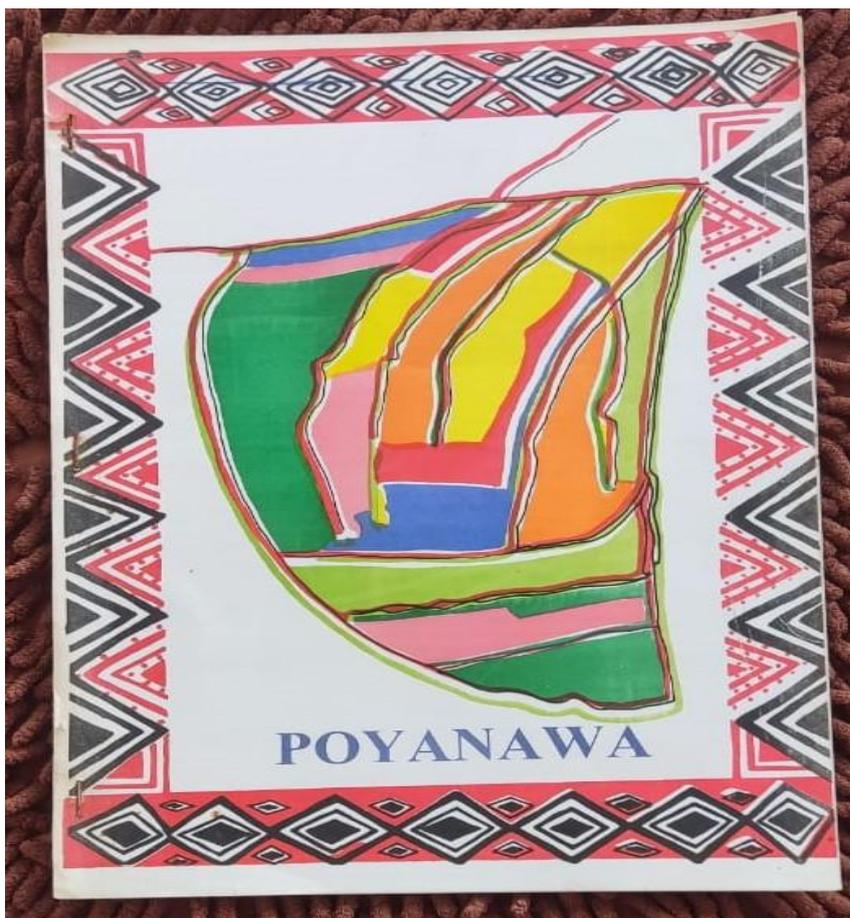


Foto 29: **Cartilha Puyanawa**  
Fonte: arquivo pessoal da pesquisadora, 2023.

A cartilha foi produzida a partir de pesquisas realizadas na comunidade por intermédio da CPI/AC com um grupo de pesquisadores na qual estava incluso o linguista Aldir Santos. Esta por sua vez foi o 1º material pedagógico voltado especificamente para a língua indígena puyanwa, elaborado em 1995 onde está incluso o alfabeto puyanawa. Este material foi chamado de cartilha pelos próprios Puyanawa, e é fruto também de muita dedicação de falantes da língua, alunos, professores e da professora responsável da escola José Agostinho Rodrigues de Lima. Vale destacar os principais envolvidos nesse trabalho: Railda Manaitá, Mário Puyanawa, Lourdes e Sofia, Alberto Itxübây, Evanizia, Suzana, Maria Hosana, Rosileide, Luzitana, Defíria, Davi, Clodomir, Daniela, Clemilda Manaitá e Geder, todos contribuíram para a realização desse material.

Posteriormente a realização da pesquisa que resultou no primeiro material sobre a língua indígena, Aldir retorna para a aldeia com o consentimento da comunidade para realizar uma pesquisa para sua dissertação de mestrado, o que resultou na produção de uma gramática e representou um retorno significativo para o

povo. Ela tem como título: *DUKŪ VĀDA KAYANŪ* que significa “Ensinando Puyanawa”.

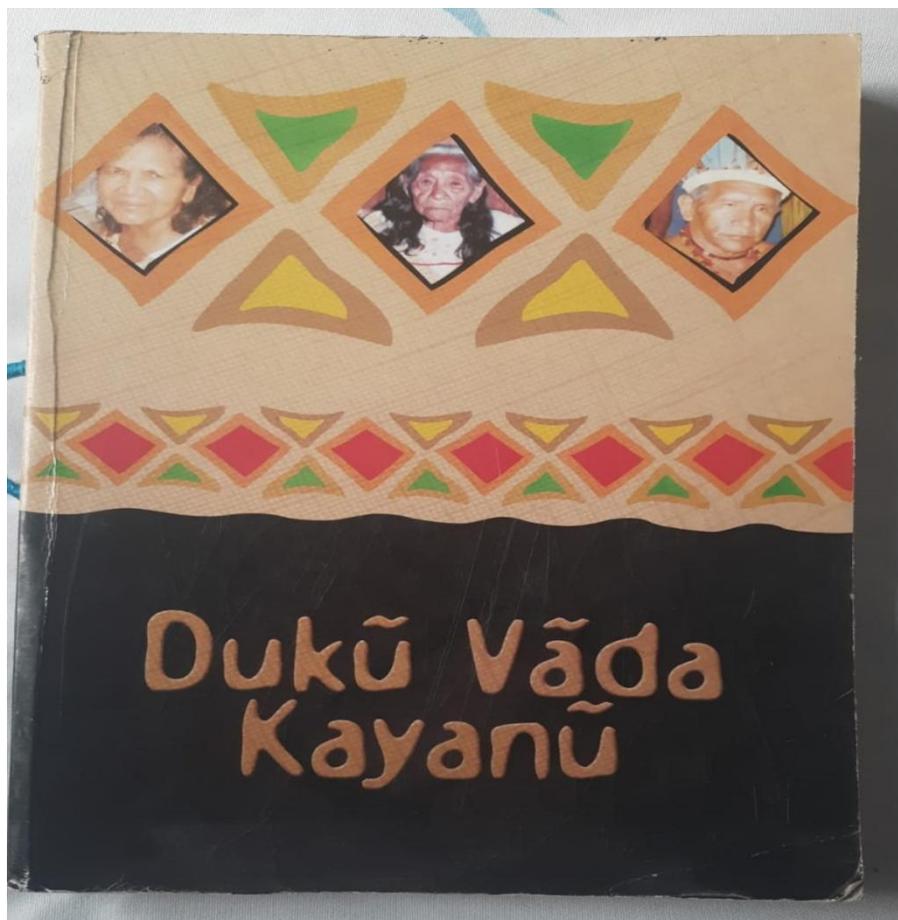


Foto 30: **Grámatica Puyanawa: *Duku Vãda Kayanũ***.  
Fonte: arcevo pessoal da pesquisadora, 2023.

Para conclusão dessa gramática, Aldir contou com a participação e colaboração de alguns alunos do ensino médio modular onde o mesmo atuava como professor de língua indígena, e nessa época o material usado nas aulas era a cartilha puyanawa, os alunos fizeram as ilustrações de diferentes desenhos ilustrativos como também *kêdes* (desenhos indígenas) do povo.

Frente a isto, os professores e comunidade escolar se deparam com certa precariedade de materiais específicos. Os professores de língua planejam e desenvolvem suas aulas mediante pesquisas realizadas na comunidade, nos materiais disponíveis, em gravações antigas dos ancestrais que falavam a língua. Um ponto bastante significativo está sendo as aulas de língua indígena desenvolvidas mensalmente para professores, alunos e comunidade em geral, pois assim os conhecimentos linguísticos adquiridos estão sendo compartilhados e difundidos na

comunidade. A língua indígena se faz presente não somente no horário específico em que é trabalhada, mas em todo o desenvolvimento das aulas pelos demais professores, e estes quando precisam pedem auxílio aos professores de língua. Pois disseminar e fortalecer os conhecimentos linguísticos do povo Puyanawa é dever de todos.

Atualmente temos três professores de língua indígena Puyanawa na escola IRP, que trabalham com turmas específicas, são eles: Maria Valéria (*Xinã Yuruya*), professora das três séries do ensino médio, Eduardo Lima (*Kunñaway*), professor das series finais do ensino Fundamental II (8º e 9º ano) e EJA 1º, 2º e 3º segmento) e Samuel Rondon (*Rake Kãy*) professor das series iniciais do ensino fundamental (1º ao 5º ano) e 6º e 7º ano do ensino fundamental. A seguir apresento um tópico que aborda a dinâmica de como ocorre de fato o ensino de língua indígena no EF I, no turno matutino.

### 3.4 - A dinâmica do ensino da língua indígena no Ensino Fundamental I

Atualmente a escola IRP tem três professores de língua indígena, sendo eles: Maria Valéria que leciona as aulas de língua indígena no Ensino Médio e que também atua no turno matutino nas turmas de 1º ao 5º ano com a disciplina de Práticas Ecológicas e Culturais do Povo Puyanawa; Eduardo Lima que leciona nas turmas de 8º e 9º ano do ensino fundamental II no turno vespertino e também no turno noturno nos três segmentos da EJA e temos o professor Samuel Rondon que atua exclusivamente no turno da manhã nas turmas de ensino fundamental I e complementa sua carga horária com duas turmas do ensino fundamental II (6º e 7º ano) no turno a tarde.

No turno matutino funciona o EF I, com as turmas de 1º ao 5º ano, onde atuam como professores regentes oito professores, conforme especificado no quadro abaixo:

Escola Ixubay Rabui Puyanawa – IRP				
Quadro demonstrativo – Professores do Ensino fundamental I – Ano letivo 2022				
Nº	Professor (a):	Nome Indígena	Série/ Ano	Alunos
01	Maria José Martins	Wehva	1º ano	12
02	Maria Auxiliadora	Awi Udía	2º ano	19
03	Kely Costa	Paxidu	3º ano	14
04	Naiara Araújo	Awi Rutxaya	4º ano	20
05	Odenir Santos	Vuxi	5º ano	17
06	Samuel Rondon	Rake Kãy	Todas as turmas	Língua Indígena

07	Maria Valéria	Xinã	Todas as turmas	Práticas Ecológicas do povo Puyanawa
08	Marcilene Porracai	Udia	AEE	Contraturno

Quadro 5: **Demonstrativo de professores atuantes no turno matutino.**

Fonte: Dados levantados pela pesquisadora.

Os dados mostram que o ensino fundamental I funciona no turno matutino, com uma clientela de 82 alunos distribuídos nas cinco turmas (1º ao 5º ano). Cada professor regente em suas devidas turmas desenvolve suas atividades escolares diárias mediante planejamento de rotina diária, a partir da proposta pedagógica de sua respectiva turma e conforme as orientações descritas no PPP da referida escola.

O ensino de língua indígena se faz presente durante as aulas integralmente, pois o mesmo não é responsabilidade somente do professor específico da disciplina. Isto é, os professores regentes de cada turma incluem o máximo que podem nas aulas a língua puyanawa, mesmo que de forma hibridizada com a língua portuguesa, fazendo por exemplo a chamada em língua puyanawa, ressaltado na agenda do dia, os dias da semana e meses do ano na língua puyanawa, saudando os alunos com o *txawiki* ao chegar na sala. Todos colocam em movimento nossa língua de origem, estimulando nossos pequenos falar nosso idioma, conhecer essa língua rica e bela que mostra nossa identidade indígena, que nos conecta com nossos ancestrais. Como ressalta a professora do 2º ano, Maria Auxiliadora, em depoimento:

Nós professores das séries iniciais estamos sempre em diálogo, procuramos desenvolver nosso trabalho da melhor maneira possível, além de alfabetizarmos nossos alunos, e trabalharmos os conteúdos da matriz curricular que estão de acordo com o referencial único do estado Acre e com a BNCC, só que voltado para nossa realidade, levando em conta os conhecimentos empíricos dos nossos alunos, e trabalhamos sempre com os conhecimentos do povo, trabalhando a língua indígena em diferentes momentos. Por exemplo estamos trabalhando o último bimestre para encerrar o ano letivo, e estamos trabalhando com um projeto interdisciplinar sobre a cultura Puyanawa, onde partindo desse tema gerador estamos trabalhando os conteúdos de todas as disciplinas dando sempre enfoque para a língua indígena. (Maria Auxiliadora (Awi Udia) professora regente do 2º ano do ensino fundamental, depoimento oral coletado durante entrevista em dezembro de 2022).

No que se refere a disciplina de língua indígena puyanawa de 1º ao 5º ano, a mesma possui uma carga horária de 80 horas aulas anuais, sendo trabalhados dois horários semanais em cada turma pelo professor específico da disciplina, que também é um professor regente da sala no seu horário específico. Ao levarmos em conta

somente duas horas aulas de ensino da língua puyanawa, é importante mencionar que as demais horas em sala de aula, o professor de cada turma desenvolve suas atividades de forma hibridizada associando e abordando a língua puyanawa em momentos oportunos no desenvolvimento das áreas de conhecimento, tanto em Língua Portuguesa, quanto nas demais áreas

Em minhas observações, percebo que o ensino não ocorre exclusivamente no formato oral como está explicito no PPP da referida, as orientações para o 1º e 2º ano é que as aulas ocontecam exclusivamente por meio da oralidade. Visto que o professor por vezes escreve bastante no quadro para que os alunos copiem no caderno ou usa atividades xerocopiadas. Tais práticas ocorrem assim porque a escola oferece poucos materiais didáticos para auxiliar o professor, em suas aulas orais, visto que esses materiais precisam ser confeccionados na própria escola, sendo custeados pela mesma ou pelo professor. E ainda porque o professor em questão apesar da vasta experiência como docente, não ter formação acadêmica que possibilitaria mais metodologias de trabalho no fazer pedagógico diário. Outra ferramenta importante nas aulas seria o uso das tecnologias como computadores, data show para trabalhar jogos interativos na língua indígena, visto que os alunos já possuem contato com essa era digital na aldeia.

Já no 3º, 4º e 5º anos, o ensino por sua vez ocorre por meio de oralidade e escrita. Cada série/ano tem uma matriz curricular específica, que detalha os conteúdos que devem ser trabalhados em cada bimestre. Tais atividades são produzidas pelo professor, criadas a partir de seu conhecimento da língua puyanawa, onde são trabalhadas através de atividades escritas e xerocopiadas, por meio de figuras, pequenos textos, músicas, cruzadinhas, caça palavra, lista de palavras, ditados, produção de frases dentre outras. Visando chamar atenção dos mesmos, de modo que tais atividades despertem interesse nos alunos para que estes sintam-se motivados para aprender sua língua de origem. Todavia, muitos ainda carregam em si o discurso do colonizador que por muito tempo desprestigiou a língua puyanawa. A escola é sempre a peça chave na desconstrução desse discurso colonialista, desconstruindo os seus objetivos iniciais quando foi implementada na nossa terra indígena.

O professor específico da disciplina de Língua Indígena, Samuel Rondon, que prefere ser chamado por *Rake Kãy*, planeja suas aulas partindo sempre das orientações recebidas da coordenadora pedagógica *Kãde Tãdah* (Vildna Dias), a partir

dos conteúdos definidos na matriz curricular. A escola busca sempre que possível fazer planejamentos interdisciplinares para as aulas de língua, envolvendo as várias áreas do currículo escolar, buscando assim a construção de novas possibilidades através da comunicação e da troca de experiências entre os docentes.

Dessa forma, os professores podem conciliar suas aulas, um auxiliando aos outros e vice-versa, construindo juntos novos conhecimentos, trocando experiências metodológicas bem como fazendo trabalhos em língua puyanawa e portuguesa. Muitos trabalhos já foram desenvolvidos nessa parceria, traduzindo o máximo que podem de palavras, frases, expressões do dia a dia, pequenos diálogos, músicas, os cartazes que são explorados diariamente. Além disso, os professores são orientados pela gestão para permanecerem nas aulas de língua puyanawa, para dar suporte ao professor, como também para aprender sempre mais a sua língua de origem; porém é importante salientar que a responsabilidade e a prática docente nos momentos específicos da disciplina de língua indígena Puyanawa é de responsabilidade do professor regente da disciplina.

A cada início de ano letivo é discutido e reformulado o calendário escolar diferenciado, sendo então definidas e fixadas as datas comemorativas específicas da comunidade que são realizadas e contabilizadas como dia letivo. Nessas datas são realizadas diferentes atividades culturais a depender da data que irá ser comemorada. Por exemplo festa do dia do índio, Comemoração da demarcação da terra, Festival Atsa, Tributo aos caciques Puyanawa, dentre outras. Essas atividades culturais da comunidade são sempre alavancadas pela escola, que tem papel fundamental na organização das atividades desenvolvidas como na participação efetiva de professores e alunos. Para tanto, são planejadas aulas sobre as temáticas de modo que os alunos possam ter conhecimentos antes, durante e depois de cada atividade cultural. Um leque de conhecimentos que podem ser vistos na prática de sala de aula e também em atividades práticas em diferentes espaços da aldeia. As crianças podem ter contatos com os aspectos linguísticos e culturais do povo de forma dinâmica, sem as caixinhas da escola, fora do âmbito escolar, tornando o conhecimento algo prazeroso, flexível e real.

O professor Rake Kãy ressalta em depoimento oral, através de entrevista realizada na referida escola, em dezembro de 2002, que:

No ano de 2022 nós tivemos uma grande conquista, eu, juntamente com os demais professores de língua. Nos colocamos nome indígena

nos alunos que ainda não tinham e eles gostaram muito, só querem ser chamados pelo nome indígena e para mim isso é muito gratificante, me sinto realizado.

Conforme a fala do professor Rake Kãy, e conforme a observação realizada durante reuniões na referida escola, nas falas dos demais professores, lideranças percebe-se que nos últimos anos os alunos bem como a comunidade, em sua maioria tem tomado consciência de que é preciso valorizar a cultura e buscar fortalece-la cada vez mais e a língua indígena precisa ser difundida na comunidade e colocada em prática, pois segundo o professor de língua, um dos grandes desafios ainda é fazer com que os conhecimentos ensinados e adquiridos na escola, sejam colocados em prática no cotidiano dos alunos juntamente com suas famílias.

Ainda de acordo com os dados levantados com o professor de língua e demais professores regentes das turmas do ensino fundamental I, já são muitos os avanços alcançados, pois o trabalho desenvolvido nos anos iniciais são fundamentais para aflorar nas crianças que futuramente serão adolescentes e logo mais adultos, a consciência de que são indígenas, tem uma identidade e valores culturais e sociais que precisam ser difundidos, fortalecidos e valorizados.

Algo bem difundido dentro da comunidade é o festival da atsa que vem sendo desenvolvidos todos os anos e já estar na sua quarta edição, onde a escola é uma parceira fundamental para sua realização. As crianças participam ativamente da festa, usam seus trajes tradicionais, se pintam, usam os mais diferentes adornos e participam das cantorias e brincadeiras. Segundo a coordenadora pedagógica Vildna Dias a cada ano a participação dos alunos vem aumentando significativamente e os alunos cativam e trazem as famílias para participarem e prestigiarem o evento que tem grande participação da escola, desde a organização as atividades apresentadas.

É notório que nos últimos anos o festival Atsa tem fomentado as questões culturais do povo Puyanawa, as pessoas parecem estar mais receptivas a sua própria cultura, muitos produzindo seus próprios trajes tradicionais e seus acessórios culturais. Há um verdadeiro desfile de lindas artes entre crianças, jovens e adultos no decorrer da festividade. A escola orienta que cada aluno tenha seu uniforme tradicional com saia feita de tucum, tiaras, coroas e demais adornos para as festividades culturais do povo. Entendendo ser importante mesmo que em momentos oportunos usá-los como forma de perpetuar nossa cultura milenar herdada pelos nossos ancestrais. Claro que além da língua, os costumes, os trajes, as pinturas

corporais passaram ao longo desses anos por processo de mudanças, a depender do momento ao qual o povo foi exposto, dessa forma, a identidade que vem sendo modificada.

A foto abaixo mostra um mosaico da participação ativa da escola Ixubã Rabui Puyanawa, através de seus alunos e corpo docente no IV Festival Atsa Puyanawa, realizado em julho do ano de 2022 (foto 31).



Foto 31: Festival Atsa Puyanawa. Apresentação de atividades pelos alunos da escola IRP.  
Fonte: acervo pessoal da pesquisadora, 2022.

Estas atividades desenvolvidas fora do ambiente escolar institucionalizada são fundamentais para o desenvolvimento dos alunos, pois tem contato e realizam na prática o que é trabalhado na escola. Nessas e em outras atividades culturais na

comunidade percebemos de fato que a escola é um veículo que está a contribuir com o fortalecimento cultural do povo Puyanawa e mais ainda que a disciplina de língua indígena Puyanawa é elemento fundamental e agregador frente as identidades puyanawa. Podemos refletir que mesmo a passos lentos a escola tem contribuído muito com esse processo de valorização que o povo vivencia nos últimos anos.

É interessante ressaltar, que o professor *Rake Kãy* tem sido referência nesse processo de aprendizado da nossa língua, um sábio do povo que tem uma sabedoria imensurável, conhecimentos que vem sendo plantados através do seu trabalho como docente e membro desse povo, além de ser um professor muito querido pelos alunos. Este é um excelente contador de histórias, uma pessoa dedicada ao seu fazer pedagógico, que fala com orgulho que herdou de seu pai juntamente com o cargo de professor um caderno antigo com extensas anotações sobre a língua, caderno este que lhe auxilia em suas aulas. É bastante prestativo, e não se intimida diante das dificuldades, sempre busca apoio e ajuda quando necessário. Ele ressaltava ainda que mesmo diante de todos os avanços, ainda há muito a se fazer, é preciso que todos caminhem com os mesmos ideais, e que cada professor tenha dimensão que o trabalho de desenvolver a língua não é apenas, dele enquanto professor específico da disciplina, mas que este é um dever e direito de todos os professores Puyanawa.

### **3.5 Aulas de língua indígena para professores, alunos e comunidade em geral**

Em uma conversa informal da atual gestora da escola IRP com a professora Ester Maia (*Divakea*<sup>17</sup>), uma professora voluntária que auxilia no planejamento e nas causas indígenas do município de Mâncio Lima, veio à tona discursos anteriores levantados por lideranças do povo, sobre a necessidade de ampliar o ensino de língua indígena puyanawa, tanto na escola quanto na comunidade de maneira mais ampla, e foi daí que surgiu a ideia de fazer um grupo de estudo, com a intenção de fomentar a pesquisa e estimular ainda mais o uso da língua Puyanawa e ainda, com o objetivo de analisar e estudar a *DukũVãdaKayanũ* gramática produzida pelo linguista Aldir Santos de Paula em sua pesquisa de mestrado publicado em parceria com a SEE, uma conquista considerada pelo povo Puyanawa. A ideia foi bem aceita pela equipe gestora, professores da escola Ixübãy Rabuĩ Puyanawa, a liderança majoritária do povo Puyanawa e demais lideranças.

---

11 Esta por sua vez recebeu esse nome em língua Puyanawa em homenagem e reconhecimento pelo trabalho prestado à comunidade escolar puyanawa.

O grupo de estudo, vem trabalhando e desenvolvendo atividades desde 20 de outubro de 2018, data da primeira aula realizada no auditório da escola IRP, no turno noturno.

Contando com a participação de aproximadamente 50 pessoas, almeja-se que a cada aula esse número de pessoas possa ser ampliado conforme as atividades sejam difundidas na comunidade. As aulas são realizadas com atividades regulares a cada 30 dias, envolvendo professores, lideranças (cacique, agente de saúde, agro florestais, AISAN, membros da AAPBI etc) e alunos da comunidade. Através de atividades motivadoras e desafiadoras, por meio de pesquisas com os anciãos da aldeia, documentários, antigos documentos e etc. Transformando as pesquisas em diálogos em língua puyanawa, aula expositiva, dinâmicas e socialização das pesquisas. Essa atividade de extensão promovida pela escola Ixübã y e parceiros, tem como objetivo, produzir um dicionário Puyanawa, convencionar palavras, criar palavras e colocar a língua em movimento e função social, tornando esta cada vez mais presente nos diversos contextos da aldeia. Além disso, esse grupo de estudo vem auxiliando os professores de Língua puyanawa e demais professores, em suas práticas pedagógicas. Dessa forma, a língua puyanawa, vem sendo foco de amplos debates e pesquisas, no âmbito escolar e fora dele.

Há necessidade de fortalecer a *Üdikikũiki*, possibilitando o processo de fortalecimento identitário, onde todo membro da comunidade puyanawa tenha a oportunidade de mergulhar na cultura tradicional e possa manter a comunicação cotidiana através da língua dos ancestrais. Para que esse processo ocorra é necessário unir esforços, do contingente populacional da Terra Indígena Puyanawa e nesse sentido a Escola Ixübã y Rabuñ Puyanawa é o veículo motor adequado para oferecer o estudo da *Üdikikũiki* a todos que se encontram fora do ambiente escolar formal, não importando a idade, o sexo ou a ocupação.

Assim diante do exposto, o povo Puyanawa ciente das suas especificidades próprias e de posse do exercício dos seus direitos como um povo indígena, assim explicitado na Constituição Federal de 1988 e ressaltado na LDB, conta com a compreensão dos órgãos educacionais competentes para aprovar esse grupo de estudo como um dos componentes do currículo diversificado da escola IRP. Dessa forma, a escola busca pelos meios legais conseguir um professor específico para alavancar o grupo de estudo, necessitando de horas aulas para o professor orientador do grupo de estudo para pesquisar e organizar as atividades propostas no grupo. Além

de tornar essas aulas uma espécie de oficina que certifique os participantes como forma de valorização da língua puyanawa pelo próprio povo. Com o período pandêmico o grupo parou suas atividades e agora em 2022 retomou as atividades com um bom número de participantes e muitas palavras novas a serem convencionadas para o uso no ambiente escolar e na comunidade.

### **3.6 – Os desafios e a atuação docente do professor indígena Puyanawa, diante do contexto da pandemia da Covid-19<sup>18</sup>**

O professorado Puyanawa da escola estudada foi surpreendido quando, no ano de 2020, deparou-se com um novo método de ensino a seguir, decorrente do grave problema de saúde pública que assolou e continua assolando o mundo inteiro, a pandemia da COVID-19. Podemos dizer que no âmbito educacional a pandemia trouxe perdas irreparáveis, porém todos os que lidam com o sistema de ensino, incluindo o professorado das mais diversas esferas, como os Puyanawa, tiveram que se reinventar e encontrar alternativas viáveis para continuar desenvolvendo seu trabalho, estimulando os alunos por meio de aulas gravadas, atividades impressas, sem contar nos desafios que foram encontrados frente às mais diversas situações, entre elas, o sistema de tecnologia não muito acessível, principalmente nos locais mais distantes, como é o caso das comunidades indígenas.

Neste sentido, a atuação docente puyanawa neste período se deparou com desafios, dificuldades e possibilidades para que se efetivasse, dentro das possibilidades da realidade escolar e comunitária. Avalia-se que até o presente momento os resultados são positivos, tendo em vista que a maneira como este professorado desenvolveu o fazer docente nesse período foi a única alternativa viável para o momento vivenciado e para que se desse continuidade ao ensino, já que a

---

<sup>18</sup> **Covid-19:** É uma infecção respiratória aguda causada pelo coronavírus SARS-CoV-2, potencialmente grave, de elevada transmissibilidade e de distribuição global. O SARS-CoV-2 é um betacoronavírus descoberto em amostras de lavado broncoalveolar obtidas de pacientes com pneumonia de causa desconhecida na cidade de Wuhan, província de Hubei, China, em dezembro de 2019. Pertence ao subgênero Sarbecovírus da família Coronaviridae e é o sétimo coronavírus conhecido a infectar seres humanos. Os coronavírus são uma grande família de vírus comuns em muitas espécies diferentes de animais, incluindo o homem, camelos, gado, gatos e morcegos. Raramente os coronavírus de animais podem infectar pessoas e depois se espalhar entre seres humanos como já ocorreu com o MERS-CoV e o SARS-CoV-2. Até o momento, não foi definido o reservatório silvestre do SARS-CoV-2. Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/coronavirus/o-que-e-o-coronavirus>. Acesso em: 02 de fevereiro de 2023 às 23h e 45m.

comunidade escolar tem a concepção de que a figura do professor é indispensável na consolidação do saber e no ensino e aprendizagem de seus educandos.

A escola indígena puyanawa e seu conjunto de docentes atuantes tiveram de adaptar-se com o ensino remoto, por meio de atividades impressas, que no momento vigente foi a única alternativa viável, pois a comunidade em geral e a comunidade escolar não dispunham de ferramentas tecnológicas e digitais necessárias e suficientes para a realização de aulas on-line. Segundo Teruya (2006, p. 16), “[...] o mundo está cada vez mais voltado para o domínio técnico da informação e do conhecimento”. Diante do período pandêmico, teve-se de se vencer inúmeros desafios e os professores Puyanawa mantiveram entre si uma rede de colaboração, ajudando no desempenho da sua função, que vai além de transmitir e ensinar conhecimentos, participando ativamente da formação dos educandos em questão e ainda capacitando estes educandos para os desafios da vida, seja na comunidade indígena ou fora dela, e ainda na consolidação de valores voltados para os três fundamentos base da educação Puyanawa: éticos, pedagógicos e epistemológicos, conforme descritos e especificados no Projeto Político Pedagógico da referida escola.

Nas palavras de Rios (2008), “[...] uma das coisas que realizo com maior alegria é ensinar, fazer aulas. Gosto das aulas tanto quanto gosto daquilo que ensino”. Este fragmento da autora transmite o que o corpo docente puyanawa reflete em sua prática pedagógica. A prova disso é a atuação do mesmo para levar avante a continuidade das aulas. Antes mesmo da secretaria de educação se manifestar para o retorno das aulas de forma remota, a escola e seu corpo docente iniciou um projeto educativo próprio, intitulado projeto estude em casa, mediante planejamento escolar respeitando as medidas de prevenção ao coronavírus, com a elaboração de um caderno de atividades para serem trabalhadas remotamente, onde incluiu-se todas as modalidades de ensino atendidas pela referida escola, de forma adaptada, e oportuna para o momento. Para a idealização desse projeto, todos unificaram-se e trabalharam em parceria, tanto professores regentes e professor específico da língua indígena.

A autora Bochniak (1998), em uma abordagem ao conhecimento interdisciplinar, advoga a necessidade de superação de cinco dicotomias inerentes e existentes no contexto escolar, são cinco convergências que precisam ser superadas para a consolidação do saber, e diante da atual conjuntura e de sua permanência que já perduram quase dois anos, essas dicotomias ficam ainda mais visíveis, que são

elas: o saber, a alegria, a participação, a interdisciplinaridade e a produção do conhecimento. E, sem sombra de dúvidas, a educação, de maneira geral, está bastante fragmentada, mas mesmo diante das tantas adversidades existentes, o professorado puyanawa tem levado seu projeto educacional adiante.

O que inicialmente fora apenas uma iniciativa para dar continuidade ao projeto educacional puyanawa, deu certo e trouxe resultados satisfatórios, o projeto foi aprovado pela Secretaria de Estado e Educação(SEE) e foi uma realidade implementada também em outras escolas indígenas no município. O professor puyanawa teve que se desconstruir e reconstruir-se, reinventar-se, aprender a desaprender e aprender novamente como alternativa para superar-se diante das adversidades e foi possível comprovar que o tempo é relativo e, como afirma a autora Rios (2008), que competências na docência são capacidades que se apoiam em conhecimentos. Os professores puyanawa mostraram o quanto são competentes não apenas pelo conhecimento acadêmico que a maioria detém, mas sim pelo conhecimento que adquiriram ao longo de anos de trabalho docente na comunidade, a partir das experiências vivenciadas puderam extrair dos desafios que lhes foram impostos, pelo mal que assola o mundo, uma possibilidade de atuação por meio de atividades remotas, acompanhamento aos alunos em seu ambiente domiciliar, uso de ferramentas digitais acessíveis no momento, dentre outros recursos, para dar continuidade na transmissão de conhecimento.

Diante do exposto considera-se importante a compreensão dos escritos da trajetória vivenciada na educação escolar indígena em tempos de pandemia. Não somente neste ambiente, mas em todos, pois se torna imprescindível evidenciar os desafios registrados frente ao modelo de ensino adotado no âmbito educacional puyanawa e as estratégias que os profissionais docentes tiveram que enfrentar para atender a todos os discentes de suas referidas comunidades, umas com mais facilidades de recursos que outras.

Acredita-se que é preciso reinventar-se no fazer docente, não apenas em tempos de pandemia, mas diariamente, afinal, nossa metodologia de ensino reinventada será para formar cidadãos que futuramente irão formar outros e assim por diante. O bom professor é aquele que vive profundamente uma experiência cultural e se apropria dela agarrando-se aos meios necessários para transferir sua sabedoria aos demais. Nesse caso, não importa o ambiente (o lugar onde as coisas acontecem) ou a natureza das relações que ali se constroem, mas apenas os elementos que,

juntos, contribuem para melhorar a metodologia de ensino e são dimensões integrantes nesse processo. Todavia, não podem ser decisivas nem limitadas.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao concluir este estudo, acho conveniente mencionar que o ato de pesquisar e analisar algo que foi observado, nos dá a possibilidade de adquirir uma compreensão ampla e particular, mediante os fatos ou ações inerentes, podendo se chegar a considerações finais por meio dos dados obtidos no contexto em que se desenhou a pesquisa. Porém, não podemos deixar de elucidar que os caminhos investigativos são inacabáveis, de fato, um círculo que não se fecha nunca e discussões que não se esgotam. Por este motivo, acho importante o saber olhar, produzindo reflexões sobre o que estamos olhando e não se abster da imparcialidade, principalmente quando o pesquisador também faz parte do universo a ser pesquisado. Desta forma a imparcialidade nos permite que não enxerguemos uma coisa exata ou da maneira que vemos ou compreendemos o mundo, mas teremos a oportunidade de refletir sobre elas.

Neste sentido, por meio desse estudo foi possível chegar a alguns possíveis resultados, que de fato podem ser alterados, a medida que outros pesquisadores adentrem novos caminhos investigativos e realizem novas pesquisas sobre a temática, por meio de um novo olhar e novos desdobramentos sobre o objeto da pesquisa que aqui foi investigado.

Diante do exposto, na locomoção do itinerário da referida pesquisa, que tem como temática “O ensino da língua indígena na escola *Ixūbāy Rabuĩ* Puyanawa no ensino fundamental I: A ferramenta agregadora para a valorização cultural”, nos permitiu reflexões sobre o momento no qual o povo Puyanawa vivencia e protagoniza, que tem por objetivo fortalecer e valorizar os aspectos culturais inerentes ao povo, bem como a possibilidade de novas reconstruções identitárias, tendo em vista que identidade não é algo estático, mas algo que está em constante transformação. Sendo assim a comunidade indígena puyanawa vê e aposta na escola presente na aldeia como um elemento fundamental que vem agregando e contribuindo para se alcançar o almejado.

Assim, levando em consideração as percepções, respostas e reflexões que se fizeram presentes e acaloraram e de fato dinamizaram o amplo debate sobre o tema em culminância, enfatizo que quanto a pesquisa e a percepção obtida enquanto pesquisadora, destaco que de fato, a escola *Ixūbāy Rabuĩ* Puyanawa tem grande destaque na conjuntura contemporânea da comunidade indígena Puyanawa e estar a

contribuir ao longo dos anos em que se tem adotado o ensino diferenciado que tem como meta em seu plano de ensino ajudar o povo Puyanawa nas questões identitárias e culturais. As ações desenvolvidas pela instituição e que conta com o ensino de língua indígena como uma ferramenta agregadora em face a fortalecer e valorizar a cultura Puyanawa, vem disseminando e aflorando nas crianças desde de cedo a identidade Puyanawa, bem como trabalhando aspectos inerentes a cultura, tanto material quanto imaterial.

De fato, com relação as manifestações culturais materiais e imateriais é notório os grandes avanços, onde as crianças esalam em seu cotidiano escolar e em momentos específicos sua identidade, estão mergulhando no conhecimento e tendo contato com as historias ancestrais e conhecendo fatos anteriores a sua existência e desta forma empoderando-as e assim os puyanawa mirins de hoje, serão os futuros lideranças do povo futuramente e no momento estão levando esses saberes para os seus seios familiares e ao mesmo tempo em que difundem e compartilham os conhecimentos adquiridos a partir do convívio escolar, podem e estão de fato a levar seus familiares a uma maior intimidade com as praticas culturais do povo.

Na comunidade de maneira geral, cotidianamente nos deparamos com muitos artesãos e artesãs, que expressam a arte e sabedoria atraves das peças de artesanatos que produzem, estes em sua grande maioria são frutos do trabalho desenvolvido pela escola, uma teia de saberes que estão em movimento constante. No que diz respeito as festividades culturais, cujo trago destaque para o Festival da Atsa Puyanawa, que teve inicio no ano de 2017 e acontece anualmente, no mês de julho com duração de 5 dias, exceto no período pandêmico. É realizado no centro cultural na aldeia Ipiranga e tem como um de seus parceiros para sua realização a escola *Ixūbã'y Rabuĩ* Puyanawa.

Nesse sentido o festival possui grande significado para o povo, pois além de ser uma forma de difundir e valorizar a cultura tanto interna quanto externamente, é também uma ferramenta que muito vem agregando ao fortalecimento e valorização cultural do povo Puyanawa. Representa ainda, os sentimentos de liberdade, autonomia e fortalecimento da cultura, como também a sistematização dos conhecimentos culturais desenvolvidos, tais como: nas artes, nas pinturas, nos adereços, nas vestes, nas comidas típicas, nas músicas, nos ritmos, nas bebidas tradicionais e nos rituais sagrados, além de ser uma importante fonte de renda na comunidade, que possibilita o desenvolvendo a economia local do município e demais

localidades, tendo em vista que o festival atrai muitos visitantes, tanto brasileiros quanto estrangeiros.

No que diz respeito ao ensino de língua indígena, que é um componente curricular presente na área das linguagens, em todas as etapas de ensino ofertadas pela instituição, que vai desde o ensino fundamental, ensino médio e educação de jovens e adultos, pode-se dizer que esta sendo uma ferramenta extra e agregadora para a valorização cultural do povo Puyanawa e que aos longos dos anos vem sendo desenvolvida com professores específicos que atuam exclusivamente na disciplina mencionada. Falndo especificamente com relação ao desenvolvimento da disciplina de lingua indigena Puyanawa, no ensino o fundamental I, de acordo com os caminhos investigativos e possível destacar avanços e dificuldades encontradas ao longo de sua execução.

Inicialmente, pontuo que está sendo uma caminhada a passos lentos, porém com resultados visíveis tanto no espaço escolar quanto na comunidade. Os conhecimentos linguísticos estão sendo difundidos e ensinados na escola durante toda a execução das aulas diariamente tanto pelo professor responsável da turma, quanto pelo professor específico da disciplina. No ambiente escolar nos deparamos com placas fixadas nas dependências do espaço físico, que são uma metodologia para ajudar e incrementar o trabalho que a instituição desenvolve. Diariamente os professores iniciam suas aulas com uma musica indígena, onde os próprios alunos fazem questão de começarem a música e a dança. A realização da chamada acontece em língua indígena, e dentre outras ações que ocorrem em parceria e coletividade, sendo visíveis os avanços obtidos.

Para mim enquanto indígena puyanawa e professora em minha comunidade, vivenciar esses fatos me fazem refletir e avaliar que o trabalho que estar sendo desenvolvido estar a fincar raízes em nossos educandos e com certeza darão muitos frutos futuramente. Ma infelizmente, nem tudo são flores, na caminhada existem também as dificuldades na execução das aulas, a primeira e maior de todas é a falta de material didático específico voltado para o público alvo em questão, pois a gramática puyanawa não é suficiente, não sendo apropriado para o uso em sala de aula nas turmas do ensino fundamental I. Entendo que uma formação acadêmica específica para voltada para a educação escolar indígena poderia ampliar as práticas pedagógicas em sala de aula.

Há ainda, a situação em que o professor da disciplina de língua indígena das series iniciais ter um vasto conhecimento sobre a língua indígena, tem cadernos herdados de seu pai, faz pesquisas em registros antigos e com anciãos da aldeia, mas, no entanto o mesmo não possui uma formação acadêmica, possui apenas o magistério indígena, acredito que uma formação acadêmica poderia permitir novas metodologias e métodos de ensino para serem aplicados em sala de aula. Outro gargalo, que se arrasta ao longo dos anos é o distanciamento do departamento de educação escolar indígena, a falta de comunicação que existe é gritante, as formações continuadas que deveriam acontecer regularmente não acontecem de fato como deveriam acontecer. Outro fator que foi detectado, foi a insuficiência de materiais fornecidos pela escola, por falta de recursos e desta forma os professores por boa vontade compram materiais com parte de seu salario para que seja possível a confecção de materiais pedagógicos para uso e exposição em sala de aula, como: cartazes, jogos didáticos e dentre outros.

Sabemos que, para termos bons resultados na prática pedagógica aplicada em sala de aula, é preciso mais que uma boa didática. É preciso ter suporte e materiais necessários para a aplicação de uma boa didática. A tecnologia já é de fato uma realidade na aldeia, as crianças desta geração já nascem nativos digitais, uma boa estratégia em sala de aula seria o uso de recursos tecnológicos como por exemplo, data show, para que fosse possível elaborar uma aula mais dinâmica e atrativa, mas infelizmente a realidade das escolas indígenas em sua maioria, não dispõe desses recursos.

Diante de todo o exposto, fica claro que o professorado puyanawa vem se esforçando para desenvolver uma educação escolar indígena com qualidade na comunidade, mesmo diante dos inúmeros percalços enfrentados diariamente. Avalio que os resultados são plausíveis e que de fato grande parte dos resultados alcançados no que tange ao fortalecimento e valorização cultural, bem como as reconstruções identitárias tem se dado também devido ao protagonismo que a escola tem possibilitado aos seus educandos. Assim, é possível constatar que a escola se configura como um elemento estratégico para a integração dos projetos societários da comunidade, tendo em vista que uma parceira fundamental dentro do território indígena.

## REFERÊNCIAS:

BARDIN, Laurence. Análise de conteúdo. Lisboa: Edições 70, 2004.

BAUMAN, Zygmunt. Identidade: entrevista a Benedito Vecchi / Zygmunt Bauman; tradução, Carlos Alberto Medeiros. – Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.

BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. “O ensino de história para populações indígenas”. *Em Aberto*, Brasília, ano 14, n.63, jul./set. 1994, P.105-116.

BOCHNIAK, R. Questionar o conhecimento: interdisciplinaridade na escola. 2 Edição. Editora Loyola. Soa Paulo, 1998.

BRASIL. Tribunal Especial. Publicada em 1931, Vol. 4, pg. 30. Acervo: Arquivo Nacional. [http://img.socioambiental.org/v/publico/puyanawa/puyanawa\\_6.jpg.html](http://img.socioambiental.org/v/publico/puyanawa/puyanawa_6.jpg.html)  
Acessado em: 04 de setembro de 2022, 10:22h.

BRASIL. Constituição Federal. Brasília: Senado Federal, 1988.

BRASIL, Ministério da educação, Secretaria de Educação Média e Tecnológica. Parâmetros Curriculares Nacionais: Ensino Médio. Brasília: Ministério da Educação, 1999.

BRASIL. RESOLUÇÃO CEB Nº 3, de 10 de novembro de 1999. Diário Oficial da União, Brasília, 17 de novembro de 1999.

BRASIL, Artigo de Lei que inclui a obrigatoriedade do Ensino da Cultura e História Indígena nas Instituições de Ensino: Lei Nº 11.645, 10 de março de 2008.

BRASIL. Políticas públicas para a educação dos povos indígenas – MEC-Secadi, disponível em:  
[http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com\\_content&view=article&id=12315:educacao-indigena&catid=282:educacao-indigena&Itemid=635](http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=12315:educacao-indigena&catid=282:educacao-indigena&Itemid=635)

BRASIL. “Programa de Apoio à Formação Superior e Licenciaturas Interculturais (PROLIND) – Educação Indígena”, disponível em:  
[http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com\\_content&view=article&id=15944:programas-do-mec-voltados-a-formacao-de-professores](http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=15944:programas-do-mec-voltados-a-formacao-de-professores)

CARVALHO, João Braulino de. Breve notícia sobre os indígenas que habitam a fronteira do Brasil com o Peru. Boletim do Museu Nacional do Rio de Janeiro, vol. 7n. 3, set. 1931

CASTELO BRANCO, J. M. Brandão. O Juruá Federal (Território do Acre). In: Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, vol.9, 1930.

Duku vada kayanu | Ensinando Puyanawa. / Aldir Santos de Paula. – Rio Branco: Secretaria de Estado de Educação do Acre, 2011. 300p.

FUNDAÇÃO DE CULTURA E COMUNICAÇÃO ELIAS MANSOUR (FEM). Povos Indígenas no Acre. Rio Branco: FEM, 2010. 200p.

GIL, Antônio Carlos. Como elaborar projetos de pesquisa. São Paulo. Atlas. 2002. Bibliografia. ISBN 85-224-3169-8. 1. Pesquisa 2.176 páginas.

GIL, Antônio Carlos. Métodos e técnicas de pesquisa social. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GONSALVES, E.P. Iniciação à pesquisa científica. Campinas, SP: Alínea, 2001.

JOSÉ FILHO, M. Pesquisa: contornos no processo educativo. In: Mário José Filho; Osvaldo Dalbério. (Org.). Desafios da Pesquisa. 1ed.Franca: UNESP, 2006, v. 1, p. 63-75.

Le Goff, Jacques, 1924 História e memória / Jacques Le Goff; tradução Bernardo Leitão ... [et al.] -- Campinas, SP Editora da UNICAMP, 1990. (Coleção Repertórios).

LIMA, Kely Costa de. COSTA, Vildna Dias da. PAIVA, Adriano Toledo Paiva. Ciências humanas e sociais aplicadas para o desenvolvimento humano / Organizadores: Silvéria A. ferreira, Nicolas Corrent. – Ponta Grossa – PR, 2022.

Lüdke, Menga. L975p Pesquisa em educação: abordagens qualitativas I Menga Lüdke, Marli E.D.A. André. - São Paulo: EPU, 1986. (Temas básicos de educação e ensino)

MAHER, Terezinha de Jesus Machado. Políticas linguísticas e políticas de identidade: currículo e representações de professores indígenas na Amazônia ocidental brasileira. Currículo sem Fronteiras, v.10, n.1, pp.33-48, Jan/Jun 2010 ISSN 1645-1384 (online), p.34. [www.curriculosemfronteiras.org.br](http://www.curriculosemfronteiras.org.br)

MARTINS, Francisca Adma de Oliveira. A construção da escola indígena diferenciada: possibilidades de formação educacional e (re)configuração identidade cultural dos Puyanawa/Francisca Adma de Oliveira Martins. – 2011. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal Fluminense, Faculdade de Educação, 2011.

MEDEIROS, Juliana Schneider. “Educação escolar indígena: a escola e os velhos no ensino da história kaingang”. *Revista História Hoje*, v. 1, no 2, p. 81-102 – 2012, p.83.

MONTE, Nietta Lindenberg. Alfabetização e pós-alfabetização indígena - uma experiência de autoria. Em aberto, Brasília, ano 3, n. 21. abr./jun. 1984, p.31-32. Disponível em: <http://emaberto.inep.gov.br/index.php/emaberto/article/viewFile/2194/1463>.

OCHOA, Maria Luiza Pinedo & Teixeira, Gleyson de Araújo (orgs.) Aprendendo com a natureza e conservando nossos conhecimentos culturais. Rio Branco – Acre: Organização dos Professores Indígenas do Acre/ Comissão Pró-Índio do Acre, 2006.

OLIVEIRA, João Pacheco. A viagem de volta: etnicidade, política e reelaboração cultural no Nordeste indígena. João Pacheco Oliveira (org.). 2ª ed. Contracapa Livraria / LACED, 2004.

PAIVA, Adriano Toledo. “Entre dois mundos: saberes nativos e a contribuição dos povos indígenas a cultura brasileira”. In: RESENDE, Maria Leônia Chaves de (org.). Mundos nativos: cultura e história dos povos indígenas. Belo Horizonte: Fino Traço, 2015, p.145-199.

PAULA, Aldir Santos de. Poyanáwa: a língua dos índios da aldeia barão, aspectos fonológicos e morfológicos.1992. 133 f. Dissertação ( Mestrado em Letras e Linguística) – Universidade Federal de Pernambuco,1992.

PAULA, Aldir Santos de. Dukū Vãda Kayanũ / Ensinando Puyanawa – Rio Branco: Secretaria de Estado e Educação do acre, 2011. 300p.

PESSOA, Enock da Silva. Trabalhadores da Floresta do Alto Juruá: Cultura e cidadania na Amazônia. 2ª ed. Rio Branco: Edufac, 2007.

PEDAGÓGICO. Projeto Político. Tāwinākā Tādah Akisbi Puyanawa. 1ª ed. 2020.

Plano de Gestão Territorial e Ambiental da Terra Indígena Poyanawa / Organização e edição Renato Antonio Gavassi. – Brasília: Comissão Pró-Índio do Acre, 2015. 60 p.: Il. Col.,23x18 cm.

RIBEIRO, Núbia Braga. “Políticas públicas e os povos indígenas no Brasil Contemporâneo”. In: RESENDE, Maria Leônia Chaves de (org.). Mundos nativos: cultura e história dos povos indígenas. Belo Horizonte: Fino Traço, 2015, p.107-143.

SOUZA, Nayara Fernandes. Um Estudo Comparativo entre as Línguas Kaxarari e Poyanáwa da Família Pano. Artigo apresentado ao Curso de Letras da Universidade Estadual de Goiás para obtenção do grau de licenciada em Letras. Universidade Estadual de Goiás, Anápolis- Goiás 2009.

SÁEZ, Oscar Calávia. “Nawa, Inawa”. Ilha R. Antr., Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC, Florianópolis, SC, v.4, n.1, julho de 2002, p. 39. <https://www.rbcdh.ufsc.br/index.php/ilha/article/viewFile/15030/15581> Acessado em 07 de setembro de 2022, às 22:00h.

RAMALHO. Betânia Leite. Formar o professor, profissionalizar o ensino – perspectivas e desafios publicidade / Betânia Leite Ramalho, Isauro Beltrán Nunez e Clemont Gauthier – Porto Alegre: Sulina, 2003. 208 p.

RESOLUÇÃO CEB Nº 3, DE 10 DE NOVEMBRO DE 1999. Diário Oficial da União, Brasília, 17 de novembro de 1999. Seção 1, p. 19.

RIBEIRO, Núbia Braga. “Políticas públicas e os povos indígenas no Brasil Contemporâneo”. In: RESENDE, Maria Leônia Chaves de (org.). Mundos nativos: cultura e história dos povos indígenas. Belo Horizonte: Fino Traço, 2015, p.124.

RIOS. Terezinha Azerêdo. Compreender e ensinar: por uma docência de melhor qualidade. 7 ed – São Paulo: Cortez, 2008.

TERUYA. Tereza Kazuko, 1957. Trabalho e educação na era midiática: um estudo na do trabalho na era da mídia e seus reflexos na educação – Maringá, PR: Eduem, 2006.

WALKER, Maristela Rosso, A identidade Puyanawa e a escola indígena/Maristela Rosso Walker. - - Maringá: UEM 2012. Tese (Doutorado) – Universidade Estadual de Maringá. Programa de Pós-Graduação em Educação, 2012.

## ANEXO I

### MITO DE SURGIMENTO DO POVO PUYANAWA

Em meio a floresta, vivia *Dukawa* e seu marido *Peyavakevu*. Certo dia, *Dukawa* estava pilando milho, e de repente sentiu uma minhoca entrando nas suas partes íntimas, assim causando muito medo e susto. Depois de algum tempo, *Dukawa* percebeu que estava grávida do minhocão e seu esposo ao descobrir, sai em meio a floresta em busca de ingredientes para fazer chás envenenados com intuito de ingerir em sua esposa no momento do parto. Passaram-se alguns meses, *Dukawa* começa sentir dores de parto e *Peyavakevu* no momento oportuno joga o veneno na vagina de *Dukawa*. Nesse momento, *Dukawa* sentiu muitas dores e começam a sair diferentes insetos como: lacrau, formigas, baratas, minhocas dentre outros animais.

Desesperada, *Dukawa* sai correndo e gritando por *Irika*, uma velha mapinguari que vivia naquela floresta em busca de ajuda. No momento em que *Dukawa* andava desesperada em busca de *Irika*, dois mapinguaris filhos de *Irika* estavam atrepados em uma árvore e viram aquela linda mulher e imediatamente tiveram a intenção de matá-la e levar para a sua mãe comer. A sua beleza era tanta, que os dois mapinguaris que se chamavam *Bahku* e *Bawtsi* desistiram da ideia e logo levaram *Dukawa* para se tornar esposa dos dois.

Como *Irika* gostava de comer carne humana e estava muito faminta, os dois mapinguaris esconderam *Dukawa* na floresta. Ao chegarem em casa, sua mãe logo questionou se os dois tinham matado algum bicho da mata e eles responderam, que não, e que somente tinham encontrado aves pequenas. Durante a noite, eles estavam dormindo em uma rede escondendo sua esposa da sua mãe, quando de repente *Irika* sente um cheiro estranho e passa suas enormes unhas rasgando *Dukawa* e nesse momento seus filhos com muito medo de sua mãe descobrir seu segredo, falam que não mataram caça grande.

Depois de alguns dias, os mapinguaris resolvem apresentar a esposa para sua mãe e que ela poderia ajudar nas tarefas domésticas. Sua mãe aceitou sua nora, porém os filhos tinham muito medo que a velha mapinguari comesse sua esposa. Então diariamente eles mantinham um cuidado para não a deixar sozinha. Depois de alguns meses, *Dukawa* sai grávida e tem seu primeiro filho.

Certo dia, *Dukawa* sai para pegar água no igarapé para colocar no mingau e *Irika* aproveita para jogar seu filho dentro da panela fervendo. Ao chegar em casa, *Dukawa* vê os pés do seu filho dentro da panela e desesperada corre atrás dos seus esposos que estavam no roçado e fala a situação. Os mapinguaris muito revoltados resolvem matar sua mãe. Eles batiam por várias vezes em sua mãe com machado de pedra e ela não morria. Não sabiam como matá-la, então a velha mapinguari falou que a única forma de a matar era fazer uma fogueira bem grande com muita lenha e colocá-la no meio.

Assim os mapinguaris fizeram, porém sua mãe não morria. Continuava pedindo para jogarem mais lenha. Quando a fogueira ficou muito quente, a velha mapinguari começou a estourar e cada estouro que surgia do seu corpo, diferentes espécies de animais e de plantas como: samaúma, árvores de lei e palheiras. Na medida que ela chorava, surgia rios e desse rio aparecia igarapés e lagos. Depois da morte de *Irika*, *Barku* e *Bawtsi*, ficam escondidos em um buraco com medo da reação dos animais, pois eles poderiam matá-los.

Logo depois, caminharam em meio a floresta e encontraram uma aldeia onde foram informados de como poderiam fazer para encontrar um lugar para morar. Com as informações, saíram em um caminho cantando suas belas canções, e a cada música surgia terra, montes, serras, montanhas e alguns pássaros preto. Ao encontrar esses pássaros, os irmãos perguntam por várias vezes se eles tinham vomitado em suas mãos, eles confirmam que não. Em seguida aparece outro pássaro menor, e eles fazem a mesma pergunta e o pássaro vomita em suas mãos e aparece uma pedra brilhosa. Com a pedra nas mãos, o pássaro falou que eles seriam muito felizes e nada de ruim aconteceria com eles.

Continuaram a caminhar e logo viram um paxiubão a sua frente e logo retiraram a capemba e fizeram coco dentro. Com o passar dos dias e com a água da chuva, criaram micróbios dentro do paxiubão. Os dois irmãos tiveram a ideia de colocar remédios naturais dentro da água como forma de experimento, assim surgiu ouro dentro da capemba e depois um homem branco. Nesse momento, uma voz ecoou em meio a floresta, falando que eles não estavam fazendo as coisas da forma correta e que eles precisavam pegar outra capemba, folhas de árvores, amassar e deixar apodrecer.

Depois de podres, eles sopraram e assim surgiu pessoas. Continuaram caminhando, e encontraram um bando de macacos que eram: macaco cara de sola,

macaco cairara dentre outros iniciando uma briga terrível em meio a floresta. Na briga, os macacos foram mortos e os dois olhos foram retirados e colocados em um boneco de barro feito pelos homens onde sopraram e virou outro homem branco. A voz continuava orientando *Bahku* e *Bawtsi*, dessa vez pediu que eles pegassem folhas de embaúba. Ao se retirar da mata, precisavam machucar e soprar. Assim eles fizeram, sopraram nas folhas e apareceram pessoas negras de cabelo bem agarradinho, com a semelhança das folhas de embaúba. Continuaram amassando folhas e colocaram em uma outra capemba e sopraram, nesse momento apareceu mais pessoas que se chamaram *Puyadawa*. Em uma outra capemba, colocaram mais folhas e com a água da chuva, eles sopraram e surgiram sapos pequenos, então a voz declarou que esses sapinhos eram *Puya*, *Puyanawa*, ou seja, o sapo que virou gente.

Narrativa mitíca do surgimento do povo Puyanawa contada e escrita por Mário Mãpa.

## APÊNDICE I

### COLABORADORES DA PESQUISA

Railda Manaitá

Eronilda Manaitá

Olinda Martins dos Santos

Sofia Lopes do Nascimento

*Xãñybu Divake*

*Rake Kãy* (Samuel Rondon Iraqui)

*Awĩvukuis* (Maria Alice)

*Kunĩwaway* (Eduardo)

*Xinã Yura* (Maria Valeria)

*Vari* (Rosileide)

*Puwe* (José Luis)

*Wehva* (Maria José Martins)

*Awĩ Ũdia* (Maria auxiliadora)

*Awĩ Rutzaya* (Naiara)

*Awĩ Nãni* (Edevânia)

*Wetsa* (Francisco Devani)

*Vuxĩ* (Odenir)

*Kade Tãdah* (Vildna Dias)

*Peykãba* (Maria de Fátima)

Raimundo Paulino da Costa (Nato)

Manoel Barbosa Santiago (Manel do Boi)

Cidália Barbosa da Costa

Maria Lúcia Rosas

## APÊNDICE II

### Documento de Aceite de Pesquisa

Mediante solicitação de Kely Costa de Lima, indígena Puyanawa e professora na escola Ixubã Rabui Puyanawa, mestranda do Programa de Pós-graduação em Ensino de Humanidades e Linguagens da Universidade Federal do Acre – UFAC, *Campus Floresta / Cruzeiro do Sul*, pesquisadora do projeto: O ENSINO DE LÍNGUA INDÍGENA NA ESCOLA IXUBÃY RABUI PUYANAWA NO ENSINO FUNDAMENTAL I: A FERRAMENTA AGREGADORA PARA O FORTALECIMENTO CULTURAL, a qual desenvolve a referida pesquisa desde de 2021 junto à comunidade indígena Puyanawa, na Terra Indígena Puyanawa com enfoque principal na escola Ixubã Rabui Puyanawa. Nós as lideranças, através deste documento expressar nosso conhecimento e o aceite de pesquisa.

Declaramos ainda que somos lideranças reconhecidos da comunidade indígena Puyanawa: Aldeias Barão e Ipiranga.

Declaramos também estar ciente de que, se for comprovada falsidade desta declaração, sujeito as penalidades previstas no Código Penal Brasileiro.

Por ser expressão da verdade, firmamos, assinados e datamos a presente declaração/documento de aceite de pesquisa.

Joel Ferreira Lima  
Cacique: Joel Ferreira Lima (Dlvake)

CPF: 397738682-68

Francisco Devani Nascimento dos Santos  
Presidente da AAPBI: Francisco Devani Nascimento dos Santos (Wetsa)

CPF: 484.396.802-82

José Luis Martins de Lima (Puve)  
Liderança e professor: José Luis Martins de Lima (Puve)

CPF: 631588842-91

Maria Alice Martins de Lima  
Gestora da escola IRP: Maria Alice Martins de Lima (Awivukuis)

CPF: 443.895.662-53

Terra Indígena Puyanawa/Mâncio Lima-Ac

26 de janeiro de 2023

**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)  
UTILIZADO PARA REALIZAÇÃO DAS ENTREVISTAS**

Você está sendo convidado(a) para participar, como voluntário(a), em uma pesquisa científica. Caso você não queira participar, não há problema algum. Você tem todo o direito de não querer participar do estudo, basta selecionar a opção correspondente no final desta página.

Para confirmar sua participação você precisará ler este documento e depois selecionar a opção correspondente no final dele. Este documento se chama TCLE (Termo de Consentimento livre e esclarecido). Nele estão contidas as principais informações sobre o estudo, como tema e objetivo, dentre outras informações. Este TCLE se refere a dissertação de mestrado do Programa de Pós-graduação em Ensino de Humanidades e Linguagens – PPEHL, intitulada: “O ensino de Língua Indígena na Escola Ixubay Rabui Puyanawa nas series iniciais do Ensino Fundamental I como ferramenta agregadora para o fortalecimento cultural do povo Puyanawa”. Cujo objetivo geral é “analisar como é desenvolvido o ensino de Língua Indígena na Escola Ixubay Rabui Puyanawa nos anos iniciais do Ensino Fundamental de 1º ao 5º ano e como este vem a contribuir com fortalecimento cultural do grupo étnico Puyanawa.”

Você também poderá solicitar aos pesquisadores do estudo uma versão deste documento a qualquer momento por um dos e-mails registrados no final deste termo.

A pesquisa será realizada por meio de uma enquete presencial, através da oralidade onde a entrevista será gravada, com perguntas pré-estabelecidas.

Os pesquisadores garantem e se comprometem com o sigilo e a confidencialidade de todas as informações fornecidas por você para este estudo. Da mesma forma, o tratamento dos dados coletados seguirá as determinações da Lei Geral de Proteção de Dados (LGPD – Lei 13.709/18).

A presente pesquisa está sendo desenvolvida na Terra Indígena Puyanawa e é de conhecimento da comunidade/aldeias, localizada na zona rural do município de Mâncio Lima. Sendo que a mesma foi comunicada e tem o aceite da liderança majoritária do povo Puyanawa, o cacique Joel Ferreira de Lima. Onde a pesquisadora é indígena do grupo étnico Puyanawa.

Mestranda: Kely Costa de Lima (Paxidu Puyanawa). Contato: (68) 992500026 - e-mail: [kely.lima@sou.ufac.com](mailto:kely.lima@sou.ufac.com)

Orientador: José Alessandro Cândido da Silva. Contato: (68) 999732925 - e-mail: [alessandroczs@bol.com.br](mailto:alessandroczs@bol.com.br)

**CONSENTIMENTO DE PARTICIPAÇÃO**

Eu, concordo em participar voluntariamente do presente estudo como participante. O pesquisador me informou sobre tudo o que vai acontecer na pesquisa. O pesquisador me garantiu que eu poderei sair da pesquisa a qualquer momento, sem dar nenhuma explicação.

Aceito participar

Não aceito participar

Mâncio Lima, Acre 19, de Novembro de 2022

Assinatura do participante: \_\_\_\_\_

*Evânildo Ferreira de Lima*

---

**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)  
UTILIZADO PARA REALIZAÇÃO DAS ENTREVISTAS**

Você está sendo convidado(a) para participar, como voluntário(a), em uma pesquisa científica. Caso você não queira participar, não há problema algum. Você tem todo o direito de não querer participar do estudo, basta selecionar a opção correspondente no final desta página.

Para confirmar sua participação você precisará ler este documento e depois selecionar a opção correspondente no final dele. Este documento se chama TCLE (Termo de Consentimento livre e esclarecido). Nele estão contidas as principais informações sobre o estudo, como tema e objetivo, dentre outras informações. Este TCLE se refere a dissertação de mestrado do Programa de Pós-graduação em Ensino de Humanidades e Linguagens – PPEHL, intitulada: “O ensino de Língua Indígena na Escola Ixubay Rabui Puyanawa nas series iniciais do Ensino Fundamental I como ferramenta agregadora para o fortalecimento cultural do povo Puyanawa”. Cujo objetivo geral é “analisar como é desenvolvido o ensino de Língua Indígena na Escola Ixubay Rabui Puyanawa nos anos iniciais do Ensino Fundamental de 1º ao 5º ano e como este vem a contribuir com fortalecimento cultural do grupo étnico Puyanawa.”

Você também poderá solicitar aos pesquisadores do estudo uma versão deste documento a qualquer momento por um dos e-mails registrados no final deste termo.

A pesquisa será realizada por meio de uma enquete presencial, através da oralidade onde a entrevista será gravada, com perguntas pré-estabelecidas.

Os pesquisadores garantem e se comprometem com o sigilo e a confidencialidade de todas as informações fornecidas por você para este estudo. Da mesma forma, o tratamento dos dados coletados seguirá as determinações da Lei Geral de Proteção de Dados (LGPD – Lei 13.709/18).

A presente pesquisa está sendo desenvolvida na Terra Indígena Puyanawa e é de conhecimento da comunidade/aldeias, localizada na zona rural do município de Mâncio Lima. Sendo que a mesma foi comunicada e tem o aceite da liderança majoritária do povo Puyanawa, o cacique Joel Ferreira de Lima. Onde a pesquisadora é indígena do grupo étnico Puyanawa.

Mestranda: Kely Costa de Lima (Paxidu Puyanawa). Contato: (68) 992500026 - e-mail: [kely.lima@sou.ufac.com](mailto:kely.lima@sou.ufac.com)

Orientador: José Alessandro Cândido da Silva. Contato: (68) 999732925 - e-mail: [alessandroczs@bol.com.br](mailto:alessandroczs@bol.com.br)

**CONSENTIMENTO DE PARTICIPAÇÃO**

Eu, concordo em participar voluntariamente do presente estudo como participante. O pesquisador me informou sobre tudo o que vai acontecer na pesquisa. O pesquisador me garantiu que eu poderei sair da pesquisa a qualquer momento, sem dar nenhuma explicação.

Aceito participar (x)

Não aceito participar ( )

Mâncio Lima, Acre 19, de Novembro de 2022

Assinatura do participante: Railda Marçaita

**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)  
UTILIZADO PARA REALIZAÇÃO DAS ENTREVISTAS**

Você está sendo convidado(a) para participar, como voluntário(a), em uma pesquisa científica. Caso você não queira participar, não há problema algum. Você tem todo o direito de não querer participar do estudo, basta selecionar a opção correspondente no final desta página.

Para confirmar sua participação você precisará ler este documento e depois selecionar a opção correspondente no final dele. Este documento se chama TCLE (Termo de Consentimento livre e esclarecido). Nele estão contidas as principais informações sobre o estudo, como tema e objetivo, dentre outras informações. Este TCLE se refere a dissertação de mestrado do Programa de Pós-graduação em Ensino de Humanidades e Linguagens – PPEHL, intitulada: “O ensino de Língua Indígena na Escola Ixubay Rabui Puyanawa nas series iniciais do Ensino Fundamental I como ferramenta agregadora para o fortalecimento cultural do povo Puyanawa”. Cujo objetivo geral é “analisar como é desenvolvido o ensino de Língua Indígena na Escola Ixubay Rabui Puyanawa nos anos iniciais do Ensino Fundamental de 1º ao 5º ano e como este vem a contribuir com fortalecimento cultural do grupo étnico Puyanawa.”

Você também poderá solicitar aos pesquisadores do estudo uma versão deste documento a qualquer momento por um dos e-mails registrados no final deste termo.

A pesquisa será realizada por meio de uma enquete presencial, através da oralidade onde a entrevista será gravada, com perguntas pré-estabelecidas.

Os pesquisadores garantem e se comprometem com o sigilo e a confidencialidade de todas as informações fornecidas por você para este estudo. Da mesma forma, o tratamento dos dados coletados seguirá as determinações da Lei Geral de Proteção de Dados (LGPD – Lei 13.709/18).

A presente pesquisa está sendo desenvolvida na Terra Indígena Puyanawa e é de conhecimento da comunidade/aldeias, localizada na zona rural do município de Mâncio Lima. Sendo que a mesma foi comunicada e tem o aceite da liderança majoritária do povo Puyanawa, o cacique Joel Ferreira de Lima. Onde a pesquisadora é indígena do grupo étnico Puyanawa.

Mestranda: Kely Costa de Lima (Paxidu Puyanawa). Contato: (68) 992500026 - e-mail: [kely.lima@sou.ufac.com](mailto:kely.lima@sou.ufac.com)

Orientador: José Alessandro Cândido da Silva. Contato: (68) 999732925 - e-mail: [alessandroczs@bol.com.br](mailto:alessandroczs@bol.com.br)

**CONSENTIMENTO DE PARTICIPAÇÃO**

Eu, concordo em participar voluntariamente do presente estudo como participante. O pesquisador me informou sobre tudo o que vai acontecer na pesquisa. O pesquisador me garantiu que eu poderei sair da pesquisa a qualquer momento, sem dar nenhuma explicação.

Aceito participar

Não aceito participar

Mâncio Lima, Acre 30, de Novembro de 2022

Assinatura do participante: Kairara Araújo de Lima

## TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE) UTILIZADO PARA REALIZAÇÃO DAS ENTREVISTAS

Você está sendo convidado(a) para participar, como voluntário(a), em uma pesquisa científica. Caso você não queira participar, não há problema algum. Você tem todo o direito de não querer participar do estudo, basta selecionar a opção correspondente no final desta página.

Para confirmar sua participação você precisará ler este documento e depois selecionar a opção correspondente no final dele. Este documento se chama TCLE (Termo de Consentimento livre e esclarecido). Nele estão contidas as principais informações sobre o estudo, como tema e objetivo, dentre outras informações. Este TCLE se refere a dissertação de mestrado do Programa de Pós-graduação em Ensino de Humanidades e Linguagens – PPEHL, intitulada: “O ensino de Língua Indígena na Escola Ixubay Rabui Puyanawa nas series iniciais do Ensino Fundamental I como ferramenta agregadora para o fortalecimento cultural do povo Puyanawa”. Cujo objetivo geral é “analisar como é desenvolvido o ensino de Língua Indígena na Escola Ixubay Rabui Puyanawa nos anos iniciais do Ensino Fundamental de 1º ao 5º ano e como este vem a contribuir com fortalecimento cultural do grupo étnico Puyanawa.”

Você também poderá solicitar aos pesquisadores do estudo uma versão deste documento a qualquer momento por um dos e-mails registrados no final deste termo.

A pesquisa será realizada por meio de uma enquête presencial, através da oralidade onde a entrevista será gravada, com perguntas pré-estabelecidas.

Os pesquisadores garantem e se comprometem com o sigilo e a confidencialidade de todas as informações fornecidas por você para este estudo. Da mesma forma, o tratamento dos dados coletados seguirá as determinações da Lei Geral de Proteção de Dados (LGPD – Lei 13.709/18).

A presente pesquisa está sendo desenvolvida na Terra Indígena Puyanawa e é de conhecimento da comunidade/aldeias, localizada na zona rural do município de Mâncio Lima. Sendo que a mesma foi comunicada e tem o aceite da liderança majoritária do povo Puyanawa, o cacique Joel Ferreira de Lima. Onde a pesquisadora é indígena do grupo étnico Puyanawa.

Mestranda: Kely Costa de Lima (Paxidu Puyanawa). Contato: (68) 992500026 - e-mail: [kely.lima@sou.ufac.com](mailto:kely.lima@sou.ufac.com)

Orientador: José Alessandro Cândido da Silva. Contato: (68) 999732925 - e-mail: [alessandroczs@bol.com.br](mailto:alessandroczs@bol.com.br)

### CONSENTIMENTO DE PARTICIPAÇÃO

Eu, concordo em participar voluntariamente do presente estudo como participante. O pesquisador me informou sobre tudo o que vai acontecer na pesquisa. O pesquisador me garantiu que eu poderei sair da pesquisa a qualquer momento, sem dar nenhuma explicação.

Aceito participar

Não aceito participar

Mâncio Lima, Acre 19, de Dezembro de 2022

Assinatura do participante: Marisa José Martins de Lima

## TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE) UTILIZADO PARA REALIZAÇÃO DAS ENTREVISTAS

Você está sendo convidado(a) para participar, como voluntário(a), em uma pesquisa científica. Caso você não queira participar, não há problema algum. Você tem todo o direito de não querer participar do estudo, basta selecionar a opção correspondente no final desta página.

Para confirmar sua participação você precisará ler este documento e depois selecionar a opção correspondente no final dele. Este documento se chama TCLE (Termo de Consentimento livre e esclarecido). Nele estão contidas as principais informações sobre o estudo, como tema e objetivo, dentre outras informações. Este TCLE se refere a dissertação de mestrado do Programa de Pós-graduação em Ensino de Humanidades e Linguagens – PPEHL, intitulada: “O ensino de Língua Indígena na Escola Ixubay Rabui Puyanawa nas series iniciais do Ensino Fundamental I como ferramenta agregadora para o fortalecimento cultural do povo Puyanawa”. Cujo objetivo geral é “analisar como é desenvolvido o ensino de Língua Indígena na Escola Ixubay Rabui Puyanawa nos anos iniciais do Ensino Fundamental de 1º ao 5º ano e como este vem a contribuir com fortalecimento cultural do grupo étnico Puyanawa.”

Você também poderá solicitar aos pesquisadores do estudo uma versão deste documento a qualquer momento por um dos e-mails registrados no final deste termo.

A pesquisa será realizada por meio de uma enquete presencial, através da oralidade onde a entrevista será gravada, com perguntas pré-estabelecidas.

Os pesquisadores garantem e se comprometem com o sigilo e a confidencialidade de todas as informações fornecidas por você para este estudo. Da mesma forma, o tratamento dos dados coletados seguirá as determinações da Lei Geral de Proteção de Dados (LGPD – Lei 13.709/18).

A presente pesquisa está sendo desenvolvida na Terra Indígena Puyanawa e é de conhecimento da comunidade/aldeias, localizada na zona rural do município de Mâncio Lima. Sendo que a mesma foi comunicada e tem o aceite da liderança majoritária do povo Puyanawa, o cacique Joel Ferreira de Lima. Onde a pesquisadora é indígena do grupo étnico Puyanawa.

Mestranda: Kely Costa de Lima (Paxidu Puyanawa). Contato: (68) 992500026 - e-mail: [kely.lima@sou.ufac.com](mailto:kely.lima@sou.ufac.com)

Orientador: José Alessandro Cândido da Silva. Contato: (68) 999732925 - e-mail: [alessandroczs@bol.com.br](mailto:alessandroczs@bol.com.br)

### CONSENTIMENTO DE PARTICIPAÇÃO

Eu, concordo em participar voluntariamente do presente estudo como participante. O pesquisador me informou sobre tudo o que vai acontecer na pesquisa. O pesquisador me garantiu que eu poderei sair da pesquisa a qualquer momento, sem dar nenhuma explicação.

Aceito participar

Não aceito participar ( )

Mâncio Lima, Acre 17, de Novembro de 2022

Assinatura do participante: Maria de Fátima Rosa

**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)  
UTILIZADO PARA REALIZAÇÃO DAS ENTREVISTAS**

Você está sendo convidado(a) para participar, como voluntário(a), em uma pesquisa científica. Caso você não queira participar, não há problema algum. Você tem todo o direito de não querer participar do estudo, basta selecionar a opção correspondente no final desta página.

Para confirmar sua participação você precisará ler este documento e depois selecionar a opção correspondente no final dele. Este documento se chama TCLE (Termo de Consentimento livre e esclarecido). Nele estão contidas as principais informações sobre o estudo, como tema e objetivo, dentre outras informações. Este TCLE se refere a dissertação de mestrado do Programa de Pós-graduação em Ensino de Humanidades e Linguagens – PPEHL, intitulada: “O ensino de Língua Indígena na Escola Ixubay Rabui Puyanawa nas series iniciais do Ensino Fundamental I como ferramenta agregadora para o fortalecimento cultural do povo Puyanawa”. Cujo objetivo geral é “analisar como é desenvolvido o ensino de Língua Indígena na Escola Ixubay Rabui Puyanawa nos anos iniciais do Ensino Fundamental de 1º ao 5º ano e como este vem a contribuir com fortalecimento cultural do grupo étnico Puyanawa.”

Você também poderá solicitar aos pesquisadores do estudo uma versão deste documento a qualquer momento por um dos e-mails registrados no final deste termo.

A pesquisa será realizada por meio de uma enquete presencial, através da oralidade onde a entrevista será gravada, com perguntas pré-estabelecidas.

Os pesquisadores garantem e se comprometem com o sigilo e a confidencialidade de todas as informações fornecidas por você para este estudo. Da mesma forma, o tratamento dos dados coletados seguirá as determinações da Lei Geral de Proteção de Dados (LGPD – Lei 13.709/18).

A presente pesquisa está sendo desenvolvida na Terra Indígena Puyanawa e é de conhecimento da comunidade/aldeias, localizada na zona rural do município de Mâncio Lima. Sendo que a mesma foi comunicada e tem o aceite da liderança majoritária do povo Puyanawa, o cacique Joel Ferreira de Lima. Onde a pesquisadora é indígena do grupo étnico Puyanawa.

Mestranda: Kely Costa de Lima (Paxidu Puyanawa). Contato: (68) 992500026 - e-mail: [kely.lima@sou.ufac.com](mailto:kely.lima@sou.ufac.com)

Orientador: José Alessandro Cândido da Silva. Contato: (68) 999732925 - e-mail: [alessandroczs@bol.com.br](mailto:alessandroczs@bol.com.br)

**CONSENTIMENTO DE PARTICIPAÇÃO**

Eu, concordo em participar voluntariamente do presente estudo como participante. O pesquisador me informou sobre tudo o que vai acontecer na pesquisa. O pesquisador me garantiu que eu poderei sair da pesquisa a qualquer momento, sem dar nenhuma explicação.

Aceito participar (x)

Não aceito participar ( )

Mâncio Lima, Acre 17, de novembro de 2022

Assinatura do participante: Eldma Dias da Costa

**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)  
UTILIZADO PARA REALIZAÇÃO DAS ENTREVISTAS**

Você está sendo convidado(a) para participar, como voluntário(a), em uma pesquisa científica. Caso você não queira participar, não há problema algum. Você tem todo o direito de não querer participar do estudo, basta selecionar a opção correspondente no final desta página.

Para confirmar sua participação você precisará ler este documento e depois selecionar a opção correspondente no final dele. Este documento se chama TCLE (Termo de Consentimento livre e esclarecido). Nele estão contidas as principais informações sobre o estudo, como tema e objetivo, dentre outras informações. Este TCLE se refere a dissertação de mestrado do Programa de Pós-graduação em Ensino de Humanidades e Linguagens – PPEHL, intitulada: “O ensino de Língua Indígena na Escola Ixubay Rabui Puyanawa nas series iniciais do Ensino Fundamental I como ferramenta agregadora para o fortalecimento cultural do povo Puyanawa”. Cujo objetivo geral é “analisar como é desenvolvido o ensino de Língua Indígena na Escola Ixubay Rabui Puyanawa nos anos iniciais do Ensino Fundamental de 1º ao 5º ano e como este vem a contribuir com fortalecimento cultural do grupo étnico Puyanawa.”

Você também poderá solicitar aos pesquisadores do estudo uma versão deste documento a qualquer momento por um dos e-mails registrados no final deste termo.

A pesquisa será realizada por meio de uma enquete presencial, através da oralidade onde a entrevista será gravada, com perguntas pré-estabelecidas.

Os pesquisadores garantem e se comprometem com o sigilo e a confidencialidade de todas as informações fornecidas por você para este estudo. Da mesma forma, o tratamento dos dados coletados seguirá as determinações da Lei Geral de Proteção de Dados (LGPD – Lei 13.709/18).

A presente pesquisa está sendo desenvolvida na Terra Indígena Puyanawa e é de conhecimento da comunidade/aldeias, localizada na zona rural do município de Mâncio Lima. Sendo que a mesma foi comunicada e tem o aceite da liderança majoritária do povo Puyanawa, o cacique Joel Ferreira de Lima. Onde a pesquisadora é indígena do grupo étnico Puyanawa.

Mestranda: Kely Costa de Lima (Paxidu Puyanawa). Contato: (68) 992500026 - e-mail: [kely.lima@sou.ufac.com](mailto:kely.lima@sou.ufac.com)

Orientador: José Alessandro Cândido da Silva. Contato: (68) 999732925 - e-mail: [alessandroczs@bol.com.br](mailto:alessandroczs@bol.com.br)

**CONSENTIMENTO DE PARTICIPAÇÃO**

Eu, concordo em participar voluntariamente do presente estudo como participante. O pesquisador me informou sobre tudo o que vai acontecer na pesquisa. O pesquisador me garantiu que eu poderei sair da pesquisa a qualquer momento, sem dar nenhuma explicação.

Aceito participar

Não aceito participar

Mâncio Lima, Acre 22, de Setembro de 2022

Assinatura do participante: Edalio Barbosa da Costa

**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)  
UTILIZADO PARA REALIZAÇÃO DAS ENTREVISTAS**

Você está sendo convidado(a) para participar, como voluntário(a), em uma pesquisa científica. Caso você não queira participar, não há problema algum. Você tem todo o direito de não querer participar do estudo, basta selecionar a opção correspondente no final desta página.

Para confirmar sua participação você precisará ler este documento e depois selecionar a opção correspondente no final dele. Este documento se chama TCLE (Termo de Consentimento livre e esclarecido). Nele estão contidas as principais informações sobre o estudo, como tema e objetivo, dentre outras informações. Este TCLE se refere a dissertação de mestrado do Programa de Pós-graduação em Ensino de Humanidades e Linguagens – PPEHL, intitulada: “O ensino de Língua Indígena na Escola Ixubay Rabui Puyanawa nas series iniciais do Ensino Fundamental I como ferramenta agregadora para o fortalecimento cultural do povo Puyanawa”. Cujo objetivo geral é “analisar como é desenvolvido o ensino de Língua Indígena na Escola Ixubay Rabui Puyanawa nos anos iniciais do Ensino Fundamental de 1º ao 5º ano e como este vem a contribuir com fortalecimento cultural do grupo étnico Puyanawa.”

Você também poderá solicitar aos pesquisadores do estudo uma versão deste documento a qualquer momento por um dos e-mails registrados no final deste termo.

A pesquisa será realizada por meio de uma enquete presencial, através da oralidade onde a entrevista será gravada, com perguntas pré-estabelecidas.

Os pesquisadores garantem e se comprometem com o sigilo e a confidencialidade de todas as informações fornecidas por você para este estudo. Da mesma forma, o tratamento dos dados coletados seguirá as determinações da Lei Geral de Proteção de Dados (LGPD – Lei 13.709/18).

A presente pesquisa está sendo desenvolvida na Terra Indígena Puyanawa e é de conhecimento da comunidade/aldeias, localizada na zona rural do município de Mâncio Lima. Sendo que a mesma foi comunicada e tem o aceite da liderança majoritária do povo Puyanawa, o cacique Joel Ferreira de Lima. Onde a pesquisadora é indígena do grupo étnico Puyanawa.

Mestranda: Kely Costa de Lima (Paxidu Puyanawa). Contato: (68) 992500026 - e-mail: [kely.lima@sou.ufac.com](mailto:kely.lima@sou.ufac.com)

Orientador: José Alessandro Cândido da Silva. Contato: (68) 999732925 - e-mail: [alessandroczs@bol.com.br](mailto:alessandroczs@bol.com.br)

**CONSENTIMENTO DE PARTICIPAÇÃO**

Eu, concordo em participar voluntariamente do presente estudo como participante. O pesquisador me informou sobre tudo o que vai acontecer na pesquisa. O pesquisador me garantiu que eu poderei sair da pesquisa a qualquer momento, sem dar nenhuma explicação.

Aceito participar (X)

Não aceito participar ( )

Mâncio Lima, Acre 22, de Setembro de 2022

Assinatura do participante: Raimundo Paulino da Costa

## TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE) UTILIZADO PARA REALIZAÇÃO DAS ENTREVISTAS

Você está sendo convidado(a) para participar, como voluntário(a), em uma pesquisa científica. Caso você não queira participar, não há problema algum. Você tem todo o direito de não querer participar do estudo, basta selecionar a opção correspondente no final desta página.

Para confirmar sua participação você precisará ler este documento e depois selecionar a opção correspondente no final dele. Este documento se chama TCLE (Termo de Consentimento livre e esclarecido). Nele estão contidas as principais informações sobre o estudo, como tema e objetivo, dentre outras informações. Este TCLE se refere a dissertação de mestrado do Programa de Pós-graduação em Ensino de Humanidades e Linguagens – PPEHL, intitulada: “O ensino de Língua Indígena na Escola Ixubay Rabui Puyanawa nas series iniciais do Ensino Fundamental I como ferramenta agregadora para o fortalecimento cultural do povo Puyanawa”. Cujo objetivo geral é “analisar como é desenvolvido o ensino de Língua Indígena na Escola Ixubay Rabui Puyanawa nos anos iniciais do Ensino Fundamental de 1º ao 5º ano e como este vem a contribuir com fortalecimento cultural do grupo étnico Puyanawa.”

Você também poderá solicitar aos pesquisadores do estudo uma versão deste documento a qualquer momento por um dos e-mails registrados no final deste termo.

A pesquisa será realizada por meio de uma enquete presencial, através da oralidade onde a entrevista será gravada, com perguntas pré-estabelecidas.

Os pesquisadores garantem e se comprometem com o sigilo e a confidencialidade de todas as informações fornecidas por você para este estudo. Da mesma forma, o tratamento dos dados coletados seguirá as determinações da Lei Geral de Proteção de Dados (LGPD – Lei 13.709/18).

A presente pesquisa está sendo desenvolvida na Terra Indígena Puyanawa e é de conhecimento da comunidade/aldeias, localizada na zona rural do município de Mâncio Lima. Sendo que a mesma foi comunicada e tem o aceite da liderança majoritária do povo Puyanawa, o cacique Joel Ferreira de Lima. Onde a pesquisadora é indígena do grupo étnico Puyanawa.

Mestranda: Kely Costa de Lima (Paxidu Puyanawa). Contato: (68) 992500026 - e-mail: [kely.lima@sou.ufac.com](mailto:kely.lima@sou.ufac.com)

Orientador: José Alessandro Cândido da Silva. Contato: (68) 999732925 - e-mail: [alessandroczs@bol.com.br](mailto:alessandroczs@bol.com.br)

### CONSENTIMENTO DE PARTICIPAÇÃO

Eu, concordo em participar voluntariamente do presente estudo como participante. O pesquisador me informou sobre tudo o que vai acontecer na pesquisa. O pesquisador me garantiu que eu poderei sair da pesquisa a qualquer momento, sem dar nenhuma explicação.

Aceito participar ()  
Não aceito participar ()

Mâncio Lima, Acre 17, de Novembro de 2022

Assinatura do participante: Maria Alice Martins de Lima

## TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE) UTILIZADO PARA REALIZAÇÃO DAS ENTREVISTAS

Você está sendo convidado(a) para participar, como voluntário(a), em uma pesquisa científica. Caso você não queira participar, não há problema algum. Você tem todo o direito de não querer participar do estudo, basta selecionar a opção correspondente no final desta página.

Para confirmar sua participação você precisará ler este documento e depois selecionar a opção correspondente no final dele. Este documento se chama TCLE (Termo de Consentimento livre e esclarecido). Nele estão contidas as principais informações sobre o estudo, como tema e objetivo, dentre outras informações. Este TCLE se refere a dissertação de mestrado do Programa de Pós-graduação em Ensino de Humanidades e Linguagens – PPEHL, intitulada: “O ensino de Língua Indígena na Escola Ixubay Rabui Puyanawa nas series iniciais do Ensino Fundamental I como ferramenta agregadora para o fortalecimento cultural do povo Puyanawa”. Cujo objetivo geral é “analisar como é desenvolvido o ensino de Língua Indígena na Escola Ixubay Rabui Puyanawa nos anos iniciais do Ensino Fundamental de 1º ao 5º ano e como este vem a contribuir com fortalecimento cultural do grupo étnico Puyanawa.”

Você também poderá solicitar aos pesquisadores do estudo uma versão deste documento a qualquer momento por um dos e-mails registrados no final deste termo.

A pesquisa será realizada por meio de uma enquete presencial, através da oralidade onde a entrevista será gravada, com perguntas pré-estabelecidas.

Os pesquisadores garantem e se comprometem com o sigilo e a confidencialidade de todas as informações fornecidas por você para este estudo. Da mesma forma, o tratamento dos dados coletados seguirá as determinações da Lei Geral de Proteção de Dados (LGPD – Lei 13.709/18).

A presente pesquisa está sendo desenvolvida na Terra Indígena Puyanawa e é de conhecimento da comunidade/aldeias, localizada na zona rural do município de Mâncio Lima. Sendo que a mesma foi comunicada e tem o aceite da liderança majoritária do povo Puyanawa, o cacique Joel Ferreira de Lima. Onde a pesquisadora é indígena do grupo étnico Puyanawa.

Mestranda: Kely Costa de Lima (Paxidu Puyanawa). Contato: (68) 992500026 - e-mail: [kely.lima@sou.ufac.com](mailto:kely.lima@sou.ufac.com)

Orientador: José Alessandro Cândido da Silva. Contato: (68) 999732925 - e-mail: [alessandroczs@bol.com.br](mailto:alessandroczs@bol.com.br)

### CONSENTIMENTO DE PARTICIPAÇÃO

Eu, concordo em participar voluntariamente do presente estudo como participante. O pesquisador me informou sobre tudo o que vai acontecer na pesquisa. O pesquisador me garantiu que eu poderei sair da pesquisa a qualquer momento, sem dar nenhuma explicação.

Aceito participar

Não aceito participar

Mâncio Lima, Acre 17, de Novembro de 2022

Assinatura do participante: Ademir Santos do Nascimento

## TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE) UTILIZADO PARA REALIZAÇÃO DAS ENTREVISTAS

Você está sendo convidado(a) para participar, como voluntário(a), em uma pesquisa científica. Caso você não queira participar, não há problema algum. Você tem todo o direito de não querer participar do estudo, basta selecionar a opção correspondente no final desta página.

Para confirmar sua participação você precisará ler este documento e depois selecionar a opção correspondente no final dele. Este documento se chama TCLE (Termo de Consentimento livre e esclarecido). Nele estão contidas as principais informações sobre o estudo, como tema e objetivo, dentre outras informações. Este TCLE se refere a dissertação de mestrado do Programa de Pós-graduação em Ensino de Humanidades e Linguagens – PPEHL, intitulada: “O ensino de Língua Indígena na Escola Ixubay Rabui Puyanawa nas series iniciais do Ensino Fundamental I como ferramenta agregadora para o fortalecimento cultural do povo Puyanawa”. Cujo objetivo geral é “analisar como é desenvolvido o ensino de Língua Indígena na Escola Ixubay Rabui Puyanawa nos anos iniciais do Ensino Fundamental de 1º ao 5º ano e como este vem a contribuir com fortalecimento cultural do grupo étnico Puyanawa.”

Você também poderá solicitar aos pesquisadores do estudo uma versão deste documento a qualquer momento por um dos e-mails registrados no final deste termo.

A pesquisa será realizada por meio de uma enquete presencial, através da oralidade onde a entrevista será gravada, com perguntas pré-estabelecidas.

Os pesquisadores garantem e se comprometem com o sigilo e a confidencialidade de todas as informações fornecidas por você para este estudo. Da mesma forma, o tratamento dos dados coletados seguirá as determinações da Lei Geral de Proteção de Dados (LGPD – Lei 13.709/18).

A presente pesquisa está sendo desenvolvida na Terra Indígena Puyanawa e é de conhecimento da comunidade/aldeias, localizada na zona rural do município de Mâncio Lima. Sendo que a mesma foi comunicada e tem o aceite da liderança majoritária do povo Puyanawa, o cacique Joel Ferreira de Lima. Onde a pesquisadora é indígena do grupo étnico Puyanawa.

Mestranda: Kely Costa de Lima (Paxidu Puyanawa). Contato: (68) 992500026 - e-mail: [kely.lima@sou.ufac.com](mailto:kely.lima@sou.ufac.com)

Orientador: José Alessandro Cândido da Silva. Contato: (68) 999732925 - e-mail: [alessandroczs@bol.com.br](mailto:alessandroczs@bol.com.br)

### CONSENTIMENTO DE PARTICIPAÇÃO

Eu, concordo em participar voluntariamente do presente estudo como participante. O pesquisador me informou sobre tudo o que vai acontecer na pesquisa. O pesquisador me garantiu que eu poderei sair da pesquisa a qualquer momento, sem dar nenhuma explicação.

Aceito participar

Não aceito participar

Mâncio Lima, Acre 08, de Dezembro de 2022

Assinatura do participante: Maria Amélia Costa Terquim Costa

**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)  
UTILIZADO PARA REALIZAÇÃO DAS ENTREVISTAS**

Você está sendo convidado(a) para participar, como voluntário(a), em uma pesquisa científica. Caso você não queira participar, não há problema algum. Você tem todo o direito de não querer participar do estudo, basta selecionar a opção correspondente no final desta página.

Para confirmar sua participação você precisará ler este documento e depois selecionar a opção correspondente no final dele. Este documento se chama TCLE (Termo de Consentimento livre e esclarecido). Nele estão contidas as principais informações sobre o estudo, como tema e objetivo, dentre outras informações. Este TCLE se refere a dissertação de mestrado do Programa de Pós-graduação em Ensino de Humanidades e Linguagens – PPEHL, intitulada: “O ensino de Língua Indígena na Escola Ixubay Rabui Puyanawa nas series iniciais do Ensino Fundamental I como ferramenta agregadora para o fortalecimento cultural do povo Puyanawa”. Cujo objetivo geral é “analisar como é desenvolvido o ensino de Língua Indígena na Escola Ixubay Rabui Puyanawa nos anos iniciais do Ensino Fundamental de 1º ao 5º ano e como este vem a contribuir com fortalecimento cultural do grupo étnico Puyanawa.”

Você também poderá solicitar aos pesquisadores do estudo uma versão deste documento a qualquer momento por um dos e-mails registrados no final deste termo.

A pesquisa será realizada por meio de uma enquete presencial, através da oralidade onde a entrevista será gravada, com perguntas pré-estabelecidas.

Os pesquisadores garantem e se comprometem com o sigilo e a confidencialidade de todas as informações fornecidas por você para este estudo. Da mesma forma, o tratamento dos dados coletados seguirá as determinações da Lei Geral de Proteção de Dados (LGPD – Lei 13.709/18).

A presente pesquisa está sendo desenvolvida na Terra Indígena Puyanawa e é de conhecimento da comunidade/aldeias, localizada na zona rural do município de Mâncio Lima. Sendo que a mesma foi comunicada e tem o aceite da liderança majoritária do povo Puyanawa, o cacique Joel Ferreira de Lima. Onde a pesquisadora é indígena do grupo étnico Puyanawa.

Mestranda: Kely Costa de Lima (Paxidu Puyanawa). Contato: (68) 992500026 - e-mail: [kely.lima@sou.ufac.com](mailto:kely.lima@sou.ufac.com)

Orientador: José Alessandro Cândido da Silva. Contato: (68) 999732925 - e-mail: [alessandroczs@bol.com.br](mailto:alessandroczs@bol.com.br)

**CONSENTIMENTO DE PARTICIPAÇÃO**

Eu, concordo em participar voluntariamente do presente estudo como participante. O pesquisador me informou sobre tudo o que vai acontecer na pesquisa. O pesquisador me garantiu que eu poderei sair da pesquisa a qualquer momento, sem dar nenhuma explicação.

Aceito participar

Não aceito participar

Mâncio Lima, Acre 18, de setembro de 2022

Assinatura do participante: Eduardo Lima Silva Kaini

## TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE) UTILIZADO PARA REALIZAÇÃO DAS ENTREVISTAS

Você está sendo convidado(a) para participar, como voluntário(a), em uma pesquisa científica. Caso você não queira participar, não há problema algum. Você tem todo o direito de não querer participar do estudo, basta selecionar a opção correspondente no final desta página.

Para confirmar sua participação você precisará ler este documento e depois selecionar a opção correspondente no final dele. Este documento se chama TCLE (Termo de Consentimento livre e esclarecido). Nele estão contidas as principais informações sobre o estudo, como tema e objetivo, dentre outras informações. Este TCLE se refere a dissertação de mestrado do Programa de Pós-graduação em Ensino de Humanidades e Linguagens – PPEHL, intitulada: “O ensino de Língua Indígena na Escola Ixubay Rabui Puyanawa nas series iniciais do Ensino Fundamental I como ferramenta agregadora para o fortalecimento cultural do povo Puyanawa”. cujo objetivo geral é “analisar como é desenvolvido o ensino de Língua Indígena na Escola Ixubay Rabui Puyanawa nos anos iniciais do Ensino Fundamental de 1º ao 5º ano e como este vem a contribuir com fortalecimento cultural do grupo étnico Puyanawa.”

Você também poderá solicitar aos pesquisadores do estudo uma versão deste documento a qualquer momento por um dos e-mails registrados no final deste termo.

A pesquisa será realizada por meio de uma enquete presencial, através da oralidade onde a entrevista será gravada, com perguntas pré-estabelecidas.

Os pesquisadores garantem e se comprometem com o sigilo e a confidencialidade de todas as informações fornecidas por você para este estudo. Da mesma forma, o tratamento dos dados coletados seguirá as determinações da Lei Geral de Proteção de Dados (LGPD – Lei 13.709/18).

A presente pesquisa está sendo desenvolvida na Terra Indígena Puyanawa e é de conhecimento da comunidade/aldeias, localizada na zona rural do município de Mâncio Lima. Sendo que a mesma foi comunicada e tem o aceite da liderança majoritária do povo Puyanawa, o cacique Joel Ferreira de Lima. Onde a pesquisadora é indígena do grupo étnico Puyanawa.

Mestranda: Kely Costa de Lima (Paxidu Puyanawa). Contato: (68) 992500026 - e-mail: [kely.lima@sou.ufac.com](mailto:kely.lima@sou.ufac.com)

Orientador: José Alessandro Cândido da Silva. Contato: (68) 999732925 - e-mail: [alessandroczs@bol.com.br](mailto:alessandroczs@bol.com.br)

### CONSENTIMENTO DE PARTICIPAÇÃO

Eu, concordo em participar voluntariamente do presente estudo como participante. O pesquisador me informou sobre tudo o que vai acontecer na pesquisa. O pesquisador me garantiu que eu poderei sair da pesquisa a qualquer momento, sem dar nenhuma explicação.

Aceito participar (X)

Não aceito participar ( )

Mâncio Lima, Acre 07, de Dezembro de 2022

Assinatura do participante: Samuel Pereira Jacquin

## TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE) UTILIZADO PARA REALIZAÇÃO DAS ENTREVISTAS

Você está sendo convidado(a) para participar, como voluntário(a), em uma pesquisa científica. Caso você não queira participar, não há problema algum. Você tem todo o direito de não querer participar do estudo, basta selecionar a opção correspondente no final desta página.

Para confirmar sua participação você precisará ler este documento e depois selecionar a opção correspondente no final dele. Este documento se chama TCLE (Termo de Consentimento livre e esclarecido). Nele estão contidas as principais informações sobre o estudo, como tema e objetivo, dentre outras informações. Este TCLE se refere a dissertação de mestrado do Programa de Pós-graduação em Ensino de Humanidades e Linguagens – PPEHL, intitulada: “O ensino de Língua Indígena na Escola Ixubay Rabui Puyanawa nas series iniciais do Ensino Fundamental I como ferramenta agregadora para o fortalecimento cultural do povo Puyanawa”. Cujo objetivo geral é “analisar como é desenvolvido o ensino de Língua Indígena na Escola Ixubay Rabui Puyanawa nos anos iniciais do Ensino Fundamental de 1º ao 5º ano e como este vem a contribuir com fortalecimento cultural do grupo étnico Puyanawa.”

Você também poderá solicitar aos pesquisadores do estudo uma versão deste documento a qualquer momento por um dos e-mails registrados no final deste termo.

A pesquisa será realizada por meio de uma enquete presencial, através da oralidade onde a entrevista será gravada, com perguntas pré-estabelecidas.

Os pesquisadores garantem e se comprometem com o sigilo e a confidencialidade de todas as informações fornecidas por você para este estudo. Da mesma forma, o tratamento dos dados coletados seguirá as determinações da Lei Geral de Proteção de Dados (LGPD – Lei 13.709/18).

A presente pesquisa está sendo desenvolvida na Terra Indígena Puyanawa e é de conhecimento da comunidade/aldeias, localizada na zona rural do município de Mâncio Lima. Sendo que a mesma foi comunicada e tem o aceite da liderança majoritária do povo Puyanawa, o cacique Joel Ferreira de Lima. Onde a pesquisadora é indígena do grupo étnico Puyanawa.

Mestranda: Kely Costa de Lima (Paxidu Puyanawa). Contato: (68) 992500026 - e-mail: [kely.lima@sou.ufac.com](mailto:kely.lima@sou.ufac.com)

Orientador: José Alessandro Cândido da Silva. Contato: (68) 999732925 - e-mail: [alessandroczs@bol.com.br](mailto:alessandroczs@bol.com.br)

### CONSENTIMENTO DE PARTICIPAÇÃO

Eu, concordo em participar voluntariamente do presente estudo como participante. O pesquisador me informou sobre tudo o que vai acontecer na pesquisa. O pesquisador me garantiu que eu poderei sair da pesquisa a qualquer momento, sem dar nenhuma explicação.

Aceito participar (X)

Não aceito participar ( )

Mâncio Lima, Acre 16, de Janeiro de 2023

Assinatura do participante: Maria Valéria Souza dos Santos

**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)  
UTILIZADO PARA REALIZAÇÃO DAS ENTREVISTAS**

Você está sendo convidado(a) para participar, como voluntário(a), em uma pesquisa científica. Caso você não queira participar, não há problema algum. Você tem todo o direito de não querer participar do estudo, basta selecionar a opção correspondente no final desta página.

Para confirmar sua participação você precisará ler este documento e depois selecionar a opção correspondente no final dele. Este documento se chama TCLE (Termo de Consentimento livre e esclarecido). Nele estão contidas as principais informações sobre o estudo, como tema e objetivo, dentre outras informações. Este TCLE se refere a dissertação de mestrado do Programa de Pós-graduação em Ensino de Humanidades e Linguagens – PPEHL, intitulada: “O ensino de Língua Indígena na Escola Ixubay Rabui Puyanawa nas séries iniciais do Ensino Fundamental I como ferramenta agregadora para o fortalecimento cultural do povo Puyanawa”. Cujo objetivo geral é “analisar como é desenvolvido o ensino de Língua Indígena na Escola Ixubay Rabui Puyanawa nos anos iniciais do Ensino Fundamental de 1º ao 5º ano e como este vem a contribuir com fortalecimento cultural do grupo étnico Puyanawa.”

Você também poderá solicitar aos pesquisadores do estudo uma versão deste documento a qualquer momento por um dos e-mails registrados no final deste termo.

A pesquisa será realizada por meio de uma enquete presencial, através da oralidade onde a entrevista será gravada, com perguntas pré-estabelecidas.

Os pesquisadores garantem e se comprometem com o sigilo e a confidencialidade de todas as informações fornecidas por você para este estudo. Da mesma forma, o tratamento dos dados coletados seguirá as determinações da Lei Geral de Proteção de Dados (LGPD – Lei 13.709/18).

A presente pesquisa está sendo desenvolvida na Terra Indígena Puyanawa e é de conhecimento da comunidade/aldeias, localizada na zona rural do município de Mâncio Lima. Sendo que a mesma foi comunicada e tem o aceite da liderança majoritária do povo Puyanawa, o cacique Joel Ferreira de Lima. Onde a pesquisadora é indígena do grupo étnico Puyanawa.

Mestranda: Kely Costa de Lima (Paxidu Puyanawa). Contato: (68) 992500026 - e-mail: [kely.lima@sou.ufac.com](mailto:kely.lima@sou.ufac.com)

Orientador: José Alessandro Cândido da Silva. Contato: (68) 999732925 - e-mail: [alessandroczs@bol.com.br](mailto:alessandroczs@bol.com.br)

**CONSENTIMENTO DE PARTICIPAÇÃO**

Eu, concordo em participar voluntariamente do presente estudo como participante. O pesquisador me informou sobre tudo o que vai acontecer na pesquisa. O pesquisador me garantiu que eu poderei sair da pesquisa a qualquer momento, sem dar nenhuma explicação.

Aceito participar

Não aceito participar

Mâncio Lima, Acre 12, de Setembro de 2022

Assinatura do participante: Edwânia de Araújo Alves

**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)  
UTILIZADO PARA REALIZAÇÃO DAS ENTREVISTAS**

Você está sendo convidado(a) para participar, como voluntário(a), em uma pesquisa científica. Caso você não queira participar, não há problema algum. Você tem todo o direito de não querer participar do estudo, basta selecionar a opção correspondente no final desta página.

Para confirmar sua participação você precisará ler este documento e depois selecionar a opção correspondente no final dele. Este documento se chama TCLE (Termo de Consentimento livre e esclarecido). Nele estão contidas as principais informações sobre o estudo, como tema e objetivo, dentre outras informações. Este TCLE se refere a dissertação de mestrado do Programa de Pós-graduação em Ensino de Humanidades e Linguagens – PPEHL, intitulada: “O ensino de Língua Indígena na Escola Ixubay Rabui Puyanawa nas series iniciais do Ensino Fundamental I como ferramenta agregadora para o fortalecimento cultural do povo Puyanawa”. Cujo objetivo geral é “analisar como é desenvolvido o ensino de Língua Indígena na Escola Ixubay Rabui Puyanawa nos anos iniciais do Ensino Fundamental de 1º ao 5º ano e como este vem a contribuir com fortalecimento cultural do grupo étnico Puyanawa.”

Você também poderá solicitar aos pesquisadores do estudo uma versão deste documento a qualquer momento por um dos e-mails registrados no final deste termo.

A pesquisa será realizada por meio de uma enquete presencial, através da oralidade onde a entrevista será gravada, com perguntas pré-estabelecidas.

Os pesquisadores garantem e se comprometem com o sigilo e a confidencialidade de todas as informações fornecidas por você para este estudo. Da mesma forma, o tratamento dos dados coletados seguirá as determinações da Lei Geral de Proteção de Dados (LGPD – Lei 13.709/18).

A presente pesquisa está sendo desenvolvida na Terra Indígena Puyanawa e é de conhecimento da comunidade/aldeias, localizada na zona rural do município de Mâncio Lima. Sendo que a mesma foi comunicada e tem o aceite da liderança majoritária do povo Puyanawa, o cacique Joel Ferreira de Lima. Onde a pesquisadora é indígena do grupo étnico Puyanawa.

Mestranda: Kely Costa de Lima (Paxidu Puyanawa). Contato: (68) 992500026 - e-mail: [kely.lima@sou.ufac.com](mailto:kely.lima@sou.ufac.com)

Orientador: José Alessandro Cândido da Silva. Contato: (68) 999732925 - e-mail: [alessandroczs@bol.com.br](mailto:alessandroczs@bol.com.br)

**CONSENTIMENTO DE PARTICIPAÇÃO**

Eu, concordo em participar voluntariamente do presente estudo como participante. O pesquisador me informou sobre tudo o que vai acontecer na pesquisa. O pesquisador me garantiu que eu poderei sair da pesquisa a qualquer momento, sem dar nenhuma explicação.

Aceito participar

Não aceito participar

Mâncio Lima, Acre 24, de Setembro de 2022.

Assinatura do participante: Joel Luiz Martins de Lima (Pauze)

## TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE) UTILIZADO PARA REALIZAÇÃO DAS ENTREVISTAS

Você está sendo convidado(a) para participar, como voluntário(a), em uma pesquisa científica. Caso você não queira participar, não há problema algum. Você tem todo o direito de não querer participar do estudo, basta selecionar a opção correspondente no final desta página.

Para confirmar sua participação você precisará ler este documento e depois selecionar a opção correspondente no final dele. Este documento se chama TCLE (Termo de Consentimento livre e esclarecido). Nele estão contidas as principais informações sobre o estudo, como tema e objetivo, dentre outras informações. Este TCLE se refere a dissertação de mestrado do Programa de Pós-graduação em Ensino de Humanidades e Linguagens – PPEHL, intitulada: “O ensino de Língua Indígena na Escola Ixubay Rabui Puyanawa nas series iniciais do Ensino Fundamental I como ferramenta agregadora para o fortalecimento cultural do povo Puyanawa”. Cujo objetivo geral é “analisar como é desenvolvido o ensino de Língua Indígena na Escola Ixubay Rabui Puyanawa nos anos iniciais do Ensino Fundamental de 1º ao 5º ano e como este vem a contribuir com fortalecimento cultural do grupo étnico Puyanawa.”

Você também poderá solicitar aos pesquisadores do estudo uma versão deste documento a qualquer momento por um dos e-mails registrados no final deste termo.

A pesquisa será realizada por meio de uma enquete presencial, através da oralidade onde a entrevista será gravada, com perguntas pré-estabelecidas.

Os pesquisadores garantem e se comprometem com o sigilo e a confidencialidade de todas as informações fornecidas por você para este estudo. Da mesma forma, o tratamento dos dados coletados seguirá as determinações da Lei Geral de Proteção de Dados (LGPD – Lei 13.709/18).

A presente pesquisa está sendo desenvolvida na Terra Indígena Puyanawa e é de conhecimento da comunidade/aldeias, localizada na zona rural do município de Mâncio Lima. Sendo que a mesma foi comunicada e tem o aceite da liderança majoritária do povo Puyanawa, o cacique Joel Ferreira de Lima. Onde a pesquisadora é indígena do grupo étnico Puyanawa.

Mestranda: Kely Costa de Lima (Paxidu Puyanawa). Contato: (68) 992500026 - e-mail: [kely.lima@sou.ufac.com](mailto:kely.lima@sou.ufac.com)

Orientador: José Alessandro Cândido da Silva. Contato: (68) 999732925 - e-mail: [alessandroczs@bol.com.br](mailto:alessandroczs@bol.com.br)

### CONSENTIMENTO DE PARTICIPAÇÃO

Eu, concordo em participar voluntariamente do presente estudo como participante. O pesquisador me informou sobre tudo o que vai acontecer na pesquisa. O pesquisador me garantiu que eu poderei sair da pesquisa a qualquer momento, sem dar nenhuma explicação.

Aceito participar

Não aceito participar

Mâncio Lima, Acre 18, de Novembro de 2022

Assinatura do participante: Francisco Severino Nascimento dos Santos

**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)  
UTILIZADO PARA REALIZAÇÃO DAS ENTREVISTAS**

Você está sendo convidado(a) para participar, como voluntário(a), em uma pesquisa científica. Caso você não queira participar, não há problema algum. Você tem todo o direito de não querer participar do estudo, basta selecionar a opção correspondente no final desta página.

Para confirmar sua participação você precisará ler este documento e depois selecionar a opção correspondente no final dele. Este documento se chama TCLE (Termo de Consentimento livre e esclarecido). Nele estão contidas as principais informações sobre o estudo, como tema e objetivo, dentre outras informações. Este TCLE se refere a dissertação de mestrado do Programa de Pós-graduação em Ensino de Humanidades e Linguagens – PPEHL, intitulada: “O ensino de Língua Indígena na Escola Ixubay Rabui Puyanawa nas series iniciais do Ensino Fundamental I como ferramenta agregadora para o fortalecimento cultural do povo Puyanawa”. Cujo objetivo geral é “analisar como é desenvolvido o ensino de Língua Indígena na Escola Ixubay Rabui Puyanawa nos anos iniciais do Ensino Fundamental de 1º ao 5º ano e como este vem a contribuir com fortalecimento cultural do grupo étnico Puyanawa.”

Você também poderá solicitar aos pesquisadores do estudo uma versão deste documento a qualquer momento por um dos e-mails registrados no final deste termo.

A pesquisa será realizada por meio de uma enquete presencial, através da oralidade onde a entrevista será gravada, com perguntas pré-estabelecidas.

Os pesquisadores garantem e se comprometem com o sigilo e a confidencialidade de todas as informações fornecidas por você para este estudo. Da mesma forma, o tratamento dos dados coletados seguirá as determinações da Lei Geral de Proteção de Dados (LGPD – Lei 13.709/18).

A presente pesquisa está sendo desenvolvida na Terra Indígena Puyanawa e é de conhecimento da comunidade/aldeias, localizada na zona rural do município de Mâncio Lima. Sendo que a mesma foi comunicada e tem o aceite da liderança majoritária do povo Puyanawa, o cacique Joel Ferreira de Lima. Onde a pesquisadora é indígena do grupo étnico Puyanawa.

Mestranda: Kely Costa de Lima (Paxidu Puyanawa). Contato: (68) 992500026 - e-mail: [kely.lima@sou.ufac.com](mailto:kely.lima@sou.ufac.com)

Orientador: José Alessandro Cândido da Silva. Contato: (68) 999732925 - e-mail: [alessandroczs@bol.com.br](mailto:alessandroczs@bol.com.br)

**CONSENTIMENTO DE PARTICIPAÇÃO**

Eu, concordo em participar voluntariamente do presente estudo como participante. O pesquisador me informou sobre tudo o que vai acontecer na pesquisa. O pesquisador me garantiu que eu poderei sair da pesquisa a qualquer momento, sem dar nenhuma explicação.

Aceito participar (X)

Não aceito participar ( )

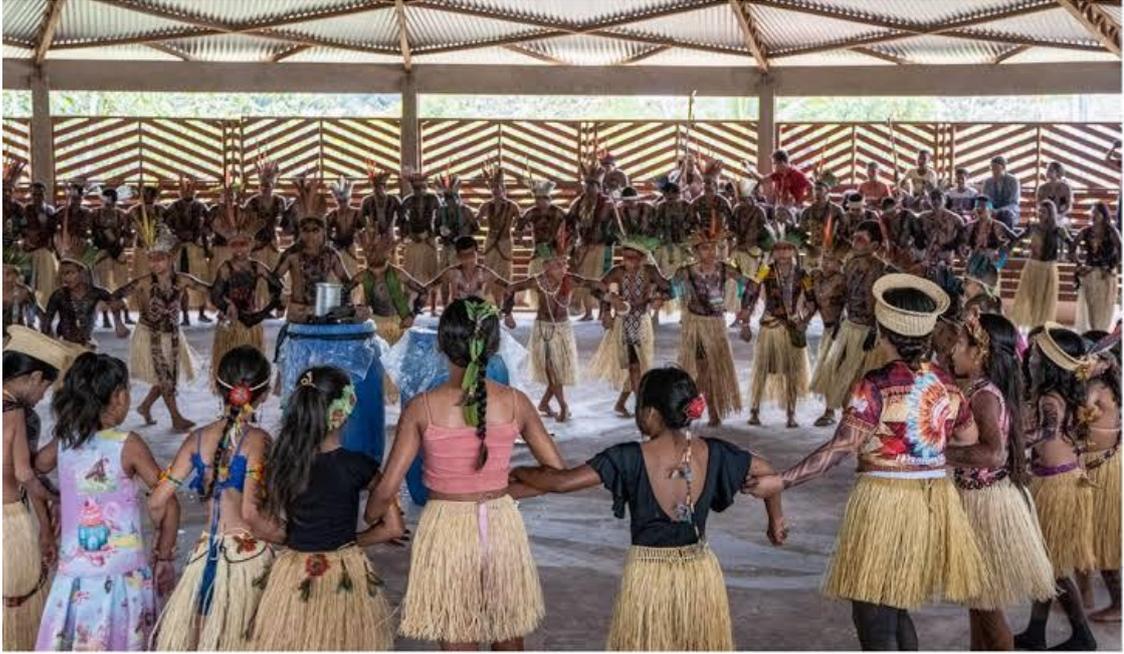
Mâncio Lima, Acre 25, de setembro de 2022

Assinatura do participante: Glinda Martins dos Santos















APÊNDICE IV

**EWETE TĀDAYA  
IXUBĀY RABUI PUYANAWA  
4º BIMESTRE  
INÍCIO: 16.11.2022  
TÉRMINO: 27.01.2023**

**MIWAVU**



**KĀDEA BAYTIA PAXIDU  
3º RUĀKI**

**RUĀKI 2022**

**ANO LETIVO 2022 -4º BIMESTRE -2022  
TEMA: CULTURA**

**EWETE TĀDAYA IXUBAY RABUI PUYANAWA  
KĀDEA BAYTIA: PAXIDU PUYANAWA  
3º RUĀKI**

**ROTINA DIÁRIA**

**PERÍODO DE 16.11 A 19.11.2022**

Rotina de atividades para realização diariamente:

**MOMENTO INICIAL:**

**\*Atividades permanentes:**

\*As atividades permanentes serão realizadas diariamente, podendo ser realizadas integralmente no início da aula, ou ainda no final da aula de acordo com as possibilidades e ainda levando em consideração a necessidade, mediante olhar minucioso da professora.

- Dança cultural, alfabeto, quadro numérico, quantos somos hoje? palavra do dia, vamos contar, dias da semana na língua indígena Puyanawa, cores na língua indígena Puyanawa, números na língua indígena Puyanawa, etc...

**\*Leitura diária:**

- Diariamente será realizada a leitura de um determinado gênero textual. Podendo esta ser realizado pela professora ou ainda pelos próprios alunos;
- Com exploração oral e escrita, bem como as devidas intervenções pedagógicas necessárias.

KAWATU 16.11.2022

**DESENVOLVIMENTO METODOLÓGICO**

**1º MOMENTO:**

- CONVERSA INFORMAL;
- REPASSES E INFORMES SOBRE OS TEMAS QUE IREMOS TRABALHAR NO ULTIMO BIMESTRE DO ANO LETIVO.

**2º MOMENTO:**

- AULA INTERDISCIPLINAR NO AUDITÓRIO COM AS TURMAS DE 1º AO 5º JUNTAS;
- RECURSO AUDIOVISUAL: APRESENTAÇÃO DE SLIDES;
- INICIO DO BIMESTRE: TEMA CULTURA

KIWITU 17.11.2022

ANEXOS:

ALUNO: \_\_\_\_\_ DATA: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

ATIVIDADE

1. VAMOS FAZER A LEITURA DAS PALAVRAS E FAZER O QUE SE PEDE EM CADA QUADRINHO. OBSERVE O EXEMPLO:

PALAVRA	QUANTAS LETRAS	SÍLABA INICIAL	SÍLABA FINAL	SEPARAÇÃO SÍLABICA	ESCRITA EM LETRA CURSIVA
CULTURA	7	CUL	RA	CUL - TU - RA	<i>cultura</i>
MATERIAL					
IMATERIAL					
DANÇA					
PINTURAS					
ARTESANATOS					
COMIDAS					
VALORIZAÇÃO					
RESPEITO					
RESISTÊNCIA					

2. ESCOLHA DUAS PALAVRAS E ESCREVA UMA FRASE PARA CADA PALAVRA

1. \_\_\_\_\_

2. \_\_\_\_\_